JULIO DANTAS
ESPADAS
E
ROSAS
SOCIEDADE EDITORA PORTUGAL BRASIL L.da
R. GARRETT LISBOA

ESPADAS E ROSAS

RUA SANTO ANTONIO
CAIXA POSTAL 899
TELEPHONE CENTRAL 2[illegible]
RIO DE JANEIRO

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

POESIA

Nada (1896) — 2.ª edição.
Sonetos (1916) — 2.ª edição.

PROSA

Outros tempos (1909) — 2.ª edição.
Estática e dinâmica da fisionomia (1909) — 2.ª edição.
Figuras de ontem e de hoje (1914) — 2.ª edição.
Pátria Portuguesa (1914) — 3.ª edição.
Ao ouvido de M.me X (1915) — 3.ª edição.
O amor em Portugal no século XVIII (1915) — 2.ª edição.
Mulheres (1916) — 2.ª edição.
Eles e Elas (1918) — 2.ª edição.
Espadas e Rosas (1919).

TEATRO

O que morreu de amor (1899) — 4.ª edição.
Viriato Trágico (1900) — 2.ª edição.
A Severa (1901) — 3.ª edição.
Crucificados (1902) — 2.ª edição.
Ceia dos Cardeais (1902) — 22.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1902) — 3.ª edição.
Paço de Veiros (1903) — 2.ª edição.
Um serão nas Laranjeiras (1904) — 3.ª edição.
Rei Lear (1906).
Rosas de todo o ano (1907) — 7.ª edição.
Mater Dolorosa (1908) — 4.ª edição.
Santa Inquisição (1910) — 2.ª edição.
Primeiro Beijo (1911) — 3.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912) — 2.ª edição.
O Reposteiro Verde (1912) — 2.ª edição.
1023 (1914).
Sóror Mariana (1915) — 2.ª edição.
Carlota Joaquina (1919).

A data indicada para cada obra é a da sua primeira edição.

JÚLIO DANTAS
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira

ESPADAS E ROSAS

1.º MILHAR

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58, RUA GARRETT, 60

RIO DE JANEIRO
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Reservados todos os direitos de reprodução: em Portugal, conforme preceituam as disposições do *Código Civil Portuguez;* no Brazil, nos termos do convénio de 9 de setembro de 1889 e lei n.º 2.577 de 17 de Janeiro de 1912; nos paizes convencionados, em harmonia com a Conferencia de Berna, a que Portugal aderiu por decreto de 18 de março de 1911.

Tip. do Anuário Comercial — Praça dos Restauradores, 24 — Lisboa

AO EMINENTE JORNALISTA

DR. EDMUNDO BITTENCOURT

Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/espadaserosas00dant

A «BLAGUE» DE GIL POMPEIA

Fomos tomar o café para a sala de fumar. O quinteto tocou o *Manfredo*, de Schumann. A Viscondessa de ***, loira e friorenta, que jantara com o regalo no colo, e cujas mãos finas, quasi espirituais, lembravam certos retratos de Reynolds, falou da guerra, do horror dos torpedeamentos, da crueldade dos *raids* sôbre Londres, e perguntou, indignada, se ainda haveria alguem que tivesse a impassibilidade de nervos suficiente para poder ouvir música alemã. O dr. Gil Pompeia, que a olhava sorrindo, a fita do monóculo entre os dedos, uma orquídea vermelha sangrando na banda de sêda da casaca, deixou-a falar, admirou um instante, em silêncio, os caracois fulvos, Buster Brown, que lhe escondiam a concha côr de rosa das orelhas, e acabou por lhe dizer, com a maior naturalidade do mundo:

— Mas, se a guerra continúa, minha senhora, é porque v. ex.ª quer.

— Eu?

— Quando digo a Viscondessa, quero dizer todas as mulheres. Se a guerra ainda não terminou, foi porque vv. ex.ªs não quizeram.

— Mas que fôrça temos nós para a evitar?

— Vv. ex.ªs? Teem a maior, a mais espantosa, a mais formidável de todas as fôrças, minha amiga!

— Qual?

— A fôrça da sua fraqueza.

Olhámos todos, interrogativamente, a face rosada, o sorriso paradoxal de Gil Pompeia. Os criados vieram servir o café. Pela sala, um Império-Groult moderno, verde-rã e oiro, espalhou-se o fumo dos primeiros cigarros. Imperturbável, brincando distraídamente com um cinzeiro de Delft, o dr. Pompeia continuou:

— No dia em que todas as mulheres se entenderem, a guerra terá tocado o seu fim. O que é preciso para que as mulheres se entendam? Não serem mulheres, — dirá v. ex.ª. Mas v. ex.ª há de permitir-me que a não acompanhe no domínio da *blague*. A Eva moderna precisa, antes de tudo, de estabelecer um acôrdo feminino internacional. Precisa de organizar a associação universal das

mulheres. Precisa, numa palavra, — de sindicalizar a beleza. Responder-me-há v. ex.ª que não é fácil; que não existe o espírito-de-sexo como existe o espírito-de-classe; que não é de esperar que dezenas de milhões de mulheres estejam de acôrdo, quando duas mulheres juntas nunca se entenderam; e, finalmente, dir-me-há v. ex.ª, senhora Viscondessa, com o mais encantador dos seus sorrisos, que à mulher nunca foi agradável associar-se senão com o homem. Mas eu contesto. Que foi, há três anos, o movimento sufragista de Londres? Que foram os comícios de Hyde Park, os arsenais de bombas de Notting Hall, as sociedades secretas inglesas destinadas à propaganda do feminismo pelo facto, o terror *en dentelles* que se seguiu ao malôgro da proposta Dickinson, os acordos internacionais com as sufragistas alemãs, com as sufragistas *yankees*, com as feministas italianas da marquesa de Pelicano, — senão expressões de uma vasta organização, de um *complot* universal da mulher contra o seu inimigo adorado — o homem? Logo, nas mulheres existe espírito de solidariedade, capacidade de associação, e, portanto, o sindicato internacional da beleza seria, neste momento, uma coisa relativamente fácil de conseguir-se.

— Mas, meu caro senhor, como poderia isso contribuír para o fim da guerra? — perguntou, já interessada, a Viscondessa de ***, acariciando, com os dedos finos de deusa, a lontra macia do seu enorme regalo.

— Muito simplesmente, minha amiga. Uma vez constituída, a união internacional dos sindicatos femininos decretaria a *boycottage* do homem e a greve geral do amor. Até que o sexo forte se resolvesse a terminar de uma vez para sempre a guerra no mundo, — o amor, fonte, germen, origem, alma resplandecente da vida, desapareceria da face da terra. Vénus cruzaria os braços e velaria o seu corpo imortal. Nunca mais, no silêncio doirado de Veneza, onde até as pedras amam, se ouviria chilrear um beijo. Estancaria, em todos os seios fecundos de mulher, o leite da ternura humana. Seria a esterilidade, o desespêro, a desolação. Perante êste problema social, perante êste problema demográfico, perante êste problema (perdôeme v. ex.ª) fisiológico, — que poderia fazer o homem? Render-se. Capitular. E o flagelo da guerra acabaria. V. ex.ª sorri-se. Considera isto um absurdo, uma fantasia de erudito. E, entretanto, minha querida Viscondessa, a greve geral do amor é uma idéa tão velha, que tem vinte e cinco séculos de ida-

de. Sabe quem primeiro a lançou? Aristophanes. Leia v. ex.ª êsse adorável, êsse colorido fresco, que é a *Lysistrata*. Fatigadas dos horrores da guerra do Peloponeso, as mulheres de Atenas entenderam-se com as lacedemónias, invadiram a Acrópole, proclamaram um govêrno, decretaram que nem uma só mulher grega, emquanto durasse a guerra, se deixaria beijar ou possuír por um homem. E a paz fez-se. O que são, no seu *péplos* amarelo e nos seus sócos doirados, as figuras maravilhosas de Myrrhina, de Lampito, de Calónice, pequenas Tanagras que o ódio ao homem fundiu em bronze, — senão grèvistas do amor, precursoras do grande movimento pan-feminista que àmanhã, se vv. ex.ªs todas quizessem, libertaria o mundo e traria a paz?

O dr. Gil Pompeia calou-se. As últimas notas da *ouverture* de Schumann esvaíram-se no ar. Graciosamente, a Viscondessa recostou-se no seu *Récamier*, cruzou a perna, e fazendo trepidar o pequeno pé nervoso calçado de sêda preta, disse, sorrindo:

— Quer saber a minha opinião, doutor?

— V. ex.ª dirá.

— Antes continúe a guerra...

ELOGIO DOS QUARENTA ANOS

Meu querido filho. — Deixei-te esta carta com a recomendação de só a abrires no dia em que fizesses quarenta anos. Não foi uma fantasia minha êste pedido. A êsse tempo já eu não pertenço, com certeza, ao número dos vivos; e como, para um homem que amou e viveu, não há outro dia mais triste do que aquele em que para sempre se despede das ilusões da juventude, quero que, na hora em que chegarem os teus quarenta anos, sintas junto de ti, senão já a minha mão amiga, ao menos o meu conselho, o meu pensamento e a minha alma. Todos nós, quando passamos por êste transe — e não me falem na insensibilidade dos espíritos superiores! — julgamos que, por que a mocidade cerrou para nós a sua porta de oiro, infalivelmente começam os gelos, as devastações e as renúncias da velhice. Não, meu

Jorge. E' aos quarenta anos que, em toda a sua plenitude, em toda a sua fôrça magnífica, em toda a sua pujante serenidade, a vida principia. Será, talvez, a idade da decadência da mulher; mas é o período de esplendor do homem. Não suponhas que a tua juventude esgotou a taça de todos os prazeres, e que já nada resta aos teus cabelos grisalhos senão as recordações saudosas, os afectos tranqùilos e as alegrias patriarcais. O teu zenite começa agora; e nem tu calculas, meu filho, como, no equilíbrio perfeito de todas as nossas faculdades, na posse exuberante de todo o nosso instinto de viver, a existência nos parece bela, as emoções nos parecem profundas, e todos nós respiramos, a plenos pulmões, harmonia, plenitude, beleza, fôrça! A mocidade é uma corrida vertiginosa: colhemos a flor da vida; mas, tão rápida é a nossa carreira, que mal temos tempo para lhe aspirar o perfume. Aos quarenta anos, não; aos quarenta anos tudo muda. Começamos a parar no caminho para sentir o deslumbramento de tudo quanto nos rodeia. O bezoiro inquieto e doirado que esvoaçava dentro de nós, sossega, emfim, para sorver lentamente, voluptuosamente, o hálito dionisíaco da terra em flor. Já não devoramos a existência; respirâmo-la; saboreâmo-la. Os

quarenta anos são o nosso jardim de Epicuro. A nossa sensibilidade, que julgávamos adormecida e fatigada, parece despertar para o gôso de sensações novas, de emoções desconhecidas, cuja intensidade nos desconcerta e nos cria a ilusão de que alguma coisa de virginal havia ainda dentro de nós. E' a idade em que melhor se ama; mas é também — diz-to a longa experiência da minha vida de *jouisseur* impenitente — a idade em que se é mais amado. Não sei explicar o efeito de sedução, de fascinação e de encanto que produzem sôbre a mulher os primeiros cabelos brancos do homem: sei apenas, meu filho, que só quando principiaram a empoar-se-me as fontes, só quando a primeira névoa de prata caíu sôbre a minha cabeça, é que eu tive a noção perfeita, a consciência exacta do poder, da fôrça máscula de dominação que o nosso sexo exerce sôbre o espírito, sôbre os nervos, sôbre a alma instável e fugitiva da mulher. Emquanto fui novo, senti à minha volta o desejo, a galanteria, a curiosidade, a sensualidade, a ternura, o amor: só depois dos quarenta anos conheci a paixão. O sentimento profundo que domina uma alma e que decide de uma existência, o amor que morre e que mata, a paixão que ilumina e que transfigura, só os primeiros cabelos

brancos teem o poder de os despertar, só os quarenta anos os conhecem, só a maturidade viril e reflexiva do homem pode inspirá-los e sentí-los. Chegou, meu Jorge, o momento mais delicado de toda a tua vida de coração. Estás na idade dos homens fatais e das paixões fatais. Os teus cabelos grisalhos não são uma despedida; mas são uma advertência. Nada do que vai passar-se, daqui em diante, no teu instinto e nos teus afectos, se parecerá com a futilidade brilhante, com a elegância voluptuosa das tuas aventuras da mocidade. Nesta altura da vida, o amor deixa de ser um sorriso ligeiro, para se tornar um acontecimento grave. Aos quarenta, já não se pode amar com o coração dos vinte anos. Lembras-te da frase do marquês de Lauzun, que eu tantas vezes te repeti quando, como um irmão mais velho, te contava as minhas extravagâncias de solteirão? Pois bem, meu filho,—*il faut avoir le coeur de son âge*. Hás-de ser rodeado, desejado, solicitado por muitas mulheres; não terão conta as que hão de caír em êxtase diante do teu perfil de medalha, dos teus olhos de napolitano, do prestígio da primeira neve que empoar a tua bela cabeça: mas, meu rapaz, não disperses pródigamente o teu coração amando todas, como fizeste na juventude; escolhe

uma só, e ama então como se deve amar aos quarenta anos, com uma ternura profunda, com um sentimento cheio de dignidade, de respeito e de elevação. Quando se entrou no verão esplêndido da vida, é êste o único caminho que pode conduzir à felicidade. Mas — dirás tu — por que fez meu pai, dissipador magnífico dos prazeres e dos afectos da existência, precisamente o contrário do que me recomenda a mim? Por que teu avô esqueceu-se de me aconselhar no dia em que eu fiz quarenta anos. Se Deus quizer, Jorge, que tu sejas àmanhã tão louco como eu fui, dize ao teu filho — que importa uma mentira piedosa? — dize-lhe ao menos que eu também te não aconselhei a ti, mas copía esta carta e deixa-lha como se fôsse tua, porque eu creio que não há alegria para o coração de um pai, que valha a certeza da felicidade de um filho.—Beija-te o teu, como irmão, — *José*.

A CATEDRAL DE AMIENS

As granadas cáem sôbre a catedral de Amiens.

A irmã mais nova de Reims, a mais alta maravilha de equilíbrio e de estructura que produziu no século XIII o gótico normando, a formidável basílica picarda trabalhada no lioz doirado de Senlis e de Vernon, eriçada de tôrres, de flechas, de agulhas, de lanternins, de sineiras, de coruchéus, a catedral que foi o sonho do bispo Evrard de Fouilloy, a alma resplandecente do mestre laico Robert de Luzarches, cujo trifório viu tremular a auriflama de S. Luís, em cuja nave sagrada ressoaram os borzeguins de ferro de Filipe-Augusto, a filha querida de Bourges e de Mans, a mãe espiritual de Troyes, de Tours, de Beauvais, de Ruão, de Colónia, expressão suprema do génio de um povo, flor ogival por cujas gárgulas de pedra

sete séculos choraram, — será àmanhã, talvez, como Reims, como Soissons, como Arrás, um montão de escombros, um esqueleto fumegante, uma ruína, um fantasma, uma sombra. Revejo-a, evoco-a, sinto-a diante de mim, vagamente envôlta na névoa luminosa da Picardia, com a sua tôrre incompleta, a sua fachada aberta de fenestragens, os seus três pórticos de arquivoltas povoadas de evangelistas e de patriarcas, a sua rosácea onde brincam reminiscências da *Legenda Doirada* de Jacques de Voraigne, a sua galeria dos Reis, os seus botaréus gigantescos, as suas agulhas arrendadas de cogoilos, de trílobos, de aipos, de trevos de pedra, perfurando o ar, alando-se, erguendo-se em gestos de bênção e de súplica, de profecia e de glória. Não é, como era Reims, a «flor de vida e de graça» saída das mãos de mestre Orbais e de Jean le Loup: mas nenhuma catedral de França a eguala na plenitude, na harmonia, no equilíbrio, na estabilidade, na calma beleza das linhas. Perante o ritmo da sua nave, severa e imensa como a de Bourges; perante o seu côro, sumptuoso e ornamental como o de Mans; perante o seu transepto onde sorri o êxtase dos imaginários ornamentistas do século XV; perante a sua ábside, onde se julgaria vêr passar ainda,

colorido de icones, o pontifical bizantino do bispo Arnoult, — revivo, reconstitúo, recomponho, numa floresta de pálios, de cruzes, de báculos, de flâmulas, de estandartes, ao ruído das armas e das vozes, dos sinos e das trombètas, um do maiores sonhos que tem feito, em todos os tempos, a loucura da humanidade cristã. Essa humanidade de há cinco e sete séculos, bárbara e ingénua — vejo-a bem! — espreita-nos ainda, convertida num povo de pedra e de bronze, das fugas de todos os pórticos, das aduelas de todos os arcos, encastrada em pés-direitos e em arquivoltas, relevada em edículos e em tímpanos, debruçando-se nos túmulos, abençoando nos frontões, gesticulando na talha de oiro das estálas capitulares, — surgindo de todos os cantos, de todas as sombras, de toda a parte. Dentro da velha catedral gótica o passado não morreu: revive a cada hora, na população legendária e imóvel das imagens, — bispos e profetas, patriarcas e santos, apóstolos e guerreiros, evangelistas e mártires, os velhos do Apocalipse e a teoria bíblica dos Reis, todo o programa iconográfico dos teólogos da primeira Renascença, toda a graça colorida das iluminuras do *Psaltério de S. Luís*, a vida inteira a palpitar na pedra que o escôpro de Tomás de Cormont ani-

mou para a eternidade, — e, sôbre toda a imaginária dos milagres e das lendas, dos mistérios e das catástrofes, pairando, esvoaçando como um sorriso, abrindo como uma flor-de-liz na porta do transepto norte, a Virgem-Doirada de Amiens, a «*soubrette picarde*» de Ruskin, a Virgem-Colombina, a mais risonha e graciosa figura de Mulher de todas as catedrais do mundo. Essa multidão de imagens, que tem o poder de revivescência dos espectros; que inunda pórticos e galerias, baptistérios e vitrais, frisos e túmulos, púlpitos e capelas; que imprime a toda a arquitectura uma expressão viva e humana; que ri e chora nos brutescos e nos capitéis, nos modilhões e nas gárgulas, no retrato de João Wuilz e na absidíola dos Macabeus, — todo êsse povo de pedra, seis, sete vezes centenário, eu vejo, eu sinto que se levanta agora, que se ergue perante o ultraje das granadas alemãs, que esbraceja, que ulula, que sacode os membros convulsos numa imprecação sagrada de ódio, numa súplica formidável de justiça, como se os seus braços de estátua pudessem cobrir, defender, proteger uma das maiores maravilhas da alma gótica, um dos mais surpreendentes delírios do génio cristão. E emquanto os coruchéus abatem, e se fundem os telhados de chumbo,

e estalam os arcos botantes, e se estilhaçam vidros de rosácea e arestas de pedra; emquanto o fumo das explosões enegrece o ar; emquanto o incêndio alastra, a catedral rúe, e, de polo a polo, os clarões de uma fornalha ciclópica enchem a noite, — é a multidão das estátuas de Amiens, é a alma sagrada do Passado que eu vejo, que eu ouço ainda, tremendo, uivando, soluçando, gritando em nome da Humanidade transida, em nome da Justiça morta, em nome da Beleza mutilada:

— Maldição! Maldição!

UMA MULHER FATAL

— Vês aquela mulher?

Olhei na direcção indicada pelo meu amigo. Um pouco adiante de nós, assentada à mesa, na sala de jantar do *Internacional*, uma mulher vestida de preto, sòsinha, almoçava, com um livro aberto na sua frente.

— Vejo. Quem é?

O meu amigo disse-me, em voz baixa, um nome. Esperou que o criado metesse uma garrafa de Salreu na larga geleira de cristofle, e acrescentou, numa expressão de dolorosa concentração:

— Foi por causa dela que o Chico Eça se matou.

O pobre Chico Eça! Eu tinha ouvido falar, como toda a gente, nêsse sombrio drama de amor que acabara com uma bala de revólver — qualquer coisa de semelhante à paixão de Maurice de Guérin por M.me de Maîstre

— mas não conhecia, nem mesmo de nome, a mulher fatal que levara o pobre rapaz ao suicídio. Sabia apenas que se tratava de uma vaga mulher casada, «*froide à vous faire tousser*», como diria Barbey d'Aurevilly, e cuja aventura com o elegante Eça não fôra a primeira nem tinha sido a última na sua vida de sensações e de dissipação. Era uma criatura de 30 a 35 anos, vulgar, magra, de uma elegância angulosa, de uma distinção sêca, de uma palidez impressionante. Procurei, debalde, no seu perfil duro, semita, quási recto, na sombra de melancolia das suas pálpebras descidas, na sua pele trigueira, um pouco árida, batida de reflexos metálicos, nos seus braços nús, viris, cujos cotovelos perfurantes pareciam cravar-se na mesa, qualquer encanto feminino, qualquer indefinível expressão de beleza ou de graça, capaz de prender pela simpatia, de perturbar pelo mistério, de atraír pela sensualidade. Não percebi, confesso, que fôrça de sedução semelhante criatura poderia exercer sôbre um homem, até ao ponto de o levar ao último dos desesperos. Não possuía — disse-me o meu amigo — qualidades excepcionais de inteligência, e, muito menos, de coração; já não havia nela essa ressumante e diabólica frescura da mocidade, que, a-pesar da

observação de Pinard — «*la femme ne devient vraiment femme qu'après son trois ème enfant*» — é ainda a mais perigosa e a mais inquietante de todas as belezas; a sua própria elegância, que se adivinhava no pé calçado de camurça preta, no artelho fino, esbelto e forte comprimido na malha de sêda da meia, era uma elegância máscula, desmanchada, rectilínia, sem flexibilidade, sem feminilidade. Analisei-lhe, uma a uma, as feições; segui-lhe, curioso, a linha dos gestos; procurei surpreender os subtis, os desconhecidos encantos que tornavam aquela mulher tão funesta, tão desejada, tão adorada. Talvez — pensei eu — os olhos fôssem belos. Esperei que ela os erguesse da brochura que estava lendo, e que me pareceu, pela mancha da capa, o último livro de Bourget. Há olhos que, só por si, valem uma fisionomia, que a iluminam, que a explicam, que a revelam — sobre tudo os pretos — e cujo clarão, como certas luzes doiradas de *atelier*, adoça todos os contornos, amacia todas as linhas, envolve as expressões mais duras numa vaga voluptuosidade de mistério. A insistência do meu olhar acabou por atraír o dela. Era estrábica. E' bem certo que o amor nasce de quási nada e morre de quási tudo; mas aqueles olhos piscos, castanhos,

pequenos e vulgares, de um tom fulvo de tabaco e de um sensível estrabismo convergente, não se me afiguraram capazes, nem de traduzir sentimentos profundos, nem de despertar grandes paixões. Lembrei-me, ao vê-la voltar as folhas do livro, do poder de sedução, da intensa espiritualidade que se exala de certas mãos, e que d'Annunzio procurou explicar e descrever no *Fuoco*. Mas — eu vi-as bem — nas mãos dessa mulher, largas, empastadas, inexpressivas, mãos de artrítica, grossas de articulações e espêssas de modelação, não havia coisa alguma que recordasse, sequer, a fisionomia inteligente, translúcida, nervosa, voluptuosa, inquieta, das «mãos dannunzianas». Quando percebi que ela bebia o último gole de chá e ia levantar-se da mesa, supuz encontrar na harmonia, na ondulação, na nobreza, na opulência da sua figura a justificação do interêsse amoroso e sensual que parecia envolvê-la como uma atmosfera nefasta. Tinha um corpo chato, longo, insexuado, sem peito, sem ancas, não dessa diáfana imaterialidade das idealizações pré-rafaelitas, que Ruskin exaltou, e que é beleza e é graça ainda, mas de uma magreza gimnandra, forte, desgraciosa, movendo-se, sem leveza e sem ritmo, em largas passadas de homem.

— Mas onde está, afinal, o encanto desta criatura?

— Vais sabê-lo, — disse o meu amigo, levantando-se para a cumprimentar à passagem.

Trocaram as primeiras palavras banais. Uma voz quente, musical, pastosa, perturbadora, voz divina de oréada transviada, voz que parecia um soluço vibrando dentro de uma campânula de oiro, voz de presságio e de paixão, cantou, chorou, tremeu nos meus ouvidos. Era a voz dela. Estava decifrado o enigma. Senti, nêsse momento, com a evidência das coisas irremediáveis, que aquela mulher me endoideceria se murmurasse, debruçada sôbre mim, uma palavra de amor. Tive uma impressão de vertigem quando ela passou ao meu lado. Hoje, creio firmemente que as mulheres fatais, as mulheres que perdem e que matam, não são as mais belas, e que não há nada na mulher mais perigoso, mais sensual, mais infernal, mais divino, do que a voz.

ILHA DOS AMORES

Portugal tem hoje notáveis pintores. Mas não existe bem caracterizada, no momento actual, uma pintura portuguesa. Lembro-me ainda das impressões produzidas pelos nossos grandes mestres no espírito de uma senhora francesa que, em 1907 ou 1908, me concedeu a honra de visitar comigo a exposição do palácio de S. Francisco. Perante um retrato da primeira maneira de Columbano, a encantadora M.me *** não pôde conter uma expressão de assombro: — «*Que c'est beau! Un Velasquez!*» Parou em seguida diante de um quadro de Salgado ou de Carlos Reis — não me recordo bem — mancha de um impressionismo, de um plenarismo ofuscante, e observou, num sorriso de subtil inteligência: — «*On dirait un Besnard, n'est-ce pas?*» Cada manifestação sincera da sua admiração expressava-se involuntáriamente através de analo-

gias, de semelhanças, de sugestões de escola e de processo (o naturalismo comovido de Breton, o academismo de Bouguereau, as perspectivas convencionais de Zuloaga, os tons cinzento-prateados de Whistler), acentuando em quem a ouvia a convicção — que é já, de resto, a de muita gente — de que à pintura portuguesa contemporânea, magnífica de seiva, de opulência e de vigor, falta, por emquanto, uma qualidade: o carácter nacional. De repente, porêm, a gentilíssima senhora parou, fixou os olhos num quadro, toda a sua face se abriu num riso de surprêsa e de júbilo, e disse-me, batendo as palmas como uma criança: — «*Voilà! Voilà ce qui est bien portugais!*» Eram os *Bêbados*, de Malhôa.

Com efeito, Malhôa é hoje, como o foi Silva Porto, uma gloriosa excepção na pintura portuguesa. O seu ardente, o seu indestructível lusitanismo — não apenas nos motivos, mas no sentimento e nos processos — conferiu-lhe um logar âparte entre os mestres pintores do seu país e do seu tempo. Não há maneira de o confundir, porque a pintura de Malhôa não se parece com nenhuma outra. Ponham um quadro dêste naturalista admirável, dêste assombroso lírico da paisagem, dêste intérprete luminoso e sàdio da alma e

dos costumes do nosso povo, entre centenas, milhares de quadros de todas as escolas, de todas as proveniências, de todos os países: êle permanecerá, na sua luz, na sua natureza, na sua etnologia, no seu pitoresco, na sua emoção, — inconfundível, saboroso, característico, português. Não admira que assim seja — dir-se-há — dada a predilecção de Malhôa pelos motivos de carácter nacional. De ordinário, é certo, o grande mestre inspira os seus quadros em motivos populares *(Volta da Romaria, Oleiros,* o *Viático, Chegada do Zé Pereira,* os *Bêbados, Azeite novo,* a *Procissão,* o *Fado)* ou na geórgica estremenha rutilante de sol *(Cuidados de amor, Cócegas,* o *Remédio,* a *Varanda dos Rouxinois),* onde as suas faculdades de observador profundo e o seu vigoroso realismo idílico surpreendem, como diria Millet, a «alma comovida e fraterna dos humildes» entre as lindadas viçosas, os vinhedos doirados, os risonhos alpendres e as lareiras patriarcais de Figueiró dos Vinhos. Mas não se suponha que o veemente carácter da sua pintura se perde quando Malhôa deixa de pintar procissões ou romarias ribatejanas. Seja qual fôr o género ou o assunto escolhido, o forte lusitanismo da sua maneira, do seu sentimento, da sua individualidade — que não exclúe o

poder de generalização das suas vastas sínteses de tipos humanos — mantem-se com uma tal energia, com um tal vigor, com uma tão soberba afirmação de raça, que, mesmo antes de nós dizermos diante de um quadro de Malhôa: — «Como isto é belo!» —, dizemos, com o entusiasmo da francesa que me acompanhava em 1908: — «Como isto é português!»

Estou a escrever estas palavras e a olhar o maravilhoso quadro que aqui tenho, diante de mim, sôbre o fogão pombalino do meu gabinete de trabalho. E' um estudo, a óleo, para a sua grande composição — a *Ilha dos Amores*. Num recanto verde e luminoso de floresta, entre os pinheiros de Cybele e os álamos de Alcides, sôbre a ínsua doirada que a deusa Cypris fez surgir do mar para a oferecer, como uma jóia, á sensualidade faminta dos portugueses, uma névoa rósea e palpitante de ninfas — nereidas, dríadas, oréadas, napeias coleantes, oceânides melodiosas — passa, freme, ondula, adivinha-se ao longe num estremecimento pagão de carne núa, — emquanto no primeiro plano, aos pés do mais amoroso, do mais eloqùente, do mais petrarquiano dos soldados da armada da India, o moço Leonardo — «*tra la spiga e la man qual muro è messo?*» — cai húmida, ofegante, núa,

risonha, a fugitiva náiade Efira, como uma graciosa e rosada capréade que no meio de uma dança sicínica de sátiros, de pans, de silvanos, de fáunos, escorregasse e caísse, rebolando, na relva cheia de sol. O eminente pintor português poderia, como outros ilustradores dos *Lusíadas*, ter-se inspirado nas *Baigneuses* de Boucher, ou, em geral, nos nús galantes dos pintores franceses do século XVIII. E, entretanto, como Portugal inteiro, como toda a raça lusitana vive, estúa, resplandece naquela figura violenta de soldado, naqueles olhos acesos de desejo e de espanto, naquela bôca que beija e que sorve, na garra bárbara daquela mão robusta que se crispa, trémula de volúpia, sôbre uma anca de mulher! Neste admirável estudo de ar livre — que a isso, afinal, se resume a *Ilha dos Amores* — tudo é português: a luz, a natureza, a atmosfera, a paisagem, o trigueiro macio das carnações, o sentimento edénico da composição, e, acima de tudo, a emoção que palpita nêsse beijo simultâneamente lírico e brutal, sagrado e feroz, torpe e divino, expressão do maior prémio que algum dia um coração português pôde ambicionar para as suas façanhas! Falam-me aí no *Beijo* de Rodin? Mas o *Beijo* de Rodin é a fecundidade — e o *Beijo* de Malhôa é a glória!

O PARADOXO DO DR. MARCONDES

Visitei ontem o sábio e singularíssimo Dr. Marcondes. Encontrei-o no seu gabinete de trabalho, a barbicha branca e rala escorrendo sôbre a quinzena de veludo preto, uma maravilhosa carnação rosada, como a de certos retratos de Franz Hals, espelhando à luz. Tinha na mão um crâneo epi-paleolítico achado nos *kjoekkenmoeddinger* do vale do Tejo, e estudava-o, de compasso em punho. Conversámos de tudo — e, por conseguinte, da guerra. Quando lhe perguntei a sua opinião acêrca do conflito mundial, o ilustre Dr. Marcondes pousou sôbre a mesa o precioso dolicoide, fixou em mim os seus pequeninos olhos frios, de um verde de água profunda, e disse-me, textualmente:

— Sabe você o que é a guerra? E' uma doença da civilização. E', caracterizadamente, uma doença da civilização metalúrgica. Você

não ouve Lloyd George, Wilson, Clemenceau, idealistas hipercivilizados, admiráveis mobilizadores de palavras sonoras, afirmarem nos seus discursos que a América, a França, a Inglaterra se batem para que a civilização avance e nunca mais a guerra seja possível no mundo? Se assim fôsse, meu amigo, estávamos a bater-nos por duas aspirações contraditórias. Quanto mais a civilização avançar,—tanto mais freqùente, mais vasta, mais gigantesca, mais monstruosa se tornará a guerra, porque a civilização nunca conduziu, nem conduzirá, à felicidade, à harmonia, à ortobiose humana. A guerra só terminará no dia em que a civilização regressar às fórmas paleolíticas. Estou firmemente convencido de que a humanidade não volta a conhecer a paz, sem que uma convulsão geológica subverta o mundo, e um novo troglodita nasça, hirsuto, pacífico, comendo feras e lascando pedra. Duvida você? Vou provar-lho, à face da pré-história. Tome nota das minhas afirmações. O homem paleolítico e o homem neolítico — digo eu — não conheceram a guerra. A idéa da guerra, como nós a compreendemos, nasceu com o homem mórgio, apareceu com a primeira espada de bronze,—é uma criação essencialmente metalúrgica, uma obra funesta do me-

tal. Demonstrada a primeira parte, está feita, *ipso facto*, a demonstração da segunda. Ora ouça o meu caro colega. Se a guerra, como instituição, como organização, como espírito — o *pólemos* — tivesse existido na idade da pedra, os ossuários neolíticos revestiriam o aspecto de vastos ossuários de campo de batalha, e não seriam apenas, como realmente são os que se conhecem, simples túmulos de famílias ou sepulturas de tríbus, bem caracterizadas pela descarnização dos cadáveres e pela presença de esqueletos de crianças e de mulheres. Além disso, a terem-se dado colisões armadas entre organizações guerreiras de povos, os vestígios da luta deviam aparecer nas ossadas do homem pré-histórico, companheiro do rinoceronte e do mamute; e, como você sabe, as feridas neolíticas, simples acidentes de caça (flechas de sílex no cúbito, no fémur) são extremamente raras. Há quem afirme que entre as populações lacustres existiu a guerra: contesto. Se tivesse existido a guerra, existiria a profissão de guerreiro; e, se existisse a profissão de guerreiro, muitas sepulturas neolíticas por inumação acusariam — o que não se verifica — a presença de armas e de insígnias bélicas. Perguntar-me-há você o que são as facas paleolíticas de Abbéville e

de Sauton Downham, as lanças de sílex lascado de Reculver e de Saint-Acheul, os machados, os *celtas* de pedra polida provenientes das aluviões, dos dólmens, dos hipogeus do Somme, de Locmariaker, de Mooseedorf, —o que são essas magníficas peças, cobertas da baba doirada de dez mil anos, senão armas, verdadeiras armas de agressão, e, portanto, de guerra? Engano. As armas lascadas dos homens das cavernas e os punhais de sílex polido dos palafitas não são instrumentos guerreiros; são utensílios; são, quando muito, como as pontas de flecha de sílex, de diorite, de basalto (lá estão, a prová-lo, as vértebras perfuradas de rena do museu Saint-Germain) simples armas de caça. Podiam eventualmente transformar-se — como se transforma uma pedra vulgar — em instrumentos de agressão; mas não eram, nunca foram armas de guerra; nem o espírito, nem a instituição da guerra existiram no neolítico, emquanto êle não conheceu o oiro — o primeiro esplendor; o cobre — a primeira riqueza; o bronze — a primeira espada. Resta um argumento: a existência de certas muralhas ciclópicas do tempo da pedra polida — por exemplo, a de Santo Odílio, nos Vosgos. Mas êsses recintos murados, êsses megalitos de aspecto defensivo eram simples

monumentos de natureza religiosa, como os *Cromlecks* da Bretanha e o famoso *Stonehenge* da Inglaterra, em cujas imediações não se encontraram armas. Por conseguinte, meu amigo, é evidente que os homens neolíticos não conheceram a guerra. A guerra foi revelada á humanidade pelos metais. Nasceu com êles. Foi o metal que ensinou as sociedades humanas a organizarem-se — para devastar e para matar. O espírito de conquista, o génio de dominação, o culto nietzschiano da fôrça são obra exclusiva da civilização metalúrgica na sua progressão crescente de poder destruìdor — cobre, bronze, ferro, aço. Desde a espada das forjas escandinavas, batida em bronze sagrado pelos homens primitivos, até ao gládio grego dos herois do ciclo troiano; desde a cnémide de Aquiles, refulgente de oiro, até ao escudo de ferro dos homens da primeira Cruzada; desde a armadura de Carlos v até aos mosquetes de Fontenoy; da granada à metralhadora, do canhão ao *dreadnought*, do avião ao *tank*, à medida que a civilização avançava, que os metais triunfavam na maravilhosa ascenção que vai das forjas bárbaras até às aciarias e aos altos-fornos de Essen e de Rheinhausen, — a guerra tornou-se cada vez mais terrível, mais mortífera, mais hedion-

da, mais desumana. Já não é um duelo — é um massacre; já não é um torneio — é uma carnificina; já não é um combate — é uma devastação. Aqueles que se batem para que a guerra não volte a ser possível no mundo, aqueles que se batem sinceramente por um ideal de paz,— batem-se, não para que a civilização avance, mas para que a civilização recúe. Para gosar a paz de Diceópolis, uma paz dionisíaca, uma paz fecunda, uma paz doirada e criadora no seio da natureza e das feras, para viver, finalmente, tranqùilo e feliz, o homem tem de fazer tábua-raza de toda a civilização, de demolir, de subverter cinco mil anos de delírio metalúrgico—para voltar a lascar pedra, pacífico, felpudo, risonho, como os hominídios neandertaloides, empoleirado nos galhos de alguma árvore primitiva e frondosa. E quem nos diz a nós, meu caro colega, que não estamos já no princípio dessa formidável obra de demolição?

O Dr. Marcondes teve um gesto profético e calou-se. O sol brincava na sua calva reluzente. Quando, á despedida, lhe apertei as mãos, fiquei perfeitamente convencido de que ainda há no mundo alguma coisa mais terrível do que um canhão que dispara: é um sábio que raciocina.

A MULHER E O CÃO

Mícer Jacob Pinheiro, mercador na Haya e descendente de judeus portugueses, casara em Ipres com uma das mais belas mulheres da Flandres, e, vinte dias andados depois do casamento, numa pesada estufa de viagem, seguido de duas liteiras com as criadas e de duas récuas de azêmolas carregadas de tapeçarias e de baixela de prata, metera-se a caminho, com a mulher e um grande galgo de estimação, de regresso à sua casa da Holanda. Levavam já dois dias de jornada quando chegaram á estalagem do *Galo*, uma das mais célebres hostarias flamengas do princípio do século XVII, a cuja porta, sonolentos, abroxados de forte ferraria, cabeceando solénemente nos correões, esperavam as estufas e as calejas de uns fidalgos espanhois. Mícer Jacob desceu, bateu as palmas, e pe-

diu pousada e mudas para as liteiras. Mas uns titereiros manchegos faziam bailar uns bonecos no pátio; em volta do improvisado teatro, o povo formigava, gritava, uivava de júbilo; e o mercador, se quiz ser atendido pelos eguariços, teve de entrar com o sota-cocheiro na estalagem e de pagar adiantadas, por dois dobrões de oiro, as mudas e a hospedagem daquela noite. Quando, dali a pouco, voltou a buscar a mulher, viu junto do estribo, cortejando-a, um fidalgo moço que parecia descido de um quadro de Pantoja de la Cruz e que, mal o sentiu aproximar-se, se afastou olhando-o, de sombreiro na cabeça, com toda a insolência do orgulho espanhol.

— Quem é aquele homem? — perguntou, perturbado, Mícer Jacob.

A encantadora flamenga sorriu, ajustou o seu grande mantéu verde, compôs a crespina de oiro de Londres, e descendo do côche, aconchegada ao braço do marido, murmurou numa voz que era uma carícia:

— Sei lá, meu amor!

Jacob Pinheiro, com a mulher e com *Tithon*, o grande galgo branco que o acompanhava, recolheu-se nos melhores aposentos da hostaria, mandou vir a ceia, correu os ferrolhos, e não saíu mais, até que, no

dia seguinte, o sota-cocheiro foi dizer-lhe que era tempo de seguir jornada.

— Tudo pronto?

— Tudo pronto, Mícer Jacob.

Levavam já uma hora de caminho, quando o mercador, na volta de uma estrada, percebeu que uma das estufas dos fidalgos espanhois o vinha seguindo de perto. Apreensivo ainda com o que se passara na estalagem, e lembrando-se das palavras do velho Laurent Joubert, que lêra dias antes — «*on est plus trompé en femmes et en chevaux que en tout autre animal*» —, tornou a perguntar à mulher se o impertinente castelhano que subira, para a cortejar, à estribeira do côche, era, porventura, seu conhecido ou seu parente.

— Nunca o vi.

— Então porque lhe sorriste, se o não conhecias?

— E' costume, em Flandres, sorrir a quem nos corteja.

— E' um mau costume, que tu has de perder na Holanda.

— Deveras, meu amor?

Jacob Pinheiro olhou a mulher, perguntou a si mesmo o que haveria de cândido ou de hediondo, de angélico ou de infernal no sorriso daquela criatura, acariciou *Tithon* ador-

mecido aos seus pés, e só despertou dos sombrios pensamentos em que se absorvera, quando o côche do fidalgo espanhol, carregado do escudo «*emanchado de tres piezas de gueles y de oro*» dos Teles Giron, passando de escantilhão ao lado da estufa do mercador, lhe ganhou a dianteira e se atravessou na estrada a cortar-lhe o caminho. O cocheiro, cujo vaqueiro vermelho chamejava ao sol, gritou que se arredassem. O fidalgo desceu do côche, enfiou a espada no talabarte, levantou a cabeça sôbre o enorme fêsto enrocado, ferrou os punhos na cintura, e com a mesma expressão de provocador orgulho com que na véspera se acercara da mulher de Mícer Jacob, convidou o mercador a apear-se tambêm.

— Que pretende de mim, vossa mercê?

— A mulher que o acompanha!

— Pertence-me de corpo e de alma. E' minha mulher.

— Passará a ser minha.

— Quem o ordena?

— O meu desejo.

— Não o será, emquanto nos meus coldres houver pistolas!

O mercador travava já do selote do sota-cocheiro para desafivelar-lhe os coldres, quando o castelhano o deteve num gesto:

— E se ela me preferir a mim e quizer de sua vontade seguir-me?

— E' uma mulher fiel. Não me trocará pelo primeiro desconhecido!

— Experimentemos.

— Pois experimentemos!

Acercaram-se ambos da estufa de viagem, de onde a subtil flamenga, como um Van Orley diáfano e doirado, debruçava já, sorrindo sempre, a sua bela cabeça de deusa. Jacob Pinheiro fitou-a, cruzou os braços e disse-lhe:

— Mulher, vai ou fica, como te ditar o coração.

As criadas, aflitas, espeitoravam-se das liteiras. Os azeméis e os liteireiros olhavam, mudos de pasmo. Na vaga neblina cinzenta do céu da Flandres, os dois côches, oscilando nos correões esticados, pareciam arfar, arquejar numa expressão quási humana. Em silêncio, a mulher de Mícer Jacob compôs o manto, sorriu, desceu, — e atirou-se para os braços do desconhecido. Pelos olhos do judeu passou uma onda de sangue. Mas, palavra de mercador não voltava atrás. Contevese, dominou-se, devorou a afronta, e, sereno até à generosidade, ordenou que as alfaias da bagagem e as liteiras das criadas seguissem aquela que havia sido sua ama e se-

nhora. Quando já a comitiva se punha em marcha, um estribeiro negro do fidalgo espanhol veio falar ainda a Mícer Jacob. A caprichosa flamenga desejava que o marido lhe mandasse o galgo, que ela adorava e de que não queria separar-se.

— O que fiz com a mulher, fá-lo-hei com o cão, — disse, tranqùilamente, Jacob Pinheiro.

— Vossa mercê entrega o galgo a Sua Ilustríssima?

— Dou ao cão a liberdade de escolher o dono que lhe aprouvér.

Quando o negro lhes levou a resposta, o fidalgo e a flamenga, debruçados do côche, chamaram de longe o animal:

— *Tithon! Tithon!*

O cão, porêm, mais fiel que a mulher, ficou ao pé do dono, a lamber-lhe as mãos.

OS «VICENTES»

Quem viu Coimbra há vinte anos, já hoje a não conhece. Desapareceu o espírito universitário. Aboliram-se os ceremoniais pombalinos. Sepultaram-se as tradições académicas. As charamelas emudeceram. Calou-se a «cabra». A fisionomia da cidade mudou. E o que é mais curioso, é que a própria tricana, a tricana de pele doirada, de buço ligeiro e de chinela nervosa, a tricaninha que era o sorriso, o coração, a alma da velha cidade do luar e da saudade, dos archeiros e dos doutores, mudou também e parece outra, com as suas maneiras de Lisboa, o seu chaile de merino, a sua meia de sêda, o seu sapatinho francês de camurça, e um certo ar grave, tímido, futrica, *Sainte-Nitouche,* que não deixa de ter encantos, mas que representa a subversão, não apenas do tipo tradicional, mas do espírito vivaz da rapariga

coimbrã. A tricana foi uma obra secular e amorosa do estudante; e a Coimbra de hoje, a Coimbra nova, a Coimbra de képi e de chapéu-de-côco, burgueza, utilitária, turística, pé-de-boi, será de toda a gente, do militar, do industrial, do lojista, do forasteiro; — do estudante é que já não é. Mas então—perguntar-se-há — já nada resta de característico na etnologia da tricana actual? Nada a distíngue, por exemplo, da costureira de Lisboa, da rapariga das fábricas do Porto, dêsses tipos de tão penetrante encanto popular que enchem, com os seus olhos pretos e os seus chailes de lã, os quatro cantos viçosos das pequenas cidades portuguesas? Não seria justo afirmá-lo. A rapariga de Coimbra mudou; é já inteiramente diferente do que era há quinze e há vinte anos; mas a-pesar da sua decadência, do seu futriquismo, da sua descaracterização, ainda constitúe um tipo àparte. Ficou-lhe qualquer coisa de ancestral, de inapagável, de hereditário no gesto de traçar o chaile, no movimento de atar o lenço; a-pesar dos seus sapatos de salto, ainda se lhe adivinha, no rítmo do andar, a ousadia airosa da chinela que lhe tremeu na ponta do pé; vou jurar que a sua vulgaríssima saia de costureira ondula ainda com a mesma graça musical com que, em pleno século XVII,

descendo ao sol a Couraça de Lisboa, saracoteava a sua vasquinha curta de serafina encarnada; e se a chinela e a meia branca desapareceram, se as filigranas de oiro já não lhe brincam nas orelhas, se se perdeu o embiocado do lenço e o avental de ponta que seduziram João Penha,—alguma coisa existe, alguma coisa ficou, um pormenor vivo, uma nota curiosa, um pequeno traço especial que, ainda hoje, nos faz conhecer à légua as raparigas de Coimbra: o «vicente».

O que é o «vicente» das tricanas, a que ligou o seu nome um encantador rapaz da aristocracia portuguesa e da boémia coimbrã de há quinze anos? Nada mais simples. Uma fita de veludo preto, da largura de um dedo, que lhes afoga o pescoço. O enfeite mais singelo e mais despretencioso do mundo. E, entretanto, a graça, a expressão, a viveza, o sugestivo encanto que essa simples fita, passada sob a barba e prêsa atrás às pontas do lenço de pongé preto que lhes envolve os cabelos, empresta à fisionomia da mondégide pagã que é a mulher de Coimbra! Para compreender o poder de sedução do «vicente» é preciso ter visto, algum dia, a carnação luminosa e inconfundível da tricana. Não sei se deve atribuír-se ao sol, à luz macia das margens do Mondego, ou ao

próprio grão da sua pele, doirada como o bago do trigo maduro, êsse tom mate, essa palidez quente e metálica peculiar às raparigas da velha cidade de D. Diniz. Sei apenas que, sem a polpa, transsudante de luz, daquelas faces e daquele pescoço, sem uma carnação com essa vaga e opulenta tonalidade de oiro baço, sem aquele moreno luminoso que lembra a *patine* de certos marfins religiosos, o traço negro do «vicente» de veludo não teria a décima parte do valor expressivo e da picante graça que fizeram a sua fortuna. Toda a gente o pode pôr; só à tricana é que fica bem. Joga-lhe, à maravilha, com o negro dos olhos e dos cabelos; comprime-lhe, afaga-lhe, como uma carícia, as modelações e os empastamentos da garganta; estilisa-a, adelgaça-a; parece que lhe abre o sorriso, que lhe atenúa a sombra violeta das olheiras, que lhe faz scintilar a pele como grãos de mica ao sol; dir-se-ía (tanto a tricana é a obra carinhosa de muitas gerações de escolares!) que cada uma delas traz ainda ao pescoço, como uma relíquia, o pequeno farrapo negro de uma capa de estudante. Para as raparigas de Coimbra, o «vicente» não é, apenas, a moda que passa; é a jóia que fica. — «São as nossas pérolas», — dizia-me uma, embrulhada no seu chaile rico

de ramagens, à beira de Santa Cruz. E outra, descendo do mercado abraçada a uma cântarinha de barro da Cegonheira: — «E' o nosso coração». Bem sabia ela porquê. Nenhuma tricana ignora que o primeiro «vicente» nasceu de um romance de amor. Muitas delas conheceram a Deolinda, a mais bonita das «três irmãs da Alegria», em cujo colo esbelto, melodioso, quási imaterial como o de certas Virgens de Fra Filippo, a mão amorosa de Vicente Arnoso atou, tremendo, a primeira fita de veludo preto. A paixão da pobre tricana, a sua dôr silenciosa ao vêr partir para a Alemanha o único homem que amara, a fita preta a que ela chamava «o seu vicente» e que nunca mais tirou do pescoço até morrer de saudade, — essa anecdota sentimental que enche de tão tocante poesia a «moda do vicente», não há em Coimbra uma só rapariga que a não saiba, uma só que não veja, que não sinta nêsse pedaço de veludo que as faz tão lindas (pobres delas!) palpitar um pouco da sua própria vida, do seu próprio coração, do seu próprio destino de flores efémeras, no mesmo instante colhidas e abandonadas. No martirológio amoroso que todos os dias se escreve à beira do Mondego, e em que pequeninos corações vivem o tempo das rosas, a Deolinda podia, como as outras,

ter apenas deixado de si a memória de uma flor. Mas o acaso foi pródigo com ela, e a pobre tricana morreu deixando a todas as raparigas de Coimbra, num pedaço de fita que se tornou um símbolo e um clarão, a herança imortal da sua beleza e da sua graça.

DOIS CAPACETES

Devia ter sido por fins de agosto de há dois anos. O ministro da guerra português, de regresso da sua viagem a França, trouxera comsigo algumas relíquias de batalha — estilhaços apanhados na ábside de Reims, capacetes metálicos de soldados mortos, espoletas de granadas caídas nas trincheiras portuguesas — e resolvera oferecê-las ao novo *Museu da Grande Guerra.* Todos os dias o general director, um erudito e um gentil-homem, esperava com impaciência a anunciada oferta do ministro. Eram despojos da mais formidável luta que algum dia o animal humano travou sòbre a terra; era um pouco da alma distante e heróica de Portugal, um pouco da glória dos nossos sessenta mil «serranos», que vinha até nós: como não havíamos, nós todos, de receber com curiosidade e com emoção êsses pedaços

de morte onde se sentiria palpitar o coração de bronze da epopeia? Uma bela manhã, a encomenda chegou. Trazia-a um sargento, com uma carta do ministro. O general abriu o encerado negro que envolvia o pacote, e, comovido, colocou sôbre a mesa, com alguns estilhaços de granadas alemãs, dois capacetes metálicos, furados de balas e empastados de sangue, que tinham pertencido aos dois primeiros soldados portugueses mortos nas trincheiras da Flandres. Examinei-os, detidamente. Lembravam em tudo, menos na côr, a celada espanhola de Dom Quixote e os morriões seiscentistas dos arcabuzeiros do Ameixial e de Montes-Claros. Uma vaga tinta de folha morta, uma incerta mancha de bronze florentino pareciam escorrer, babar esses dois cascos, do timbre às abas, dando-lhes o aspecto, ao mesmo tempo luminoso e pulverulento, da terra removida de fresco. Um era canelado, do tipo inglês, apresentava o frontal dilacerado por uma bala, o fôrro de coiro empapado de sangue, e cheirava fortemente a crèsil. O outro era liso, tipo português, estava perfurado na têmpora esquerda, e não trazia fôrro. Tinham pertencido — informara o brigadeiro comandante ao oferecê-los ao ministro da guerra — a dois homens do batalhão do 28, gente dos arredores de Coim-

bra, ágil, robusta, curtida do sol. Quem seriam, na sua gloriosa obscuridade, êsses heróis humildes? Com a voz embaciada de comoção, o general leu dois nomes num papel que lhe tremia nas mãos: Armando Correia, soldado n.º 503 da 4.ª companhia de infanteria 28; 1.º sargento do mesmo regimento, Ernesto Augusto dos Reis. Perante aqueles troféus de batalha, símbolos de uma nova Ilíada, em cujo frio metal resplandecia e chorava a alma da pátria, todos nós nos descobrimos respeitosamente, em silêncio.

Desde então, empreguei todos os esforços para saber como ocorrera a morte dos dois soldados. O simples exame dos capacetes apenas nos permitiria concluír que se tratava de duas feridas do crâneo, não por estilhaço, mas por bala. O papel que os acompanhava limitava-se à revelação sêca de dois nomes. A carta do ministro nada mais dizia senão que êsses dois homens tinham sido os primeiros soldados portugueses caídos gloriosamente na terra da França. Fizemos conjecturas sôbre conjecturas. A verdade só há pouco tempo a soube, na simplicidade épica dos seus pormenores, quando o primeiro oficial permissionário do 28 passou por Lisboa. Cada uma dessas mortes constitúe um episódio sensibilizador. Ambas

realizam a expressão eloqùente daquela bravura risonha, daquele quási inconsciente desprêso do perigo, daquela abnegação temerária e sublime que até hoje, desde que a primitiva gente hirsuta dos concelhos se bateu nas Navas-de-Tolosa, teem sido sempre as mais belas, as mais nobres, as mais altas virtudes guerreiras dos portugueses. Contam-se em poucas palavras êsses dois pequenos poemas heróicos que recordam, na pura nitidez do seu mármore eterno, dois baixos-relevos gregos de batalha. Algumas unidades das tropas portuguesas, dos *tonies*, cujo uniforme de cinza dava ao longe a impressão de uma vaga névoa azulada, tinham ido ocupar, entre Armentières e La Bassée, as trincheiras da primeira linha. Gente tisnada e ardente do meio-dia, criada para a vertigem impetuosa dos combates e para a alegria pagã do sol, os serranos mal podiam habituar-se à imobilidade triste de uma guerra de toupeiras, feita em buracos de terra, num clima brumoso e melancólico do norte. Passaram-se dias, semanas inteiras de nevoeiro, de frio, de enervamento, de lama. Uma bela manhã, no fundo de uma trincheira onde mal se adivinhava a luz, os soldados portugueses perceberam que lá fóra — finalmente! — se desfizera a bruma e rompera o sol. Não

houve mais contê-los, que não saíssem dos fojos, como os lobachos pequenos das serras beirôas depois da tempestade, a aquecer-se, a saltar, a uivar, a cantar, doirados pelo sol pardo da Flandres francesa, bêbados da alegria selvagem da luz, indiferentes à ameaça de morte que lhes passava a cada instante sôbre a cabeça. Foi então que um dêles, para sentir melhor nos olhos e na pele aquele clarão bemdito que tanto lhe lembrava a écloga cristã da sua terra, galgou a escarpa, alcançou o parapeito sem que pudessem detê-lo os camaradas, — e enorme, tranqùilo, deslumbrado, o capacete na cabeça, o capote flutuando ao vento, avançou nas «terras-de-ninguêm» até à rêde de arame farpado. Logo as metralhadoras alemãs crepitaram; estoiraram os morteiros de trincheira; pelos periscópios viu-se o vulto cinzento do soldado estremecer, vacilar, caír como um farrapo sôbre as defesas de fio de ferro, e ficar de bruços, os braços estendidos, baloiçando. Estava morto? Estava ferido, apenas? A fuzilaria continuava; estalavam os troncos de árvore; o ar tremia, varejado de balas; nomeados para ir levantar o corpo, dois maqueiros entreolhavam-se, pálidos, imóveis. Era preciso que alguêm se sacrificasse ao piedoso dever de salvar a vida a um irmão de armas.

—«Quem se oferece?»—inquiriu o oficial. Um sargento avançou, vivo, trigueiro, franzino:—«Pronto, meu alferes!»—Num relâmpago, emquanto um morteiro, explodindo, levantava uma nuvem de terra, subiu o talude, ganhou a explanada, correu,—súbitamente estacou, rodopiou e caíu fulminado. Todas as tentativas eram já inúteis. Uma rêde de balas cortava o ar. A atmosfera scintilava. Rasas com as leiras lavradas, pacíficamente, incólumes, as galinhas de uma herdade próxima picavam a terra. Só mais tarde, pela noite, foram arrastados para as trincheiras os dois cadáveres. E aí está como morreram, num dia luminoso da Flandres, o primeiro sargento e o primeiro soldado de Portugal. Os seus dois capacetes, empastados de sangue e furados de balas, não são hoje apenas dois troféus de batalha: são, mais do que isso, a expressão sagrada daquela ância de liberdade e de sol, daquele espírito de abnegação e de sacrifício, que viveram sempre, através de oito séculos, no coração de todos os portugueses.

FRANK CRAIG

Ontem, no chá da *Marques*, M.me Z. perguntou-me, angulosa, ligeira, masculina no seu admirável *trotteur* côr de enxôfre:

—Já viu a exposição do Frank Craig?

Tive de confessar que não a tinha visto ainda. Sabia apenas que se abrira, na casa Bobone, uma exposição de trabalhos de um grande ilustrador inglês, mestre na pintura histórica e na anotação graciosa das elegâncias modernas, e que êsse artista notável, verdadeiro *virtuose* da guache, hospedado no palácio Monserrate, em Cintra, chegara havia pouco de Londres, no último período de uma tuberculose pulmonar. O *atelier* Bobone era perto de mais para que eu me tivesse lembrado de visitá-lo. Entretanto, prometi a M.me Z. que, logo que tomasse a minha chícara de chá, não deixaria de ir admirar Frank Craig, o maravilhoso inglês

que, como aquele jardineiro-artista de Nureham Courtenay, quiz permitir-se o luxo intelectual de vir morrer sôbre um canteiro de rosas. Quando eu, ao despedir-me, lhe beijava a mão, ainda a minha querida amiga me repetia, flexuosa, metálica, mordente, cruzando a perna e baloiçando o corpo na penumbra baça da sala:

— Você verá como êle faz bem mulheres!

Cinco minutos depois, eu entrava na exposição e recebia uma das mais nobres impressões de arte da minha vida. Não havia ninguem no *atelier*. Uma luz quieta e macia flutuava naquele interior de capela, onde a talha doirada das molduras, alinhada sôbre o roda-pé de carvalho, dava, de perfil, a impressão fugitiva de um cadeirado capitular. Frank Craig tem ali, quando muito, trinta quadros, — óleos, aguarelas, guaches. Demoradamente, estudei-os, analisei-os, senti-os, um a um. Grandes composições de história, cheias de energia e de movimento, que parecem cartões para a realização de frescos formidáveis; estudos de interiores modernos, onde passam figuras de uma elegância, de uma transparência, de uma espiritualidade que fazem de Frank Craig, como pintor de mulheres, um descendente de Reynolds e de Gainsborough, de Raeburn e de Lawrence;

paisagens de árvores doiradas e de nevoeiros azúis, dando a impressão estranha do nosso campo e do nosso sol vistos através de uma luneta fumada. Mas foi, sôbre tudo, o pintor de história que me impressionou. O severo sentimento do «antigo» e do «primitivo» é de tal modo intenso e exacto em Frank Craig, que muitas das suas figuras parecem arrancadas à obra dos imaginários ornamentistas do século XV, descidas dentre os pinásios de chumbo da rosácea colorida de Canterbury, ou debruçadas, entre jambagens de oiro, nas iluminuras guerreiras das crónicas de Froissart ou de Commines. Mas a êsse arcaísmo de visão e de maneira aliam-se a solidez, a fôrça, o vigor, o movimento, o saboroso naturalismo, a expressão flagrante de vida e de verdade que foram sempre o segrêdo da pintura inglesa, e que fazem de Mr. Craig o que êle fundamentalmente é: um ilustrador excepcional. Naquela luz e naquele silêncio de *studio,* olhei em volta a exposição. Aqui, num fundo sumptuoso de tapeçaria mudejar, sentada numa cadeira do século XV, uma figura gótica de mulher, toda de branco, as mãos estilisadas como as flores-de-lís de uma auriflama rial, olha, vagamente, numa atitude de desdêm e de rancor; alêm, outra mulher nobre, de negro, passa chorando en-

tre homens de armas brutais, cujas bárbaras cotoveleiras de ferro lampejam sôbre a carne dos braços nús; agora, uma cabeça de velha, amantada num véu negro de Borgonha, recorda pelo esmalte, pela modelação, pelo vigor, um Mémling, um Gérard David, um Nuno Gonçalves; logo, sôbre um enxequetado heráldico de sinoble e de prata, desfila uma teoria de jograis multicôres que se diriam surpreendidos numa iluminura do *Museu Britânico,* — um equilibrando na ponta do dedo uma pluma de pavão, outro conduzindo um urso, o terceiro, caprípede, cornicabro, montado como Xântias numa jumenta branca, o último enorme, obeso, espécie de Sileno embrulhado na murça vermelha de doutor, a tocar gaita de foles; por um momento, os nossos olhos repousam numa figura de freira carmelita, expressão calma de renúncia, de insensibilidade, de imobilidade, que lê Fray Juan de la Cruz na sombra violeta de um cláustro; ao fundo, surge-nos a mais assombrosa tela de Frank Craig, *Confissão,* obra de um inquietante poder dramático, de uma sombria e comunicativa eloqüência, em que um padre dominicano robusto, quadrado, interrogativo, os braços estendidos sôbre a tapeçaria de Flandres que recobre a mesa, ouve de confissão um esco-

lar de face glabra e de roupa negra talar, cujos pés, calçados de sapatos polacos ponteagudos, parecem tremer no lajedo frio do chão. Toda essa multidão de vitral e de *Livro-de-Horas* agita-se, vive, sente, move-se, fala em volta de nós; interessa-nos pela violência do seu drama humano; prende-nos pela persuasiva verdade das suas atitudes, das suas expressões, dos seus gestos; comunica-nos a emoção religiosa do passado, — e não é sem uma desconcertadora surprêsa que nós transitamos, do Frank Craig pintor de história, para o Frank Craig pintor de elegâncias contemporâneas; não é sem um estranho encanto que o vemos, nas suas incomparáveis monocromias, dar-nos a graça ondulante e ligeira de *Lady Cosmo*, a subtil formosura das *spinsters*, toda a espiritualidade transparente e delicada das sêdas, dos tules, das cassas, das musselinas, a distinção *Saint James's Street* dos interiores modernos, — bancos de *bar*, mesas de *bridge*, áleas de jardim, soluços de Schumann, phlox côr de rosa do Moor Park — e, por todos os cantos, em todas as telas, como uma obsessão, a Colombina eterna, a *Pierrette* imortal, loira, branca, dormente, translúcida, misteriosa, vôo e espuma, névoa e flor, obrigando-me a repetir, como M.me Z., deslum-

brado, quási fatigado de beleza, de côr, de ritmo, de sedução:

— Na verdade, como êle pinta bem mulheres!

Levei duas horas a vêr trinta quadros. Quando saí da exposição de Frank Craig, acompanhou-me um sentimento de profunda tristeza. Pensei que todas aquelas maravilhas eram a última obra de um inglês doente, que poucos meses poderia ter de vida, e que, talvez àquela hora, embalado pelo perfume das rosas de Monserrate, tão conhecidas de Byron, se estivesse despedindo, entre lágrimas, da glória suprema de viver...

A ARTE DE SER FELIZ

Há dias, quando fazíamos, com *Miss* Rosemary, a volta de Cintra para o Estoril, rebentou uma câmara de ar. Outro automóvel, que vinha em sentido contrário, parou para nos prestar auxílio. Conduzia um homem e uma senhora, cincoenta anos talvez, embrulhados em grandes casacos de gabardine côr de folha morta, — naturalmente marido e mulher. Iam de mãos dadas, ela um pouco reclinada sôbre o ombro dêle, um sorriso nos lábios, um *plaid* sôbre os joelhos. *Miss* Rosemary, que os conhecia, agradeceu-lhes e apresentou-me. Trocámos simples expressões de cumprimento, remediou-se a *panne*, despedimo-nos, e, numa atmosfera faìscante de poeira e de sol, os dois automóveis puzeram-se a caminho.

— São noivos? — perguntei eu à encantadora inglesa que me acompanhava.

— Não. Já teem um filho de quási trinta anos.

Sorri-me. *Miss* Rosemary compreendeu o pensamento que o meu sorriso escondia, e disse-me, aconchegando ao pescoço rosado de loira o seu maravilhoso *renard argenté:*

— Vocês, os portugueses, teem uma noção detestável do casamento. Não compreendem uma carícia, um movimento de ternura entre mulher e marido, senão nos primeiros meses da lua de mel. Depois, acham tudo ridículo, — até um apêrto de mão!

Iamos contornando o cabo da Roca. Distraí-me a olhar o oceano, a crista gláuca e translúcida das vagas, o fumo de um navio ao longe, a espuma que cachoava, scintilando, de encontro às rochas abruptas cortadas de nódoas vermelhas de schistos. Quando dei por mim, estávamos no Estoril. Fomos tomar uma chícara de chá ao *Estrade.* Um quarto de hora depois, no jardim de inverno do hotel, baloiçando-se no seu cadeirão Brougham, *Miss* Rosemary contava-me a vida dos dois felizes mortais que tínhamos encontrado no caminho e que, a trinta anos do contracto matrimonial (o único em que não se exige que as partes contratantes estejam no pleno uso das suas faculdades mentais), conservavam ainda a mesma ter-

nura, as mesmas ilusões, o mesmo enlêvo amoroso dos seus primeiros dias de casados.

Ela, muito interessante, era filha única dos barões de V., mas não usava o título. Ele, educado na Inglaterra, tinha uma situação de destaque na alta finança. Conheceram-se onde, em geral, se conhecem todos os noivos elegantes — num baile. Duas semanas depois de apresentados, êle pediu-a, despediu-se até ao dia do casamento — daí a três meses — e partiu para Londres. Só se tornaram a vêr no próprio dia em que se casaram, às 7 horas, na igreja da Pena, numa terrível manhã de nevoeiro. De volta a casa, quando os pais procuraram os noivos, não os encontraram. Tinham fugido na mesma carruagem que os trouxera da igreja, e, durante uns poucos de meses, ninguem soube mais dêles. «Vamos isolar-nos como todos os animais que amam — deixou êle escrito num bilhete a lápis — para não aturar papás, nem mamãs, nem visitas importunas». Quando regressaram a Lisboa, foram habitar um palacete de dois andares, a S. Sebastião da Pedreira, montado com todas as elegâncias modernas, móveis de Dampt e de Dufrêne, ferros forjados de Braquemond, e um admirável tecto de Albert

Besnard, — três Amores dançando numa chuva de rosas. Ele instalou-se no rés-do-chão. Ela, no primeiro andar. Cada um tinha o seu quarto-de-cama, a sua casa-de-banho, o seu quarto-de-vestir, o seu *luncheon-room* independente. Dormiam sempre sós; jantavam sempre juntos; uns dias almoçava ela nos aposentos dêle, outros dias êle nos aposentos dela. Não se tratavam por tu. Mantinham, intacto, o culto verdadeiramente inglês da família, — reduzindo ao mínimo todos os inconvenientes da familiaridade. Essa tortura a que um francês de espírito chamou «*l'éternité du tête-à-tête*», não existia para êles. Todos os seus actos, todos os seus gestos, todos os seus pensamentos obedeciam à preocupação de não diminuir, pela demasiada aproximação, pelas revelações excessivamente materiais da sua vida conjugal, a dignidade, a idealidade do seu sentimento amoroso. Acima de todas as loucuras, de todos os entusiasmos da paixão, colocavam o respeito de si próprios e do seu próprio afecto. Conseguiram, por êsse instinto da felicidade, que é o verdadeiro segrêdo das pessoas felizes, o milagre de viver como dois noivos, entrégues a todos os arrebatamentos de um grande amor, sem conhecerem as excessivas, as desagradáveis, as grossei-

ras intimidades, que conduzem, inevitavelmente, ao fastio e à desilusão. Enobreceram tanto a vida, mostraram-se sempre, um ao outro, tão superiores e tão perfeitos, que nunca deixaram de admirar-se, de respeitar-se — e, por conseguinte, de amar-se com a mesma delicada e tranqùila emoção. Nem os primeiros filhos perturbaram a sua existência de noivos eternos. O segundo andar estava já mobilado — um Jémont branco e oiro, cheio de berços — à espera dos bébés e das amas. Um, dois meses antes dos pequenitos nascerem, êle ia viajar sòzinho — França, Itália, Inglaterra —, e só voltava um, dois meses depois dêles terem nascido, para recomeçar a sua permanente lua de mel com uma mulher que, aos seus olhos, nunca deixava de ser bela e de viver nessa vaga atmosfera luminosa de idealismo e de mistério, sem a qual não existem, nem os grandes heroísmos, nem as grandes paixões.

E *Miss* Rosemary concluíu, recostando a sua linda cabeça de Botticelli sôbre a almofada vermelha do cadeirão:

— Sabe você? A maior parte da gente é infeliz no casamento, não porque não possa, mas porque não sabe ser feliz. A felicidade é qualquer coisa que depende mais de nós

mesmos, do que das contingências e das eventualidades da vida. E' necessário colaborar com o destino, meu amigo, e aprender a viver como se aprende a lêr, a fazer renda inglesa ou a jogar o *foot-ball*. «*La vie est un métier qu'il faut se donner la peine d'apprendre*». A felicidade é, sôbre tudo, uma questão de educação. Você nunca aprendeu a ser feliz?

— Há muito tempo, minha querida amiga. Mas já me esqueci.

AUGUSTO ROSA

Vou falar-lhes da última doença e da morte de Augusto Rosa.

Não infligiria, de certo, ao meu espírito, a tortura de recordar essa tremenda página de agonia, se o glorioso artista, que tão nobre e tão bela soube tornar a sua vida, não tivesse convertido numa grande lição de beleza a sua própria morte. Sou daqueles que entendem (e com íntima convicção!) que a doença, como todas as misérias, tem o seu pudor, e que, sôbre tudo tratando-se de homens eminentes, se deve envolver na piedade do silêncio tudo quanto o espectáculo da morte tem de deprimente para a dignidade humana. Mas Augusto Rosa foi uma excepção. Augusto Rosa pertenceu a essa rara estirpe de criaturas que possúem o condão de elevar e de enobrecer tudo aquilo que as toca, e que, ou calcem as sandálias doi-

radas de Alcibíades, ou vistam a casaca vermelha de Lauzun, ou átem a gravata inverosímil de George Brummel *squire*, parecem criadas pela Providência para, de tempos a tempos, com o seu sorriso frio, ensinarem o resto da humanidade a estilisar a vida e a encher de beleza a dôr e a morte. O grande artista foi, na sua máxima expressão e até ao seu último alento, — um elegante. Soube, como Dorian Grey, «viver em plena arte». Conseguiu, como Hedda Gabler, «morrer em plena beleza».

E, entretanto, Augusto Rosa sucumbiu a uma doença horrível: um cancro no pulmão. Tinha-se operado, há dezasete anos, de uma nodosidade cancerosa sub-cutânea da aza do nariz; a neoplasia toráxica, que o vitimou agora, deve ter sido uma metástase ganglionar, mediastínica, que se desenvolveu lentamente, aderiu à plêura, invadiu o parenquima pulmonar, — e produziu, há de haver cinco meses, os primeiros sintomas graves de compressão e as primeiras hemoptises. O grande artista teve o pressentimento de que seria aquela a sua última doença; mas nunca soube, nem suspeitou sequer, até ao último momento, a-pesar de pertencer a uma dinastia de cancerosos, que se tratava do mesmo mal a que tinham sucumbido seu pai, sua

mãe, e dois dos seus avós. Vi-o em seguida à primeira crise e impressionou-me o seu aspecto, a sua côr, essa palidez baça de porcelana que os médicos conhecem tão bem, a face pendente, o lábio violáceo e descaído, a sua bela cabeça de romano trabalhada já de uma repentina senectude, que lhe endurecia os traços, que lhe avivava os relevos ósseos, e que, não sei porquê, me fez pensar em certas águas-fortes de Dürer. Disse-me que vivia artificialmente de injecções de morfina; que o atormentavam umas dores reumatóides no braço esquerdo; e concluíu, deixando caír o monóculo, num gesto de acabrunhamento e de desânimo: — «Este coração, êste coração...» Fiquei a olhá-lo, emquanto êle se afastava na névoa luminosa da tarde, elegante ainda a-pesar do visível esfôrço dos seus movimentos, um completo inglês, azul escuro, colado ao corpo, um *pardessus* no braço, umas luvas de camurça branca amarrotadas sôbre a volta de oiro da bengala. Lembrei-me da velhice, cheia de distinção, do Visconde d'Orsay, e senti, ao vê-lo descer a rua, querido, admirado, cortejado, que Augusto Rosa se despedia voluptuosamente da vida e que era aquele o seu último passeio. Assim foi. Daí por diante, o grande actor raras vezes saíu, sempre

de carruagem, embrulhado num *plaid* e acompanhado de sua esposa. As crises espasmódicas repetiam-se; uma tosse sêca, quintosa, coqueluchóide, atormentava-o; os acessos de dispneia, cada vez mais freqùentes, só cediam à morfina; mas Augusto Rosa continuava a abrir os seus salões, a receber os seus amigos, e, às vezes com o sofrimento a pintar-se-lhe na cara, sorria, conversava, rodeava-se de arte, de alegria, de esplendor, de juventude, procurava (com que dolorosa evidência!) corrigir pelo culto, cada vez maior, da sua elegância pessoal, as devastações implacáveis da doença e da velhice. Parece que o estou vendo ainda, assentado num pequeno sofá Luís XVI, ao fundo do salão, rodeado de almofadas, a cabeça na atitude tão fina e tão espiritual em que a surpreendeu o mármore de Teixeira Lopes, os olhos mortiços, a luz a encher-lhe de dedadas doiradas a palidez inquietante da face e das mãos. Lia; recitava as obras-primas de todos os poetas; versava com os seus amigos questões de estética geral; improvisava serões literários; a sua voz potente, pastosa, magnífica, de uma sumptuosidade litúrgica, declamava Camões e Petrarca, Ronsard e Gil Vicente, — e, à medida que êle próprio se ouvia, a fisionomia animava-se-lhe, resplandeciam-lhe os olhos,

avivava-se o traço imperioso do seu nariz Bourbon, e a sua trágica invalidez erguia-se ainda na ilusão da glória e do triunfo. Mas, dentro de pouco tempo, nem mesmo essa ilusão caridosa a doença lhe permitiu. Os sintomas nervosos de compressão agravaram-se; às lesões irritativas do recorrente, que tinham determinado terríveis espasmos da glote, sucederam as lesões de destruição; produziu-se a paralisia das cordas vocais; veio a disfonia, — e o grande artista, que vivera do esplendor máximo da palavra, em cuja bôca o verbo dos poetas se tornara alma, luz, côr, sorriso, lágrima, emoção, grandeza, encontrou-se sem voz, sofreu a suprema agonia moral de vêr toda a sua glória reduzida a um murmúrio apagado, e, por momentos, sucumbiu. Restava-lhe a beleza, a elegância, essa flor ateniense de distinção e de graça que, pela vida adiante, fôra uma das razões do seu sucesso, e que Augusto Rosa soube cultivar, até à morte, com o escrúpulo voluptuoso de um grego da decadência. Já de cama, recostado em almofadões, vestido de um pijama de setim preto, um pequeno espelho de prata na mão, levava metade do dia a fazer massagens na face, a frisar os cabelos, a polir as unhas, a escolher jóias como um adolescente. Não recebia

ninguêm, nem o seu amigo mais íntimo, sem estar, como êle próprio dizia sorrindo, — «*en beauté*». A' semelhança de Lysícrato, que, para receber a morte, mandou doirar o linho da sua túnica, Augusto Rosa, antes de morrer, preocupou-se ainda com a beleza de um efeito de luz sôbre o setim que o vestia, e pediu que lhe lêssem versos. Depois, a cabeça pendeu, o nariz afilou-se mais, entrou num breve côma, arfou num Cheyne-Stokes sereno, e extinguiu-se, tranqùilamente, pela madrugada. Tinha morrido como vivera, — com a dignidade de um esteta.

AS IDEAS DE FAUSTO ARANHA

Eu tinha ouvido dizer que o dr. Fausto Aranha, meu colega pela Faculdade de Medicina de Lisboa, estava doido. Foi, portanto, com surprêsa e, até certo ponto, com inquietação, que eu ontem o encontrei no *Palace Club,* afundado num dos Maples verdes da sala de leitura, com um número do *Times* sôbre os joelhos e uma chícara de chá ao lado. Assim que me viu, veio efusivamente para mim, agitando os braços enormes, num completo *gris Oxford* com grandes botões pretos, que lhe dava o vago aspecto de um Pierrot:

— Olá! Como está você?

Com franqueza, não notei na fisionomia do meu colega a menor perturbação. O mesmo olhar vivo, a mesma face wildeana onde scintilava a aresta de vidro de um monóculo, a mesma elegância um pouco disparatada,

as mesmas atitudes angulosas, oblíquas, paradoxais como o seu espírito. Sentei-me junto dêle. Passei os olhos por um jornal. Daí a pouco falávamos da guerra. Uma luz tranqùila, coada pelos espessos estores de sêda verde, enchia de uma penumbra doirada aquele interior holandês. Um sujeito de idade, calvo, distinto, grave, dormia, meio oculto numa das poltronas. De repente, o dr. Fausto Aranha arremessou o *Times*, atirou uma perna sôbre o braço da cadeira e declarou-me, categóricamente:

— Sabe você quem fez a guerra? Os velhos. E sabe você em proveito de quê? Da velhice.

— Da velhice?

— Siga o meu raciocínio, e verá que concorda comigo. Nós estamos, porventura, em presença de uma guerra de raças? Não. Não chegou ainda a grande calamidade prevista por Penka e por Fouillé, a guerra dos dólico-loiros com os bráqui-trigueiros, dos crâneos compridos com os crâneos curtos, em que a humanidade inteira se exterminará por um ou dois graus de índice-cefálico a mais ou a menos. Vemos, pelo contrário, um conjunto heteróclito de raças — germânicos, celto-eslavos, mediterrâneos, negróides, amarelos — combatendo em excelente harmonia o bloco

áustro-germano-turco. Também não estamos em presença de uma guerra de povos. A maior parte dos povos empenhados na luta não se batem por ódios históricos, nem em nome de hostilidades tradicionais e hereditárias; massacram-se a frio, por disciplina, por dever moral, metódicamente, automáticamente, sem o entusiasmo sagrado, sem o sentimento profundo da guerra. Também não estamos em presença — inútil acentuá-lo — de uma guerra de religiões. Que hipótese resta? A de uma guerra de interêsses, — não já, evidentemente, de interêsses dinásticos e familiares, como na Europa dos séculos XV e XVI, mas de interêsses dos sindicatos do poder, de interêsses de ordem comercial, de ordem industrial, de ordem política, de ordem financeira, sob a etiquêta de vagas abstracções filosóficas — direito, liberdade, justiça. Por conseguinte, meu amigo, não é a guerra das raças, nem a guerra dos povos, nem a guerra das religiões, nem a guerra dos reis: é a guerra das chancelarias. Quem verdadeiramente se encontra em guerra não são os ingleses, nem os italianos, nem os alemães, nem os franceses, nem os americanos, nem os austríacos: são os gabinetes de Londres, de Paris, de Roma, de Berlim, de Viena, de Washington. Quem compõe

êsses gabinetes? Velhos. O poder está, por toda a parte, entrégue à decrepitude. Que são as chancelarias modernas? Oligarquias de velhos ao serviço de sindicatos de velhos. Que são, fundamentalmente, quási todos os Estados europeus, monárquicos ou republicanos? Gerontocracias. Os destinos do mundo repousam hoje nas mãos senís de três homens: Lloyd George, Hindenburgo, Clémenceau. Foram os velhos que fizeram a guerra; são os velhos que a manteem; — mas são os novos que se batem e morrem. A grande revolução de àmanhã não será apenas do pobre contra o rico; do operário contra o patrão; será tambêm do moço contra o velho — porque há-de ser, sob todas as fórmas, a revolução do oprimido contra o opressor. Percebeu você?

O *chasseur* veio abrir a luz eléctrica. Uma rapariga loira espreitou à porta. O sujeito de idade, que dormia na poltrona quando eu entrei, tinha agora os olhos fixos em nós. Não me atrevi a fazer a mínima objecção às ideas do meu colega, cujo estado mental começava, de facto, a inspirar-me dúvidas. Nervosamente, o dr. Fausto Aranha acendeu um cigarro e continuou:

— Mas o que é odioso, é que são precisamente os velhos, que desencadearam a

guerra, aqueles que mais teem a lucrar com ela. Em quatro anos, a mortalidade, verdadeiramente gigantesca nos países em luta, perturbou a estrutura demográfica das populações. Não se modificou de maneira sensível o número de crianças e de velhos; diminuiu de muitas dezenas de milhões o número dos homens válidos. Quer dizer: a percentagem da velhice nas nações em guerra tornou-se formidável. Até que a hipernatalidade compense êste desequilíbrio populacional, os velhos gosarão de todos os benefícios provenientes da diminuição de concorrência das idades virís; toda a vida será invadida, infiltrada, minada de velhos, e as gerontocracias, apoiadas agora na fôrça de uma maioria compacta, governarão ainda mais discrecionáriamente o mundo. Dirá você que a velhice não resiste à vida intensa que se lhe prepara; que não há, atrás dela, gerações válidas que vão, por seu turno, envelhecendo; e que, por conseguinte, em pouco tempo, a percentagem dos senís, momentâneamente acrescida, baixará. Engano. E' que você não conta com a maior, com a mais inesperada vantagem que a guerra trouxe aos velhos. A guerra, meu amigo, produziu condições e oportunidades que permitem assegurar a longevidade humana. Os velhos,

com os tecidos rejuvenescidos, poderão completar o seu ciclo vital e morrer, como pretendia Buffon, com cento e muitos anos. Está resolvido pela guerra o mais impressionante de todos os problemas da ortobiose. Como? Com o elixir de oiro de Roger Bacon, com o grão filosofal do bizantino Teismusin, com o sirmaísmo dos Faraós, com os conselhos de Luigi Cornaro, com as fantasias de Huffeland, com os fermentos lácticos de Metchnickoff? Não. Apenas com polpas frescas de órgãos e de tecidos humanos. Você conhece, como eu, o mecanismo da acção dos soros hemolíticos. Sabe que, injectando num cavalo sangue humano, o sôro sanguíneo do animal preparado adquire a propriedade de dissolver, de destruír os glóbulos do sangue do homem, e, em quantidades mínimas (tal qual como a digitalina para o coração) a propriedade contrária de os revigorar. O mesmo que se dá com os glóbulos do sangue, dá-se com os elementos nobres de todos os nossos tecidos e órgãos — células cerebrais, cardíacas, hepáticas, renais — que, introduzidas na circulação de um animal qualquer, provocam a formação de um *ambocéptor*, de um anticorpo específico destruìdor (ou, em doses mínimas, revigorador) do cérebro, do coração, do fígado, do rim do

homem, — isto é, a produção de um sôro capaz de prolongar a vida humana. Porque não se tinha preparado ainda êsse sôro? Porque, não sendo fácil tirar do corpo humano vivo pedaços de órgãos, pelo menos com a simplicidade com que se lhe tiram centímetros cúbicos de sangue, e não se encontrando tecidos sãos em cadáveres, a não ser na hipótese de morte violenta de organismos moços e vigorosos, e imediatamente *post-mortem*, — só uma grande carnificina, como a guerra actual, poderia fornecer matérias-primas frescas e abundantes para a fabricação de um sôro regenerador da velhice. Em conclusão: a vida dos velhos será prolongada; a percentagem de velhos, em vez de diminuir, crescerá sempre; cada vez mais o mundo será irremediávelmente dominado pela velhice, e, se uma revolução dos moços se não produzir, a humanidade regressará às fórmas bíblicas e patriarcais. Por isso eu lhe disse, meu excelente colega: esta guerra foi inventada por um sindicato internacional de velhos, a favor da decrepitude universal.

Despedimo-nos. Saí do *Palace*, intrigado. Desde ontem que pergunto a mim mesmo se o dr. Fausto Aranha será, realmente, um louco.

O RATO E O VITRAL

Há tempo, fui visitar a Sé de ***. Recebeu-me, com a mais acolhedora bonomia, o cónego Aires, um velho amável, solícito, erudito, cumprimentador, que exercia no cabido as funções de fabriqueiro e que andava — disse-me êle — traduzindo as elegias de Tibullo. As razões de carácter oficial que me levavam a penetrar no antigo templo — o exame dos documentos do cartório capitular — pareciam não ter disposto Monsenhor Aires muito desagradávelmente a meu respeito. Quando atravessávamos a sacristia, eriçada de andaimes e de escadotes, o douto cónego informou-me de que a Igreja estava, havia dois dias, fechada ao culto, por que iam finalmente principiar as obras cuja realização êle tivera a honra de propôr a sua ex.ª reverendíssima. Demorei-me um instante a admirar essa vasta quadra, com a sua abó-

bada normanda sexpartida e lavrada nas nervuras dos terciarões, a sua tábua flamenga do século XV (talvez de Gérard David) encastrada no espaldar de talha doirada do arcaz maior, e — o que era na verdade magnífico — o seu rosetão gótico, cuja vidraça colorida, na armadura grosseira dos pinásios de chumbo, vinha, batida das labaredas do sol, projectar-se nítidamente no chão. Monsenhor não se esqueceu de fazer-me a história dêsse vitral, velho de quatro séculos, onde, segundo a opinião do bispo D. Diogo Ortiz, estava reproduzido um dos evangelistas da rosácea multilobada de Toledo, palpitante ainda do génio cristão de Petrus Petri. Com efeito, perfilada de negro, no caixilho molíbdico irregular do rosetão, a figura de um velho resplandecia, com a sua barba cinzenta, a sua face pálida, o seu *pallium* rôxo, um clarão fulvo de auréola a circundá-lo como a certos apóstolos iluminados no *Psaltério de S. Luís*, — e, hierática, enorme, chamejante, ia alongar-se projectada no lajedo da sacristia, fórma humana impalpável exalando uma emanação de oiro flùido, e scintilando, flamejando, irisando-se em todas as côres do espectro solar. Evidentemente — creio que foi Ruskin que o disse — a beleza maravilhosa dos vitrais é mais a obra da luz, do que

a obra dos homens. Demorámo-nos um momento ainda. Admirámos mais uma vez a velha tábua flamenga, decerto escola de Mémling, onde uns meninos nús brincavam sôbre uma almofada de riço vermelho, — e seguimos, Monsenhor Aires e eu, a caminho do cartório. Foi incalculável o número de degraus que tivemos de subir. Infelizmente, o cónego claviculário não deixara as chaves dos armários grandes, e eu vi-me obrigado a transferir o exame dos pergaminhos para o dia seguinte. Dêscemos. Quando entrávamos de novo na sacristia, Monsenhor deteve-me, travou-me do braço, e apontou-me um pequenino rato que marinhava, com destreza, pelo bôjo entalhado do arcaz:

— E' isto. Desde que fechámos a Igreja, já andam por aqui de dia...

Ficámos ambos, na soleira da porta, observando os movimentos do animal. Era um musurídio vulgar, ligeiro, esperto, ágil, nervoso, dando a impressão de uma bola de azougue dentro de um pedaço de feltro, um focinho agudo e hirsuto, umas patas curtas, rosadas, com qualquer coisa de humano, e a expressão confusa de um deslumbramento nos olhitos redondos de roedôr habituado ao silêncio e à escuridão. Subiu, empoleirou-se na cimalha do arcaz, e ficou um momento,

imóvel, espreitando para baixo numa atitude interrogativa e inteligente. Não foi difícil perceber que o pequeno rato — para o qual só eram familiares os aspectos nocturnos da Sé — olhava surpreendido a projecção luminosa do vitral da sacristia. Que seria aquilo? Uma imagem humana, talvez um cadáver susceptível de ser roído, devorado voluptuosamente por todo o capítulo solene dos ratos da velha catedral, — em todo o caso uma fórma inerte de que não seria perigoso acercar-se. O rato desceu; ganhou o chão; pouco a pouco, cautelosamente, foi-se aproximando da mancha colorida da rosácea, donde parecia elevar-se uma poeira metálica refulgente; atingiu o contôrno oval da projecção; entrou, hesitando, no foco luminoso que produzia aquela maravilha de côr; ergueu-se um momento nas patas trazeiras, — e, de repente, como se uma vibração eléctrica lhe percorresse o dorso, começou a correr em todas as direcções, desorientado, inquieto, tacteando, farejando, afocinhando a pedra. Não encontrava coisa alguma do que vira lá de cima, na sua miragem deslumbrante. Era sempre o mesmo lajedo, — menos frio, talvez, por que êle sentia o calor do sol na polpa rosada das patas; e a própria côr, que criara no seu cérebro rudimentar

de *mus vulgaris* a ilusão magnífica de um festim, não a percebia, não a distinguia agora, mergulhado como estava, êle próprio, no clarão que o iludira. De novo o pobre animal subiu ao arcaz; de novo desceu, movendo o focinho ancioso, fitando as orelhas, correndo, procurando, numa inquietação, a imagem que tão distintamente via a distância e que desaparecia para êle no momento em que a alcançava. O velho cónego e eu, que seguíamos em silêncio êste espectáculo inesperado e singular, entreolhámo-nos, na comunhão do mesmo pensamento. Afinal, aquele rato — profunda filosofia das coisas mínimas! — éramos todos nós. Na aflitiva anciedade dêsse pequeno animal estava, com os seus sonhos insatisfeitos, com os seus ideais inatingíveis, com as suas ilusões desesperadoras, todo o drama da alma humana. Como o reflexo dêsse vitral gótico, o bem que se deseja só existe emquanto o vemos de longe; e toda a felicidade sonhada desaparece para nós no momento em que julgamos possuí-la. Monsenhor Aires deu-me o braço, e já à porta da Sé, cobrindo com o chapeirão a cabeça branca e lisa como um solidéu de prata, repetia-me ainda:

— Escreva o apólogo do rato e do vitral. Olhe que aquilo, meu caro senhor, é a vida!

OS BARBAROS

Vieram servir-nos o chá. O moço capitão ***, recêm-chegado da Flandres, atirou o *stick*, descalçou as luvas, e emquanto as chícaras fumegavam, continuou a contar-me as suas impressões da guerra:

— O capacete dos boches? Ah, meu excelente amigo! Não sei quem foi que lhe chamou o «símbolo da regressão mental do povo alemão». O que posso afirmar-lhe é que aquele capacete estreito de sola, curto, braquióide, onde não cabe um crâneo português, armado de um formidável espigão de ferro e produzindo na sombra o perfil bárbaro do casco de bronze de um cimbro ou de um teutão, constitúe a expressão perfeita da psicologia do prussiano moderno. Já mesmo tive dois ou três nas mãos. Sabe quando? Na noite de 1 de março do ano passado, — precisamente quando se realizou o primeiro

raid mais sério dos alemães sôbre o sector português de Neuve-Chapelle. Creio que a notícia dêsse *raid* e da bravura com que nós o repelimos, não chegou cá. Ou, se chegou, o govêrno sepultou-a no silêncio. Mas eu lhe conto como foi. Nós, batalhão de infanteria 4, ocupávamos na frente britânica um pequeno sector em terreno húmido, pantanoso, onde não era possível abrir trincheiras, e onde, por conseguinte, todos os trabalhos de protecção se reduziram a um sistema exterior de defezas em superfície, organizado com sacos de terra e sem a menor resistência contra um violento bombardeamento de destrùição. Na nossa frente, os alemães mantinham-se numa posição magnífica, — a crista de Aubers. Havia já oito a dez dias que nós notávamos uma certa efervescência nas linhas boches; começávamos a viver na tensão de nervos das grandes expectativas; mas os ventos de oeste, contrários ao inimigo, lufadas de gêlo que secavam a lama debaixo das rodas dos nossos canhões e nos defendiam dos gazes asfixiantes melhor do que todas as máscaras e todos os capuzes, davam-nos ainda a esperança de poder dormir tranqùilos nas noites mais próximas. Não sucedeu, porêm, assim. Logo na noite de 1 para 2 de março, a irrupção alemã, pre-

cedida clássicamente de uma larga barragem, deu-se ao mesmo tempo em vários pontos da linha britânica — Saint-Quentin, Hagicourt, Neuve-Chapelle, Passchendaele — e nós, portugueses, tivemos a honra e a sorte de agùentar ali, nas margens do Lys, em pleno pântano, em plena treva, quási a peito descoberto, varridos de metralha, a martelada de ferro de dois batalhões. O nosso centro pareceu ceder um instante, numa brusca flexão involuntária; mas, de súbito, as alas direita e esquerda dobraram-se sôbre o inimigo envolvendo-o, as reservas chegaram, e — meu camarada! — aquilo é que foi acabá-los à baioneta, abrir cabeças à trasmontana, e quanto mais os boches, fingindo-se ingleses, gritavam para desorientar os nossos soldados — *Do not shoot! Hands up! We are english!* — mais as coronhas abatiam sôbre êles, na escuridão; mais as metralhadoras crepitavam; mais o sangue alemão nos espirrava em postas na cara, — tanto e tanto, que, quando se levantou o sol, afirmo-lho eu, tínhamos merecido bem que Barrès, o ilustre Barrès, nos chamasse «*les glorieux montagnards à la peau bronzée*». E os capacetes? — perguntará você. Foi então que, pela primeira vez, os vi bem. Filosofei toda essa tarde — quer crêr? — diante de uma taça de

champanhe e de um capacete alemão. Não havia dúvida: era ainda o casco guerreiro de um bárbaro. Bastava olhá-lo. Estava ali, nêsse capacete de coiro de boi, armado de um alto, de um enorme espigão prismático de ferro, a revivescência ancestral dos velhos cascos mitrados, dos capelos de ferro ponteagudos, dos ferozes cornos de bronze que coroavam na guerra as hordas de hunos, de cimbros, de teutões e de vândalos. A mesma preocupação de intimidar pela elevação da estatura humana, o mesmo espírito de terror supersticioso que inspiraram e criaram os cones de cobre dos cascos assírios e etruscos, os heróicos chavelhos gauleses, os capacetes agudos dos metalurgistas sassânides e mudejares, os cascos de ponta dos guerreiros da tapeçaria sumptuosa de Bayeux, os bacinetes e as barbudas eriçadas de ferro do século XV, — mantinham viva a sua expressão anacrónica na lança do capacete prussiano, com que os Hohenzollern se propunham intimidar o mundo. Para mim, que sentia ainda o travo do sangue no champanhe que estava bebendo; para mim, que acabava de bater-me por ideais modernos de generosidade e de liberdade, aquele capacete era alguma coisa mais do que um simples anacronismo, — era uma afirmação eloqùente do carácter de

regressão da mentalidade alemã. «A Alemanha está ainda no seu Luiz XIV», — disse um dia não sei quem, Williams, ou Schwob, ou Demolins. Isto é uma frase, meu caro camarada; mas por detrás desta frase há uma verdade resplandecente. O alemão criou uma civilização maravilhosa; mas conservou a alma antiga de um wiking, cheia de superstições e de ferocidade. Sabe o que falta a êsse grande povo? Falta-lhe ter sofrido. A derrota inevitável será para êle àmanhã uma grande vitória moral, — porque o redimirá pela consciência da sua dignidade de povo livre. Temos de o combater implacávelmente, até que o capacete de ponta de ferro, o capacete brutal dos super-titans de Nietzsche e de Hindenburgo, símbolo da fôrça e da violência, do orgulho e da dominação, da crueldade e da barbaridade, desapareça para sempre da face da terra.

MADRE ANA DOROTEA

«Meu amigo:

Vou contar-te a história de uma pequena faiança que tenho em minha casa — uma jarra de Darque, século XVIII, com o escudo de S. Bento — em que, desde ontem, estou convencido de que vive uma alma. Sim, meu amigo, não te rias: uma alma. Eu detesto, como tu, a literatura do invisível e do sôbrenatural. No meu fenomenismo *middle class,* fui sempre um homem vulgar para quem apenas e mundo rial existe, e não me lembro de ter experimentado alguma vez, a não ser ontem, a necessidade intelectual de explicar o inexplicável. Ontem à noite, porêm, deu-se em minha casa um facto tão impressionante e tão extraordinário, que eu já me sinto inclinado a crêr, como o velho monge Gouber, que «*les choses visibles sont seulement le signe des invisibles*» e que, para alêm

das rialidades palpáveis e das fórmas corpóreas, se agita, imperceptível ainda para nós, um mundo confuso de fôrças e de sombras. Vou referir-te em duas palavras êsse facto, que tu estás no pleno direito de considerar inverosímil, em que eu mesmo não acreditaria se o não tivesse visto com os meus próprios olhos, e que não foi evidentemente uma alucinação, porque o verificou minha mulher e o confirmaram cinco ou seis pessoas que estavam comnosco na sala de música.

Tu sabes que eu fui o universal herdeiro do meu tio Marquês de ***, um singularíssimo velho que nunca teve uma casaca na sua vida, que nas ocasiões solenes vestia a do criado, e que, na falta de parentes mais próximos, me deixou toda a sua casa e bens. Como nós não estávamos dispostos a ir viver para Viana, onde meu tio possùia os solares de S. Gil de Perre e da Tôrre do Paço, trouxemos parte da mobília, as pratas, e alguns azulejos da quinta para Lisboa, mostrando minha mulher um grande interêsse em que viessem tambêm os objectos pertencentes, segundo tradição de família, à nossa tia-avó Madre Ana Dorotéa de Abreu Noronha Souto Maior, que aos vinte e sete anos de idade e onze de hábito morrera abadessa no mos-

teiro de S. Salvador de Vairão. Esses objectos, durante algum tempo esquecidos no palheiro da casa, eram apenas três: uma arca pequena de ferragens contendo breviários, papéis de solfa e receitas de dôce; uma jarra de faiança de Darque, armoriada, decorada de bôrra de vinho e amarelo, com a legenda «*Ave Maria*», e um cravo italiano de martelos, de quatro oitavas, assinado «*Gaspare Assalone, 1750*», com uma pastoral pintada no tampo de harmonia, admirável peça de museu que mandei restaurar a Milão, e que hoje está na sala de música, com a faiança em cima e a arca ao pé, num cantinho a que nós familiarmente chamamos «a cela de Madre Dorotéa». Muitas vezes me contou meu tio a lenda, guardada com carinhosa piedade pela família, de que a nobre freira morrera súbitamente uma tarde, sentada a êste cravo, cantando, com as mãos brancas sôbre o teclado, um motete religioso de Jomelli, e que, na hora do seu passamento, a pequena jarra de Darque, sem flores, gotejara sôbre o tampo da espineta o orvalho de duas lágrimas. Procurei inútilmente, nas memórias conventuais e no livro de óbitos de S. Salvador do Porto, qualquer referência a esta tradição piedosa, e, com franqueza, já me tinha esquecido dela quando, ontem à noite,

a loira *Miss* Kate Watson, depois de tocar no nosso Steinway as *Valses Nobles* e a *Pavane pour une Infante defuncte,* de Ravel, teve a fantasia, verdadeiramente inglesa, de reviver, diante dêsse cravo monástico do século XVIII, a lenda dos últimos momentos de Madre Ana Dorotéa. A' falta de Jomelli, procurou-se na arca um papel de música. Aproximámo-nos todos. *Miss* Kate Watson, sentada ao cravo, com os seus grandes olhos azúis e o seu vestido leve de musselina branca, dava-me a impressão de um alto-de-porta de Columbano na *Sala Doirada* do Paço de Belêm. Os dedos da encantadora inglesa, luzentes de anéis, correram o teclado, como uma carícia; um fiozinho de voz, cheio de unção religiosa, ergueu-se, cantou, gorgeou, trilou, soluçou um motete de Scarlati; dir-se-ía que toda a alma dêsse velho cravo chorava, que todas as suas cordagens de cobre gemiam como se as tocassem ainda, frias pelo gêlo da morte, as mãos da fidalga abadessa de Vairão. Não sei porquê, um vago, um supersticioso terror começou a envolver-nos. Minha mulher estava mortalmente pálida. De repente, olhei a jarra de Darque que poisava sôbre as pinturas do tampo de harmonia, e — posso afirmar-to sob minha palavra de honra — vi-a, vímo-la

todos nós, como no instante da morte de Madre Ana Dorotéa, à medida que as notas se erguiam num timbre de guitarra dorida, — orvalhar-se, transsudar, borbulhar, gotejar em grossas bagas de água, suor de agonia ou lágrimas de dôr, que tremiam, e scintilavam, e escorriam uma a uma pelo vidrado da faiança, diante dos nossos olhos dilatados de assombro. Tivemos, nós todos, a impressão nítida de que a alma da pobre freira, esvoaçando, palpitando à nossa volta, viera chorar comnosco as suas saudades do mundo. *Miss* Kate Watson, trémula, fechou o cravo. Minha mulher ficou doente. Desde ontem, ninguêm mais voltou à sala de música.

E aqui tens porque eu, homem educado nas coisas riais e positivas, acredito hoje firmemente no sôbrenatural. A culpa não é dos factos; é nossa, que os não sabemos explicar. Por que não vens tu tomar uma chícara de chá comigo e vêr a jarra de Madre Ana Dorotéa?

Teu, do coração, — *Enrique*.»

UM PINTOR BRASILEIRO

Quando Enrique de Holanda me deu o prazer de visitar-me na Inspecção das Bibliotecas para me mostrar o retrato dêsse grande poeta que é Martins Fontes, acompanhava-o o ilustre pintor brasileiro Navarro da Costa, que eu já de há muito admirava, e que não tinha ainda a honra de conhecer. Foi com sincero júbilo que lhe apertei a mão. Navarro da Costa é um amigo de Portugal, cujas praias e cuja luz está fixando nas suas marinhas, e tem por isso direito, mais do que à nossa admiração, — ao nosso comovido reconhecimento. Quando nessa ocasião nos encontrámos, ficou aprazada a minha visita ao seu *atelier*. Essa visita realizou-se três dias depois, na luz tranqùila e doce do *studio* de Navarro, em Campo de Ourique, e eu só posso felicitar-me pelo ensejo, que se me oferece agora, de transmitir

as impressões produzidas no meu espírito pela obra do moço plenarista, adorador fervoroso de Türner e de Mesdag.

Há, entre o tipo fisico e a obra realisada de alguns dos mestres da pintura portuguesa contemporânea, uma singular e flagrante analogia. Malhôa, o naturalista intenso, másculo, vibrante de seiva, de saúde e de côr, que nos deu os *Oleiros*, a *Romaria*, os *Bêbados*, a *Varanda dos Rouxinois*, é — conhecem-no bem — um estremenho robusto, alegre, viril, a quem ainda agora, na glória dos seus cabelos brancos, ficariam bem o sombreiro de veludo, a jaleca de astracan e as esporas de ferro dos Marialvas. E Columbano? Quanta semelhança existe entre a obra genial deste sombrio analista de almas, Velasquez do crepúsculo, e a sua figura pequena, pálida, taciturna, obscura, que parece caminhar, vacilante, na penumbra trágica dos seus próprios quadros! E Souza Pinto? Não é verdade que na elegância meticulosa, pontual, um pouco fria do mestre, está todo o exacto e escrupuloso parnasianismo da sua pintura surpreendente? Com o ilustre pintor brasileiro de quem me venho ocupando, sucede precisamente o mesmo. Nêle, como em tantos outros, — a obra é o homem. Meridional excitado, nervoso, irre-

quieto, repentista, lembrando um pouco, de perfil, a cabeça leonina de Alexandre Braga, Navarro da Costa tinha de ser na arte o que realmente é na vida, — um improvisador brilhante, impetuoso, veemente, um orador fogoso da côr, um retórico fremente da luz. A sua pintura é uma fórma sensual da sua eloqüência. Pinta com o mesmo brilho, a mesma vivacidade, o mesmo dom de improvização com que fala. Poucas vezes a palavra «impressionismo», que Sérilles tão exactamente definiu, se tem ajustado melhor ao processo de um pintor. O que faz de Navarro da Costa um intérprete maravilhoso do mar, capaz de fixar e de reproduzir, com uma verdade flagrante, efeitos de luz e de côr que variam a cada momento, é precisamente o seu génio repentista, a facilidade com que vê, a intensidade com que sente, a rapidez prodigiosa com que executa. Como todos os pintores de visão rápida e de execução fulgurante, o autor dos *Rochedos ao sol*, da *Casaria ao Sol*, das *Roupas ao Sol*, das *Arvores doiradas*, tinha de ser um apaixonado, um deslumbrado das grandes claridades. Tudo nos seus quadros esplende, scintila, chameja, resplandece, — as toalhas fulvas de areia, as transparências glaucas do mar, o oiro sumptuoso das velas, o casco fenício e

faùlhante dos barcos. «*Le principal personnage d'un tableau c'est la lumière*», — disse o grande Manet. O brasileiro Navarro da Costa, como o português Souza Lopes, como o francês Besnard, como o italiano Segentini, como o inglês Moore, como o austríaco Hans Makart, revela-se, acima de tudo, um *virtuose* da luz. Na sua vasta teoria de águas e de céus, realizada em Leça, na Foz, em Carreiros, em Leixões, série admirável de estudos, de manchas, de esquissos, de pochades, o que o moço mestre brasileiro amorosamente pintou foi o sol, o incomparável sol português, doirado, quente, dionisíaco, criador, «gordo de luz», sol ideal para os plenaristas, sol que se presta, como nenhum outro, à «divisão dos tons para o aumento da vibração» (H. Cochin), sol que faz pintores, que educa pintores, e que Navarro da Costa, descendente de portugueses, tem sabido amar até ao êxtase, com uma devoção verdadeiramente ancestral. O «lusitanismo» do ilustre artista é, para mim, a nota mais sensibilisadora da sua psicologia e da sua obra. Não deixa por isso Navarro da Costa de ser medularmente, fundamentalmente brasileiro, — e de sentir o justo e soberbo orgulho da pátria. As influências hereditárias, as determinantes de raça que decidiram da sua

visão e da sua emoção estética, que criaram no seu espírito o culto tradicionalmente português do mar, que alimentaram o seu vago idealismo cristão, que lhe deram a eloqùência vivaz e a força improvisadora, — não desnacionalizaram nem perturbaram o forte americanismo da sua estrutura moral. Quando saí do *atelier* do eminente pintor, onde confortavelmente o fogão crepitava e uma tapeçaria velha adormecia na sombra, não pude deixar de pensar na influência que, nas relações entre os povos, exerce esta espécie gloriosa de embaixadores-artistas. No dia em que Navarro da Costa expuzer, em plena *saison* do Rio, a maravilhosa coleção de marinhas portuguesas que leva na sua bagagem, — estou certo de que os brasileiros, perante o êxtase sagrado daquele mar, perante a bênção pagã daquele sol, hão-de, se é possivel, amar ainda mais Portugal.

PSICOLOGIA DA INGRATIDÃO

Em geral, como quási todos os sonhadores, eu não costumo sonhar. Parece, porêm, que o *Pommery*, loiro como um topázio, que me deu ontem à ceia o meu amigo John Barradas, não era excelente; o meu espírito e o meu estômago suportaram mal o *babillage* da mulher, para quem falar da vida dos outros é uma maneira elegante de guardar segrêdo da sua, — e o certo é que tive a noite passada um pesadelo horrível, que me fez pensar, quando acordei, na aflitiva história dos cinco talentos de oiro de Anachreonte.

Conhecem o Visconde de ***, roceiro de S. Thomé, homem amável, oleoso, epicurista, espécie de rei-do-cacau, que, como o milionário do palácio Cléveland, ganha num segundo de ociosidade o que eu ganho num ano de trabalho? Pois bem. Eu sonhei que o

Visconde de ***, com quem mantenho simples relações de cumprimento, me tinha procurado no meu consultório para me oferecer — sabem o quê? — uma casa. Nem mais nem menos do que um pequeno palacete, jardim, rés-do-chão, primeiro andar, estilo ingês, a Buenos-Aires. Trouxera-me, com o seu melhor sorriso, os títulos de propriedade. Que desculpasse, que não me melindrasse com a oferta, porque êle não tinha outra fórma de me testemunhar a sua consideração. E oscilava diante de mim, como um boneco chinês, enorme, luzidio, solene, embrulhado num dêsses fatos de quadrados pretos e brancos que teem feito a fortuna dos alfaiates do West End. Fiquei varado de assombro. Um prédio! Um palacete que passava a ser meu, universalmente meu, — tão meu como o meu relógio, como a minha consciência, como o meu casaco! Conheci pela primeira vez a vertigem da propriedade, e confesso que me foi dificil — a-pesar dos recursos de imaginação de que dispõe um homem que sonha — encontrar palavras de agradecimento que estivessem nas proporções do presente recebido. O Visconde de ***, que parecia saborear voluptuosamente as expressões efusivas da minha gratidão, poz na cabeça, com uma sem-ceremónia que me chocou, o seu côco

cinzento, tomou de cima de uma cadeira o guarda-chuva em cujo punho lampejava uma grande cabeça de cão, de prata macissa, e disse-me, sorrindo sempre:

— Temos lá em baixo o automóvel. Quer dar-se ao incómodo de vir vêr a sua nova casa?

Fui. Cinco minutos depois, parava em Buenos-Aires diante de um portão de jardim que me fez lembrar os admiráveis ferros-forjados de Edgar Brandt. O portão abriu-se, o automóvel subiu uma pequena alameda, entre hemiciclos de rosas como no *Moor Park* de Herfortshire, e eu vi um palacete cinzento, inglês, de persianas verdes cerradas, que me pareceu opulento de mais para poder ser algum dia legítimamente meu. Um criado velho, de casaca, assomou à porta. Era ali. Apeei-me sob uma impressão desconcertadora de absurdo e de maravilhoso. Percorri, como um autómato, o pequeno *hall*, um salão Luiz XVI, verde-malva e oiro, com um teto de Amôres de Gustavo Jaulmes, uma sala-de-música, um *smoking-room* árabe onde poderia ter fumado Loti, — e quando, num crescendo de assombro, ia perguntar ao meu amigo Visconde se tudo aquilo era efectivamente meu, êle estendeu-me as mãos e disse-me, desaparecendo, como uma

mancha de xadrez preto e branco na penumbra doirada do *hall:*

— Meu caro amigo, deixo-o na sua casa. Seja muito feliz.

Ele partiu, e eu fiquei, enterrado numa poltrona da sala-de-bilhar, pensando — com o terrível espírito de lógica com que às vezes se pensa em sonhos — no singular acontecimento que acabava de produzir-se na minha existência. A princípio, a idéa de que tudo aquilo me pertencia, deslumbrou-me. Não vi senão o esplendor, a ostentação, o confôrto da minha nova residência, a possibilidade de dar festas, de reùnir os meus amigos, de modificar os meus hábitos. Pouco a pouco, porêm, as primeiras impressões de entusiasmo desvaneceram-se, e eu comecei a reflectir sériamente na situação de dependência em que a oferta do Visconde de *** me colocava. Com efeito, era ao Visconde de ***, à sua inesperada generosidade, que eu ficava devendo a opulência da minha instalação e o confôrto da minha vida. Tinha, por conseguinte, de ser grato a êsse homem, de manifestar-lhe a todos os instantes o meu reconhecimento, nos sorrisos, nas palavras, nos actos, nas atitudes, de manter-me perante êle na situação de um dependente perante o seu bemfeitor. Toda a autonomia moral,

que constitùira até então o orgulho do meu espírito, desaparecia. Dali por diante, não poderia deixar de atender, de receber a cada hora o Visconde, de suportar-lhe todas as impertinências, de prestar-lhe todos os favores, de sorrir-lhe, de admirá-lo, porque êle era o homem que me tinha dado a casa. A sua sombra importuna ia projectar-se sôbre a minha existência, acompanhar-me, perseguir-me para toda a parte, pesar sobre mim como um fardo, como uma obsessão implacável. Era um intruso que eu admitia na intimidade da minha vida, e a quem me via forçado a reconhecer, em nome dos preconceitos da gratidão, o direito de dispôr de mim e da minha consciência, de enervar-me, de constranger-me, de utilizar-me, de manejar-me como um instrumento dócil. Que remédio, — se êle era o homem que me tinha dado a casa? Que fazer, — se eu tinha hipotecado a minha independência moral, aceitando o presente mais inofensivo do mundo? O Visconde de ***, com o seu casaco escossês, a sua face lustrosa, o cão de prata do seu guarda-chuva, apareceu-me, um momento, como o símbolo da generosidade que oprime, do favor que escravisa, da gratidão que vexa. Achei caro de mais o preço dêsse palácio que não me custava di-

nheiro. Fumei um cigarro, meditei um instante. De repente, levantei-me da poltrona, puz o chapéu na cabeça, atravessei o jardim, embalado ainda no perfume das rosas, e, daí a um quarto de hora contado pelo relógio, estava em casa do Visconde a restituir-lhe os títulos de propriedade da casa que êle me oferecera.

— Então porque não aceita o meu presente?

— Não posso.

— Porquê?

— Porque não sou bastante seu amigo, meu caro senhor, para lhe fazer o enorme favor de lhe ficar sendo grato.

A BATALHA DE LAVENTIE

Um oficial vindo do *front* acaba de contar-me alguns episódios da batalha de Laventie, em que, na manhã de 9 de abril, três brigadas portuguesas se cobriram de glória, preferindo morrer a render-se. Um dêsses episódios — página refulgente de uma epopeia de humildes — fez-me vibrar de comoção. Assim eu pudesse, ao reproduzí-lo aqui, comunicar às minhas palavras a grandiosa simplicidade, a candura heróica, o ingénuo entusiasmo com que o moço oficial mo contou, chorando!

Eram 4 horas da madrugada quando o bombardeamento começou sôbre o sector Laventie-Richebourg, ocupado por três brigadas portuguesas da 2.ª divisão. O tenente ***, que estava convalescente numa casa da pequena povoação de La Couture, perto dos apoios do batalhão do 13, resolveu regressar

às trincheiras e apresentar-se na sua unidade. Como um oficial do estado-maior, que passava num Hudson do quartel-general, se oferecesse para o conduzir, o tenente *** chamou o impedido, um verdadeiro «serrano» das montanhas ásperas de Trás-os-Montes, rapaz espadaúdo, alegre, tisnado do sol, entregou-lhe as malas, recomendou-lhe que as guardasse bem, e ao subir para o automóvel que ia levá-lo àquele «*enfer de boue et de sang*», de que fala Barbusse, gritou-lhe ainda, enfiando a tiracolo o saco da máscara anti-gaz:

— Não sáias daqui até à minha volta, ouviste?

— Sim, meu tenente.

— Haja o que houver!

— Não tem dúvida, meu tenente.

Era noite ainda. Os *very-lights* cortavam, como relâmpagos, a escuridão nevoenta do céu. A nossa artilharia — o admirável 75 — começava já a responder. Pela sua intensidade, o bombardeamento inimigo parecia a preparação de uma ofensiva formidável. Trinta mil granadas carregadas de gazes asfixiantes caíram, em três horas, sôbre as trincheiras portuguesas; tornaram irrespirável a profundidade dos *dug-outs;* fizeram coalhar sôbre aquele rincão da Flandres, ainda on-

tem doirado de vinhedos pagãos, uma atmosfera de veneno e de morte. A's 7 horas, a primeira vaga de assalto, uma divisão bávara inteira, era aniquilada pelo fogo das metralhadoras. Novas divisões — quatro ao todo — se lançaram, umas atrás das outras, sôbre as nossas linhas. O centro, constitùido pelas três brigadas portuguesas, resistiu ao choque; mas a ala direita, canadiana, e a ala esquerda, escossesa, foram rôtas; o inimigo, protegido pelo nevoeiro, atacou de flanco; e os nossos nove mil homens, envolvidos por fôrças dez vezes superiores em número, com as comunicações cortadas por uma infernal barragem de fogo, tiveram de escolher, num instante supremo de decisão, entre a vergonha de entregar-se e a glória de morrer. Esgotaram as munições; encravaram as metralhadoras; quando já não tinham balas nem granadas, atiraram pedras, — e por fim, numa vertigem de suicídio, ensanguentados, estropiados, loucos, negros de lama e de pólvora, precipitaram-se à baioneta sôbre os alemães, gritando, uivando, cantando. Uma vez mais, nos restos da neblina que se dissipava, como em Wagram, como em Salamanca, como em Smolensko, as baionetas portuguesas resplandeceram ao sol da Europa. Emquanto a nossa artilharia, troando sempre, a-pesar de

já rôta a primeira linha, varejava quási à queima-roupa o inimigo, — os batalhões do 2, de Lisboa, do 13, de Vila Rial, do 15, de Tomar, do 17, de Beja, vendendo cara a vida, abriam clareiras de sangue nas vagas alemãs de assalto, batiam-se corpo-a-corpo, à arma branca, a sôco, à dentada, a ponta-pé, como doidos, como leões. A' frente do 2, o capitão Roma, rouco como um tambor rebentado na carga, gritava, abatendo alemães à coronhada: — «Rapazes, é preciso morrer bem!» E êles obedeciam, no orgulho de se fazer massacrar, abriam navalhas quando a baioneta lhes voava das mãos, brandiam as espingardas como varapáus, — dir-se-ía que sôbre a planície de Laventie soprava, três séculos depois, o vento épico de Alcácer. A's 3 da tarde, os valentes batalhões portugueses combatiam ainda, dizimados, esfarrapados, gazeados, sangrentos. A's 4 horas, algumas companhias retiravam sob a metralha inimiga, para se reconstitùirem na rectaguarda. O moço tenente ***, que me contava os pormenores do combate com as lágrimas nos olhos, viu, perto dêle, um capitão do 15 meter uma bala na cabeça para não caír vivo em poder dos alemães; conseguiu juntar-se, com vinte dos seus homens, a uma meia-brigada escossesa; bateu-se ainda toda a tarde e toda a noite, —

e na madrugada seguinte, extenuado, exausto, lembrando-se do impedido que tinha deixado com as malas na pequena povoação francesa, aproveitou uma ambulância-automóvel que passava à busca de feridos, e seguiu para La Couture. Quando chegou, o coração confrangeu-se-lhe de mágua. Não havia uma única casa em pé. A risonha aldeia, devorada pelo incêndio, era um montão de escombros. Numa ravina crispavam-se animais mortos. A terra, revolvida pelas granadas alemãs, abria-se em escavações enormes, palpitantes, donde parecia erguer-se o fumo das últimas explosões. O pobre soldado ficara, decerto, sepultado ali. O oficial ia procurar dois pedaços de madeira, para lhe deixar, naquele imenso cemitério, a sombra de uma cruz, quando, de súbito, do vão de duas impostas de alvenaria chamuscada, uma voz bradou:

-- Pronto, meu tenente!

Era o impedido. Pálido como a morte, mal podendo ter-se em pé, um trapo branco manchado de sangue a apertar-lhe a cabeça, avançou para o oficial, deixou tombar as malas que segurava nas mãos convulsas, e, cumprido com fidelidade heróica o serviço que lhe fôra ordenado, caíu redondamente, morto.

O BISPO DO PORTO

Tive a honra de conhecer pessoalmente o nobre prelado que, perante a comovida veneração do povo que pastoreava, acaba de extinguir-se, com a consciência de um justo e a tranqùilidade de um santo, na sua pobre alcova do paço de Sacais. Duas vezes apenas lhe falei: e, de ambas, para receber do eminente antístite, cujo nome, desde hoje, fulgura na história do episcopado português, demonstrações cativantes de afecto, de distinção e de benevolência. Venho hoje pagar à sua memória a minha obscura dívida de gratidão, descobrindo-me respeitosamente perante o cadáver de um homem que, mais ainda do que pelos esplendores do báculo, foi grande pela bondade, pela modéstia e pela virtude.

Vi pela primeira vez o sr. D. António Barroso em junho de 1910. Encontrava-me

na capital do norte, de passagem para as Pedras-Salgadas, quando um amigo comum, o malogrado Firmino Pereira, me procurou apressadamente no hotel para me transmitir estas palavras do bondoso prelado: — «Diga ao Júlio Dantas que o Bispo do Porto gostava de conhecer o autor da *Ceia dos Cardeais.*» Não quiz demorar, nem um momento mais, a minha visita ao paço episcopal. Recordo-me da impressão que produziu no meu espírito a travessia do velho burgo do Porto, onde parecia palpitar ainda a alma bárbara do século XII, com a sua Sé coroada de ameias como uma fortaleza, as suas betesgas estreitas e calçadas de lajedo romano, os seus fortes botaréus doirados de mugre e coalhados de sombras, cujas pedras sagradas teriam conhecido ainda — quem sabe? — os bispos-soldados que sabiam matar pela glória de Deus e os burgueses sublimes que souberam morrer pela liberdade do povo. Foi com a alma penetrada da emoção do passado que entrei na sala do paço episcopal onde me esperava, cheio de acolhedora bonomia, o sr. D. António Barroso. «*L'âme des vivants* — disse Gustavo Le Bon — *est faite surtout de la pensée des morts.*» Diante daquele homem, elevada personificação da autoridade espiritual da Igreja, figura rude

de bispo missionário, que tanto lembrava nos olhos vivíssimos, nos largos malares, na barba negra revôlta, a velhice profética de Tolstoï, e que me recebia (estávamos nas oitavas de S. Pedro e S. Paulo) embrulhado na sua murça e na sua batina doméstica de camelão rôxo, — senti que alguma coisa de inconsciente, de hereditário, de ancestral, mais do que a consideração de uma simples cortezia, me obrigava a dobrar o joelho e a beijar-lhe a mão. Conversámos largamente. Emquanto o venerando prelado, numa singela e risonha familiaridade, me falava das suas antigas missões, do seu seminário, da bondade do seu povo, das obras de assistência a realizar na sua diocese, e levava a generosa benevolência do seu espírito até ao ponto de ocupar-se de mim, da minha saúde, dos meus trabalhos, das notícias particulares que recebera acêrca da representação recente da *Ceia dos Cardeais* em Roma, — eu observava-o, seguia-lhe os movimentos, admirava a vivacidade dos seus sessenta anos robustos, analisava a sua fisionomia um pouco dura, o seu olhar inquieto, as suas mãos finas e bem tratadas que um vago tremor agitava sempre, o seu tipo viril de *poppe* russo sob a mancha de sêda violeta do solidéu, e pensava comigo, olhando a fronte ao

mesmo tempo amorosa e enérgica dêsse evangelisador admirável, que um novo bispo D. Frei Marcos, exaltado na bondade, inflexível na disciplina, viera sentar-se no sólio prelatício do Porto. Antes de me retirar, o sr. D. António quiz que eu visitasse o paço. Assomámos a uma janela para vêr, lá em baixo, no Doiro faiscante de sol, a linha fenícia dos barcos rabelos subindo o rio. Quando, depois de atravessar as salas nobres da residência episcopal, quadras de opulenta fábrica seiscentista, com os seus tetos doirados em caixotões, as suas velhas pinturas, os seus silhares altos de azulejo, chegámos à pobríssima alcova onde dormia o Bispo do Porto, à sua humilde cama de ferro coberta de chita, à sua tôsca mesa onde havia apenas uma cruz e a *Imitação de Cristo*, os olhos, sem querer, turvaram-se-me de lágrimas, a figura angélica de Frei Bartolomeu dos Mártires resplandeceu diante de mim, e, talvez pela primeira vez na minha vida, eu apreendi, em toda a sua pura e tocante beleza, a sublimidade do pensamento cristão. Como o poder da Igreja seria ainda hoje formidável, se se medissem por esta craveira moral todos os seus ministros!

Passaram-se, depois disto, oito anos de duras provações para o virtuoso prelado. Só

voltei a vê-lo em fevereiro dêste ano, quando, a convite do eminente professor e meu querido amigo, Bento Carqueja, tive a honra de pronunciar um discurso na festa do Ateneu Comercial. O sr. D. António Barroso, que naquele meio tempo tinha conhecido a prisão, o exílio e o infortúnio, encontrava-se de novo à frente da sua diocese e presidia, como o primeiro cidadão do Porto, a essa festa de instrução e de caridade. Já não era o mesmo homem. A velhice trabalhara profundamente aquele organismo robusto, minado pela artério-esclerose e pelos abalos morais; a sua rude barba negra de mujik embranquecera; tremiam-lhe mais as mãos; e uma palidez de ascese, metalisada pelas pastadas de oiro da luz, parecia espiritualizar a dureza plebeia da sua expressão, dando-nos a impressão perturbadora de que o Júlio II da grandiosa pintura de Rafael descera da galeria Pitti de Florença. Foi então que o ouvi falar pela primeira vez. Iluminava-se, transfigurava-se. Tinha a eloqùência chã, persuasiva e veemente do missionário. A sua palavra, como diria Hanotaux, era uma convicção em marcha. Prolongava estridentemente a última sílaba de cada frase, fazendo-a vibrar como um clarim. Os seus efeitos oratórios, de uma singeleza dominadora, im-

pressionavam. Lembrar-me-hei sempre das palavras generosas que a minha pobre alocução mereceu ao velho prelado. Nunca esquecerei o enternecedor telegrama que êle enviou, nessa hora, a minha mãe. E porque sou fiel aos sentimentos da gratidão, e porque considero a figura do Bispo do Porto, pelo seu alto relêvo moral, o melhor exemplo que pode hoje apontar-se a uma sociedade sem virtudes e sem carácter, — beijo de longe, comovido, a sua mão inerte, e faço votos para que as últimas palavras de amor e de perdão pronunciadas por essa nobre e serena consciência, possam ainda um dia, como um fogo redentor, destruir a semente maldita do ódio no coração de todos os portugueses.

DEGENERADOS

Ontem, durante o almôço que me ofereceu, na sua casa do Alto-Estoril, o meu amigo Lencastre, debateu-se, no mais profundo da minha consciência, um problema confrangedor.

Havia quinze anos que eu não via êsse excelente rapaz, de um tão inconfundível tipo de fim-de-raça, em cuja elegância sêca, nervosa e loira se adivinhava a fatalidade das aristocracias que degeneram. Encontrei-o no Estoril, «entre o verde filosófico dos pinheiros», como êle próprio me disse, — e estranhei a sua velhice prematura, o seu luto recente, a sua expressão dolorosa e fatigada. Casara com uma prima co-irmã, filha dos Condes de ***, e morrera-lhe, quinze dias antes, o terceiro filho. Como eu lhe dirigisse uma vaga palavra de confôrto e de simpatia, murmurou, brincando com o anel

de armas, as lágrimas a tremerem-lhe nos olhos:

— Foi melhor assim. Tinha nascido cego.

Conversámos largamente, no terraço do Casino, olhando o mar. Quiz que eu conhecesse a mulher e a filhinha que lhe restava. Não me deixou sem que lhe prometesse que ia almoçar com êle na manhã seguinte. A scintilação da atmosfera parecia ferir-lhe a vista. Notei que lhe tremiam as mãos ao enrolar um cigarro. Uma palidez azulada, vítrea, inquietante, dava-lhe o aspecto de certos nevro-brigticos, produtos da hereditariedade acumulada e da intoxicação progressiva de muitas gerações. Despedimo-nos. No dia imediato — ontem — fiel à minha promessa, fui almoçar com o meu amigo Lencastre. Recebeu-me no seu *dining-room* holandês, onde lampejavam pratas. Apresentou-me a mulher, uma criatura loira, delicada, frustre, linfóide, com uma grande testa olímpica como certas Vírgens alemãs de Lucas Cranach, umas ancas escorridas, um peito chato de rapaz, o tipo doentio familiar de certo ramo dos Albuquerques — «em campo vermelho dois cardos verdes floridos, alcachofrados de oiro» — e essa sombra quási fisica de melancolia que pesa sôbre as pálpebras de todas as mulheres que fizeram

quarenta anos. Quando nos assentámos à mesa do almôço, com as janelas abertas sôbre uma gigantesca magnólia coberta de flor, uma criada trouxe pela mão uma criança. Era a filha sobrevivente dêsse casal de degenerados que, por cada berço que abria, fechava um túmulo. Beijei a pequenita, falei-lhe, assentei-a sôbre os joelhos. A pobre criança encarou-me, espantada, silenciosa, fixou em mim os grandes olhos redondos e tristes, franziu a sua face de velha num sorriso de hebetude que me gelou, e quando eu insistia para que ela me dissesse como se chamava, foi a mãe que acudiu, de olhos baixos, como se confessasse uma vergonha:

— E' surda-muda...

Ouvi, impressionado, a história dessa descendência condenada ao sofrimento e à extinção prematura. Dois filhos nado-mortos; outro hidrocéfalo, cego, morto de convulsões; essa pobre surda-muda, produto característico de uma consanguinidade mórbida implacável, — o que eram senão pequeninos mártires que a inconsciência pavorosa dos pais gerara e criara para sofrer? Emquanto se servia o almôço, entre Japão velho e flores, nessa encantadora sala que parecia um interior de Pieter Hooch, o doloroso problema do casamento dos doentes e dos dege-

nerados debateu-se no meu espírito. Diante do espectáculo confrangedor daquela família, desfizeram-se-me todas as dúvidas, todos os escrúpulos sentimentais. A' questão posta na minha consciência, — respondi pela negativa. Não; não pode reconhecer-se a um enfêrmo, a um degenerado, a um débil, a um intoxicado grave o direito de perpetuar o seu sofrimento, a sua deformidade e a sua miséria. A geração actual tem obrigação de defender as gerações futuras. Criar a dôr é um crime perante a humanidade; criar a monstruosidade é um crime perante a raça. O casamento dos doentes de espírito e de corpo, dos monstríparos, dos cacoplastas, dos tarados, dos geradores de abortos e de mártires, — deve ser proibido, ou, pelo menos, não deve ser sancionado pela lei. Todos os enfermos reconhecidamente capazes de transmitir taras graves e permanentes à descendência, teem de ser excluídos do direito de constituir família. Será brutal; mas é necessário. Quando, há vinte ou vinte e cinco anos, na Alemanha com Hegar, na Austria com Haskovec, na França com Jullien, com Pinard, com Fournier, com Cazalis, foi pela primeira vez discutida a questão do exame médico pré-nupcial, do *billet de santé*, — a susceptibilidade dos nossos pais escandalisou-se. Pois quê? Os médicos,

os higienistas, os puericultores tinham a audácia de tratar criaturas humanas como animais domésticos? Podia admitir-se, porventura, que se seleccionasse o homem pelo processo degradante porque se apuram as raças cavalares? Que se ultrajasse a dignidade da espécie? Que se violasse o mistério sagrado do nascimento? Apenas frases, que hoje, vinte anos depois, já soam falso. Não há razões de carácter religioso ou de carácter moral que valham a razão suprema da protecção, da salvação das humanidades futuras. Reconheço ao amor o direito esplêndido de procriar a fôrça, a beleza e a inteligência; — mas não lhe reconheço o direito funesto de gerar deliberadamente a miséria, o aleijão e a dôr. Isolam-se os indivíduos considerados perigosos para a sociedade; devem isolar-se também os indivíduos considerados perigosos para a raça. Há quem, posta a questão no terreno da sentimentalidade, julgue isto demasiado cruel. Será. Convenho que é uma atrocidade roubar aos degenerados, aos fracos, aos doentes, a única consolação que lhes resta na vida, — a de poderem amar-se, unir-se, amparar-se, construir, sob a protecção da lei divina e humana, a sua felicidade e o seu lar. Mas não é uma atrocidade maior ainda, obter essa felicidade à custa

do martírio de pequenos entes que não são culpados de ter nascido, e que veem ao mundo apenas para expiar, entre os suplícios mais horríveis, o beijo egoísta e criminoso dos pais? Há quem objecte que a proibição do direito ao casamento é um atentado contra a liberdade individual. Mas não é das liberdades de todos nós que os Estados e as sociedades se alimentam? Também o direito à vida é um direito fundamental, — e os Estados estão fazendo correr, numa guerra hedionda, o sangue dos seus filhos. Qual será a violência, qual será a tirania maior, — proibir os débeis e os enfermos de se casarem, ou mandar os homens sãos e fortes morrer na guerra? Se aceitamos uma, — porque não havemos de aceitar a outra, mil vezes mais generosa e mais humana?

O almôço correu moroso e triste. Entretivemo-nos a vêr, na parede, um Delft do século XVII. Uma luz doirada de outono parecia envolver numa auréola de martírio a cabeça da pobre criança. Quando passámos para a sala de fumar, o meu amigo Lencastre perguntou-me:

— Que dizes tu da minha filha?

— Digo-te que nasceu providêncialmente muda, para não blasfemar contra Deus e contra ti!

O PAÇO DE MOROUSOS

Quem visitar a pequena freguezia de Vila Nune, em terras de Basto, e dos socalcos da beira-Tâmega galgar ao alto do monte da Rasa, daí, pela pedra da Cunha, correr a lomba da serra da Espiga, em cujos baldios o gado apascôa, e descer depois, outra vez, até ao rio, encontra, aqui e alêm, mas sôbretudo ao norte, nos maninhos da serra, vestígios de um muro — mais velho do que a monarquia — que noutro tempo cintou, no carinhoso abraço da sua alvenaria grosseira, a antiquíssima herdade de Morousós. Pois, minhas queridas leitoras, — esse muro é um monumento de amor. Não foram os lozões, as marras, as lurias dos alvanéis descidos de S. Miguel de Refóios que o construíram pedra a pedra, tijolo a tijolo: quem verdadeiramente o levantou, tão forte, que oito séculos não puderam destruí-lo ainda, foi um amoroso,

um frágil, um pequenino coração de mulher.

Eu lhes conto, como ma contaram, a história do velho paço de Morousós. Perguntem por ela em Cabeceiras, em Atei, em Mondim: ainda ninguêm a escreveu, e todos a repetirão pela mesma fórma, com o mesmo respeito ingénuo e tradicional, — a voz dos eruditos na lareira nobre dos solares, a voz do povo na sombra rôxa das carvalheiras que viram nascer D. Dinís.

Pelos fins do século XI, princípios do século XII, a filha de um rico-homem, senhor de Murça, namorou-se de um escudeiro do pai. Chamava-se Dona Brízula e devia ser bela, — porque são belas todas as mulheres que amam com paixão. Esconderam o seu amor, emquanto puderam. Um dia, porêm, o senhor de Murça soube da drudaria (como se dizia então) da filha com o escudeiro; para salvar a vida, o pobre moço teve de fugir pela serra, em demanda do convento de Refóios, onde lhe dariam abrigo; Dona Brízula, prevenida da fuga e do destino de Nuno, aproveitou o sono do pai, mandou entrouxar por criados fiéis, em silêncio, jóias, roupas, vestidos, todo o esplendor dos seus tirazes mudejares, das suas alfolas, dos seus ciclatões bizantinos pesados de oiro, carregou quatro azêmolas,

e, acavalo numa sela galega de fustes, acompanhada do beneditino seu capelão, partiu como doida, pela escuridão da noite, no rasto do homem a quem dera o corpo do seu corpo e a alma da sua alma. Encontrou-o nas terras de Vila Pouca de Aguiar, e aí lhes lançou o frade a bênção de Deus. Temendo o furor e a perseguição paterna, ganharam o Tâmega; atravessaram o rio nas alpondras de Parada de Monteiros; e daí, seguindo pela riba, ao correr da água, foram parar a um sítio êrmo, silvestre, abrigado dos ventos do norte pelo espinhaço da serra da Espiga, — logar que Dona Brízula e o escudeiro, abençoados pela sombra comovida de Frei Ordonho Martins, julgaram bastante só e bastante vasto para nêle caber todo o amor do seu coração. Não podiam ficar ali emquanto não fôsse doado o reguengo, murada a terra, construído o paço. Os padres de Refóios albergaram-nos numas casas, a-par do mosteiro; a obra dos alvanéis começou, paga pelos sacos pojados de morabitinos de oiro que Dona Brízula Teixeira trouxera comsigo de Murça, — e, terminada ela, ali esconderam os fugitivos, longe do mundo e dos homens, isolados na mão de Deus, os arroubos da sua paixão, o enlêvo da sua ternura, as lágrimas da sua felicidade. Eremitas de amor, ninguêm mais os per-

turbou naquele refúgio onde viveram, amaram e envelheceram tão entrégues um ao outro, tão absorvidos no seu afecto, tão venturosamente sózinhos, — que o povo ficou conhecendo, daí por diante, o paço da riba Tâmega pelo carinhoso nome de «paço dos Morousós».

Hoje, que resta dêle? Apenas uns muros, um nome e uma história de amor. A partir de 1486, data em que uma descendente de Dona Brízula, Mónica Teixeira, casou com António Machado, filho de um fidalgo de D. Afonso V, senhor da terra de Entre-Homem-e-Cávado, a família deixou a sua velha residência, já quatro vezes secular, e foi viver para o solar da Granja, em Cabeceiras de Basto. A terra reguenga mandada murar, no século XII, pela amorosa filha do senhor de Murça, constitúe agora a área da pequena freguezia de Vila-Nune, — a «vila de Nuno». A quinta de Morousós, que hoje apenas ocupa uma parte do antigo cerrado medievo, ainda se encontra na posse da família da sua fundadora, cuja actual representante, a ilustre senhora D. Sofia Adelaide Teixeira Machado Tavares, casou em 1885, na freguezia de Vila-Nune, a que deu o nome o seu arquiavô, com o dr. António Teixeira Coelho de Vasconcelos, da nobre casa de Côrtinhas, es-

pírito de elevada cultura e de primorosa gentileza, a quem devo as informações que me serviram para escrever estas páginas.

A história de Brízula Teixeira, cujo espectro, erguido sôbre as suas osas doiradas de rica-dona, enche ainda de poesia as terras de Basto, ensina-nos, a todos nós, uma grande verdade: quem encontrar na vida o verdadeiro amor, deve escondê-lo, longe do mundo, como um tesouro.

UMA RAINHA

Há pouco, diante dos belos panos de Arrás do paço da Ajuda, recordei o dia em que pela primeira vez — faz agora precisamente doze anos — entrei no palácio rial que, mercê da sua sumptuosidade, foi, até ao fim da existência, a habitação preferida da raínha Maria Pia.

Havia muito tempo que eu desejava vêr um quadro comprado pelo monarca a D. Tomás de Melo, atribùido a Rubens pelos conhecedores de arte, e colocado — por sinal detestávelmente — na sala dos frescos do paço da Ajuda. Pedi, por intermédio do coronel Benjamim Pinto, veador da Raínha, a autorização necessária para visitar o palácio, e, obtida ela, num dia de sol criador, puz-me a caminho dessa «fria e inabitável massa de pedra sem passado nem presente», como, num magnífico desdêm de estrangeiro, lhe

chamou o príncipe de Lichnowski. Lembro-me ainda da impressão que produziu no meu espírito a opulenta série de salas do andar nobre, cheia de interêsse a-pesar da sua grave e severa monotonia pombalina. Atravessei a sala chinesa, com as suas portas de xarão vermelho e oiro; a sala do corpo-diplomático; a sala das damas, onde vi, penetrado da mesma exquisita elegância da *Dama da Luva*, o retrato da raínha Maria Pia por Carolus Duran, e onde, pojando de talha doirada, esplendia a soberba mobília da náu D. João VI, cadeiras, canapés, sofás com os espaldares apainelados de maravilhosas pinturas de batalhas navais; a sala dos panos de Arrás, vindos de Vila-Viçosa; a sala dos panos de armas, onde encontrei ainda, nas paredes e nas guarda-portas, o brazão dos Távoras mal escondido sob as armas da casa de Bragança; o *studio* gótico, com o seu lustre de ferro-forjado, os seus entalhados de Leandro Braga, a harpa e o órgão do rei D. Luís; a sala do trono; a sumptuosa sala da ceia; a capela, cuja galeria doirada Costigan descreveu, coalhada de fardas e de gran-cruzes, no dia do casamento do conde de Oeynhausen; e, por último, a sala dos frescos, interessante no conjunto, lamentável no detalhe, onde um mau retrato de D. João IV me fez

sorrir e onde, finalmente, pude admirar o célebre Rubens que uma *expertise amicale* avaliara em vinte contos. Feito o exame que me interessava, dispunha-me a saír do palácio, quando o veador de serviço me comunicou que Sua Majestade se dignava receber-me. Descemos ao rés-do-chão, onde vivia a Raínha. Quando chegámos à sala de mármore, de uma frescura deliciosa, a marquesa de Unhão, que escrevia junto da janela, sentada a uma pequena secretária Luís XVI, disse-nos que a senhora D. Maria Pia se demorava ainda uns minutos e que me receberia na sala azul. Era a sala contígua, à esquerda. Benjamim Pinto, um *cicerone* conversador, aproveitou o ensejo para me mostrar o interessante grupo de salas da direita, durante muito tempo preferidas e agora abandonadas pelo humor caprichoso da Raínha, — a sala de Saxe, um gabinete pequeno onde havia um biombo feito dos restos da talha doirada de um côche, e a sala côr de rosa. Quantas vezes eu ouvira falar da sala de Saxe, que esplendor a minha imaginação fácil emprestara a essa fantasia de príncipe alemão, — e com que desapontamento eu me encontrei num *boudoir* de detestável estilo Luís Filipe, cadeiras, espelhos, credências, escrevaninhas cobertas de flores, de araras,

de papagáios de porcelana, onde só havia de notável dois candelabros saxónios da altura de um homem e o livro de mosáico de Veneza que o povo italiano oferecera, em 1862, à raínha Maria Pia! Entrámos ainda no estreitíssimo compartimento, quási um cubículo, de que o rei D. Luís fazia quarto de dormir, e que tinha, para a sua verde-velhice de D. Juan, a única vantagem da comunicação fácil com o exterior pela sala dos alabardeiros. Quando Benjamim Pinto me contava, a propósito, os últimos dias de agonia do monarca na cidadela de Cascais, desfazendo-se aos pedaços no horror de uma sífilis terciária visceral, entre o seu violoncelo, que tocou quási até à hora da morte, e um telefone a que falava convulsivamente de cinco em cinco minutos, — um criado do paço, solícito, veio prevenir-nos, nos bicos dos pés:

— A senhora marquesa manda dizer que Sua Majestade já está na sala azul.

Poucos minutos depois, eu era introduzido junto da Raínha. Lembro-me, como se fôsse hoje, da mão ruiva, decrépita, translúcida, vagamente felpuda, eriçada de jóias e de veias azúis, que nessa hora se estendeu ao meu beijo respeitoso. Tinha diante de mim, na sua precoce e majestosa senilidade, a fi-

lha de Vitor Manuel, uma das mais ilustres princesas da estirpe de Sabóia-Carignan, herdeira da beleza expressiva e profunda da tia-avó princesa de Lamballe, cujo sorriso lembrava o da «Virgem Doirada» de Amiens, e de que os acasos da política dinástica haviam feito, aos 15 anos incompletos, raínha de Portugal. Estava sentada num sofá, rodeada de almofadas, de biombos e de fogões acesos, encolhida, crispada pelo pavor constante do frio e das correntes de ar, um amplo luto de veludo rôxo a envolvê-la como uma capa episcopal, as cordoveias do pescoço afogadas em pérolas, a mancha côr de ferrugem dos cabelos desfiando-se, alastrando, scintilando na poeira luminosa da sala. Emquanto ela me falou confusamente de mim e dos meus livros, observei-a, feição a feição, gesto a gesto. Naquela sombra, naquele espectro de uma grande mulher, nem tudo estava morto ainda. A face, descaída, empaparase; a pele, árida, pulverulenta, sem um veio de sangue e de vida, parecia recoberta de uma lanugem ruiva, como um velho lichen: mas, nessa ruína pavorosa, uns olhos magníficos de italiana brilhavam ainda, e uma bôca subtil, expressiva, inteligente, onde não havia vestígios do lábio austríaco da mãe e da irmã condessa de Moncaliéri, uma bôca olímpica

de deusa latina, uma bôca misteriosa de Gioconda rasgava-se, palpitava, sorria com a majestosa graça de Juno falando aos seus pavões. Aquela bôca e aqueles olhos tinham ainda vinte anos. Foi, vendo-os, que abrangi, que compreendi todo o drama íntimo da excelsa princesa; os longos dias de tédio do seu noivado, no paço de Cintra, entretendo-se a atirar jóias que as açafatas disputavam lutando sôbre os tapetes; a dolorosa candura com que ela, uma criança ainda, escrevia com o anel nas vidraças do palácio — «Não gosto do Luís... Não gosto do Luís...» —, todo o enervamento da sua mocidade sem afectos, da sua realeza sem esplendor, da sua dissipação sem grandeza, neurastenisando-a, adoecendo-a, conduzindo-a a uma velhice cheia de insónias e de pavores, de alucinações e de desordens nervosas, tão horríveis, que as criadas tinham de ficar velando de noite junto do seu leito, e que o próprio contacto da roupa lhe dava a impressão de que lhe estendiam sôbre o corpo um lençol de neve. Conversámos largo tempo. Falei-lhe do lenitivo que a prática de uma incomparável caridade trouxera à sua existência gasta em fazer o bem. Respondeu-me com a frase de Maria Leczinska: «*La misericorde des rois est d'exercer la justice; et la justice des rei-*

nes c'est d'exercer la miséricorde.» De repente, a-pesar de todos os biombos e de todos os fogões eléctricos que a rodeavam, percebi que um arrepio lhe crispara a face e lhe percorrera o corpo. A sua mão de artrítica estendeu-se para um timbre; a marquesa de Unhão apareceu; e a velha Raínha, cuja mórbida sensibilidade adivinhava a distância as correntes de ar, preveniu, afundando na sêda das almofadas o seu perfil de ave decrépita:

— Abriram uma janela no corredor...

Levantei-me. Estava terminada a minha visita. Quando saí do palácio da Ajuda, não sei que pressentimento me assaltou. Pouco tempo depois, essa figura augusta de raínha, cheia de melancolia e de dignidade, erguia-se à altura patética da verdadeira tragédia. Assassinaram-lhe o filho. Atiraram-na para o exílio sob o fragor de uma revolução. Afogaram em sangue as últimas pedras do seu diadema rial. E nunca mais a vi.

O PINTOR DO ALENTEJO

Em casa de Alberto Sousa, afundado nas almofadas de riço vermelho de um nobre cadeirão D. João V, tive ontem o prazer de fazer, durante meia hora, uma encantadora viagem pelo médio e baixo Alentejo. Vi, com todo o sol e toda a côr de um dia coruscante de verão, o que de mais vivo e de mais pitoresco pode oferecer-nos a arqueologia e a natureza em Beja — um celeiro, em Viana — uma horta, em Evora — um museu. Durante essa meia hora, o eminente artista, mestre na arte luminosa da aguarela, fez passar diante dos meus olhos deslumbrados uma série de trinta admiráveis cartões onde, latejante de vida, faùlhante de sol, todo o Alentejo palpita e esplende na labareda das suas searas imensas, na confusão das suas feiras intermináveis, na mancha ruiva do seu gado,

na pedra doirada dos seus castelos dionisianos, na côr opulenta dos seus tijolos vermelhos e dos seus azulejos mosárabes, nos seus lares, nas suas vielas, nas suas adegas, — em toda a riqueza maravilhosa da luz, do solo, da etnologia, dos monumentos, das tradições da mais fidalga e hospitaleira de todas as províncias de Portugal. Quando Théophile Gautier aconselhava, numa poesia célebre — «*Peintre, fuis l'aquarelle!*» — estava, decerto, longe de imaginar que a pintura deslavada e mole de 1840 viria a adquirir um dia semelhante poder de vibração, de intensidade, de luminosidade. Diante dos cartões de Alberto Sousa eu não me limitei a supôr o Alentejo: vi-o, senti-o, respirei-o, fulgurou-me na retina, ardeu-me na pele, experimentei, perante essas obras de arte, a mesma sugestão de intenso, de ofuscante alentejanismo que até agora só me tinham dado os *Ceifeiros* de Fialho e a bárbara policromia dos tapetes de Arraiolos, onde fulge e canta toda a charneca em flôr. A aguarela, que já ilustrara entre nós os nomes de Ramalho, de Hogan, de Gameiro, de Casanova, conta em Alberto Sousa — impressionista surpreendente, naturalista vigoroso, persuasivo evocador dos monumentos e dos costumes populares portugueses — um dos seus

cultores mais sinceros, mais ardentes e mais pessoais.

Vou vêr se consigo dar-lhes a impressão do que será, àmanhã, a exposição do moço artista, flagrante reportagem regional que, pelo muito que sugere, me recordou a frase de Taine acêrca de um pintor ilustre: — «*Il pense par des formes, comme nous pensons par des mots.*» A série dos seus cartões pode dividir-se, segundo a sua proveniência, em três grupos: cartões de Evora, na maior parte interiores da Sé, de conventos, de estalagens; cartões de Beja, — aspectos da planície, trechos de rua, interiores de igreja e de mosteiro; cartões de Viana (a nobre Viana dos condes, a-par de Alvito, viçosa como um quinteiro minhoto) — hortas, olarias, adegas, trechos do castelo de D. Dinís. O primeiro grupo, se excluirmos uma porta manuelina da rua da Selaria, com o seu dintel de granito lavrado, um interior de estalagem onde alastra a mancha de oiro dos esteirões e das medidas de sal, e um recanto da casa capitular da Sé de Evora, rodeada de arcazes e de armaretes seiscentistas, é quási todo consagrado à evocação carinhosa do velho convento do Calvário, de que Alberto Sousa fixa os mais interessantes aspectos (e com que ternura, com que incomparável sentimento do passa-

do!) — o cláustro alpendrado do século XVII, com a sua gárgula grosseira e a sua garrida de bronze; o refeitório; a tôrre sineira, tão característicamente alentejana, com os sinos escondidos dentro de ventanas de tijolo arrendado; o locutório profundo; o côro-de-cima, onde ainda se vê o cadeirado, a grade capucha, o facistol com o seu antifonário aberto, o pequeno órgão de cujo teclado parece que se ergueram há momentos as mãos da última freira. E', sôbre tudo, na pintura da arqueologia de arte que este mestre português é inimitável. Precisamente porque possúe uma visão educada, porque sabe vêr e observar, Alberto Sousa tem a preocupação erudita do detalhe; mas conségue dá-lo sem sacrificio dos seus processos, pintando por grandes valores, manchando com uma largueza magnífica que lembra às vezes, pela segurança e pelo vigor, a mancha da pintura de ólio. Nos cartões do segundo grupo — os de Beja — onde se encontram as obras-primas da série, ainda é mais sensível essa associação, na aparência contraditória, da largueza da factura e do culto do pormenor. A tôrre de Santa Maria; o trecho da rua do Cêpo, com as suas chaminés mouriscas adufadas de tijolo, as suas assoteias, o seu arco, os seus esgrafitos; e, acima de tudo, os três cartões

do mosteiro da Conceição onde amou e sofreu Sóror Mariana — a igreja, faùlhante de talha doirada do século XVII, o cláustro, a casa-do-capítulo com os seus painéis e o seu poial corrido de azulejo mudejar, cheia de arcazes, de credências, de tamboretes sôbre as tijoleiras irregulares do chão — constitúem, pela solidez do desenho, pelo vigor do colorido, pela audácia dos efeitos, pela justeza dos valores, pela exactidão do detalhe arqueológico, prodígios de virtuosismo dificeis de exceder na arte da aguarela. Não se suponha, entretanto, que Alberto Sousa é apenas um pintor de arquitectura. O eminente artista sente a figura e a natureza com a mesma absorvente paixão. Os três cartões dêste grupo, em que interpreta a paisagem dos arredores de Beja, planícies imensas, fulvas de restolho, faìscando ao sol e morrendo ao longe na vaga ondulação rôxa das serras distantes, são tão fortemente características do Alentejo das ceifas, que parece exalar-se delas, como um hálito de fornalha, o bafo ardente da terra. Mas, para Alberto Sousa, como para o inglês Watts, «*le paysage seul ne prouve rien*»; é precisa a figura humana, o animal, o pormenor etnográfico a comunicar-lhe vida, intenção, movimento, — e assim, nas suas interpretações da écloga alentejana

há sempre, ou uma mancha negra e confusa de gado, bezoando, cabritando, tilintando os chocalhos de cobre das Alcáçovas sob a guarda dos alfeireiros e dos rabadões, como no admirável trecho da *Feira de S. Lourenço;* ou o burro de um aguadeiro, como no *Poço de Aljustrel;* ou uma teoria de carros do Alentejo, de bêstas de tiro, de jaezes, de albardões, de enxalmos, de atafais, como na geórgica doirada da *Debulha.* Não são menos ricos de côr e de poder sugestivo os cartões do terceiro grupo, — Viana. Exceptuados uns interiores de adega e de olaria, e um recanto da «horta do Patalocas», a parte verdadeiramente interessante dêste grupo é constitùida por diferentes aspectos do castelo dionisiano que corôa a serra, e a cujo sopé dorme a vila, como uma pincelada verde, húmida e viçosa no meio dos sequeiros calcinados e adustos da região. Adivinha-se, na maneira de manchar, o êxtase voluptuoso com que Alberto Sousa evocou êsse belo exemplar da arquitectura militar portuguesa do século XIV, com as suas cinco tôrres redondas, do tipo do *donjon* normando, eriçadas de coruchéus de tijolo, a baba de bronze que escorre dos seus adarves seis vezes seculares, o mugre que morde, que doira, que esverdeia, que palpa, em coágulos de azêbre, cada es-

barro dos seus gigantes, cada fresta dos seus ajimezes, cada arquivolta dos seus arcos. Depois da geórgica, a epopeia. E dizer-se que o moço aguarelista pintou apenas em trinta dias esta vasta série regional onde palpita, lateja, resplandece o Alentejo inteiro! E' que para êle, como para o velho Puvis de Chavannes, «o único repouso é o trabalho; o resto é apenas fadiga».

FREI COLHERÃO

Os portugueses gostaram sempre muito de histórias de frades. Aí vai uma, para contar à lareira quando chegarem as noites de inverno.

No fim do século XVII, assistia como vigário no convento de Odivelas o padre Frei Manuel de Macedo, um dos cistercienses calinos a que se referem as colecções inéditas de «bernardices» que chegaram até nós, frade tamanhouço, vermelho, brutal, pouco dado à virtude e muito aceito no Paço, que passeava nas berlindas da Casa Rial o seu hábito branco de Alcobaça, e a quem as freiras tinham posto, não sei porquê, a desgraciosa alcunha de *Frei Colherão*. Êle bem sabia como as madres o tratavam na ausência; mas nenhuma se atrevera ainda, tão grande potentado era na religião e no século Frei Manuel de Macedo, a pronunciar seme-

lhante palavra diante dêle, nem as leigas da cozinha quando badalavam dentro dos caldeiros da sopa os grandes colherões de cobre do mosteiro. Um dia, o padre vigário, amigo de se meter com as freiras, como todos os outros bernardos com praça de parvos no tempo — Frei Pedro de Alencastre, Frei Pedro de Sousa, Frei João de Castelo Branco, Frei António de S. José — encontrou na copa a linda madre Dona Inácia de Noronha, que tinha mãos de prata para dôce e que estava enchendo de marmelada fresca cincoenta boiões de faiança que tinham vindo de Celas, chegou-se pé ante pé, travou-lhe da cinta, regaçou-lhe o manto, beijou-lhe a polpa do braço remangado onde tremia uma lanugem doirada de pêcego temporão, — e, se sóror Inácia não grita e não acodem as donatas dispenseiras, não se sabe o que teria sido feito da copa, nem da marmelada, nem da freira, nem dos boiões, nem da honra do convento. E' claro, tratando-se de tão elevada personagem, a abadessa interveio, abafou-se o escândalo, mas D. Inácia de Noronha, que, segundo dizia, tinha costela rial e má venta para deixar que se baralhassem com ela, resolveu aproveitar o primeiro ensejo para se vingar, públicamente, da brutalidade de *Frei Colherão.* Estávamos nas

calmas ardentes de junho, nas vésperas do dia do Baptista, e um frade franciscano, Frei Tomé da Anunciação de Maria, prègador, leitor apostólico, homem moço, esperto, guloso como um cão de regalo e inimigo declarado de todos os padres de S. Bernardo, tinha chegado de liteira ao convento de Odivelas para prègar o sermão de S. João. Como a fama da marmelada de Sóror Inácia corria mundo, Frei Tomé, que já fôra mandado repreender por Frei Samaniego, geral da Ordem, por pedir dôce a freiras e donatas, não se pôde conter que não batesse à porta da cela da madre, a mendigar «um boiãosinho de marmelada, daqueles que Sua Caridade confeitava no Céu». Ela acolheu-o com o seu melhor sorriso, levou-o à copa a vêr os cincoenta potezinhos de faiança azul de Coimbra atestados de compota de marmelo, e quando já o frade aguava e o gorgomilo lhe subia e descia abroxado na pescoceira do hábito de saragoça, D. Inácia perguntou-lhe:

—Sempre é Vossa Paternidade que préga àmanhã o sermão do Baptista?

—Sou eu, reverenda madre.

—Conhece Vossa Paternidade o vigário *Frei Colherão?*

—De ginjeira.

— E' amigo dêle?

— Como o enforcado da corda. E' bernardo, e basta.

— Pois eu dou a Vossa Paternidade tantos boiões desta marmelada, quantas vezes disser a palavra *Colherão* no seu sermão de àmanhã!

Ficou fechado o negócio com a ladina da freira. Nessa noite, Frei Tomé da Anunciação de Maria, que acamara numa casa de pousada fóra do mosteiro, andou para trás e para diante com os borrões do sermão, passeou, escreveu sôbre a estante de arquibanco até de madrugada, e quando adormeceu por fim, extenuado, entre os cheirosos lençois de linho do convento, foi para sonhar com a bem-aventurança num paraízo resplandecente feito de tanta marmelada, quanta podiam dar, em cada verão, ressumantes de seiva, de perfume e de sol, todos os marmeleiros floridos dos pomares de Portugal. No dia seguinte, estava a igreja cheia de povo, as freiras na grade doirada do côro-de-cima, e o vigário *Frei Colherão*, rechunchudo, vermelho, solene, assentado num banco de espaldar em frente do púlpito, junto à porta da Metade, — quando o prègador assomou, com a estola branca sôbre o chiote de S. Francisco. O coração de Sóror Inácia batia

mais apressado que a batuta de um mestre de capela numa fuga de Glória. Que se iria passar? Teria Frei Tomé da Anunciação de Maria a coragem de falar em *Colherão* diante do poderoso padre Macedo, que andava nos côches de El-Rei e que era capaz de deslombar o franciscano se remangasse de um estadulho para êle? Seria *Frei Colherão* homem para ouvir e calar? Entretanto, o sermão principiou. No meio de um silêncio profundo, Frei Tomé, discípulo dilecto de Gôngora e S. Juan de la Cruz, começou, em voz seráfica, por descrever o jardim do Céu, invocando em seguida os coros angélicos para virem colher flores e coroar o glorioso mártir S. João Baptista. — «Colherão os anjos rosas?» — perguntava êle. E logo, estendendo o braço na direcção de Frei Manuel de Macedo, cujo sumptuoso hábito se destacava entre o povo como uma pincelada branca: — «Colherão! Colherão!» Um murmúrio correu, de alto a baixo, a multidão dos fiéis. Todas as cabeças se voltaram para o padre vigário do mosteiro. Das grades do côro rebentaram frouxos de riso. Mas o prègador, imperturbável, prosseguiu: — «Colherão os anjos açucenas?» E, estendendo o braço: — «Colherão! Colherão!» — «E lírios, e cravos, e jasmins? Colherão, colherão, colherão!» Frei Manuel

de Macedo, apoplético, o cachaço rubro como uma posta de sangue sob a cogula derrubada, levantou-se do escano, e emquanto Frei Tomé, serenamente, continuava — «Colherão! Colherão!» — atirou os punhos crispados para o prègador e gritou-lhe cá de baixo, com toda a fôrça da sua indignação, com todo o vigor dos seus pulmões:

— Colherão um raio que o parta a Vossa Paternidade!

Madre Inácia de Noronha estava bem vingada. No dia seguinte, Frei Tomé da Anunciação de Maria, radiante, levava comsigo, na liteira e nos albardões dos machos, toda a marmelada do convento.

AS QUINTAS-FEIRAS DE EL-REI

Havia em Évora, no convento da Cartuxa, um velho códice de pergaminho, fólio grande, com fortes pastas pregadas de ferro e o aparo das folhas doirado, a que os frades chamavam «Livro do Conselho de El-Rei D. Duarte» e que tinha sido doado à casa de *Scala Cœli* pelo seu instituidor, o arcebispo D. Teotónio de Bragança. Esse códice, em parte escrito, ao que parece, pelo próprio punho do rei, continha indicações tão curiosas e tão completas acêrca de D. Duarte, que algumas das suas peças tornavam possível reconstituir e acompanhar, quási hora a hora, a vida pública e privada do monarca durante o período da sua efémera rialeza. Infelizmente, porêm, depois de muito emprestado, o original dêste cimélio dos velhos cartórios monásticos portugueses, que em 1796 ainda existia na livraria do convento,

perdeu-se. A quem cabem as culpas? Ao marquês de Abrantes? Ao académico da Rial Academia de História, Martinho Mendonça e Pina? Ao prelado dos brunos de Évora, que facilitou de mais o códice? Não sei. O que vale é que subsiste dêle uma cópia mandada fazer no século XVII pelo conde da Ericeira, e que essa cópia, completa e na posse do Estado, nos permite conhecer hoje os curiosos apontamentos em que D. Duarte, como «*l'homme aux petits papiers*» de Charcot, nos deixou descritas a sua vida de rei, as suas preocupações de erudito e os seus regimes de doente.

Escolhamos um dia da semana — a quinta-feira, por exemplo — e tentemos essa reconstituição, que pela primeira vez é feita e que tão interessante se me afigura para a história da magistratura rial no nosso país. Como vivia, no século XV, um rei português? Em que passava o seu dia o rei D. Duarte?

O *Rei-Saudade* levantava-se «bem cedo pela manhã». Ainda em jejum, tomava a sua bebida predilecta: «uma onça de açúcar destemperado com água fria». Era a receita do senescal de França, transmitida a D. Duarte, com outras regras da bárbara higiene do tempo, por Mossêm João Morsala. Apenas erguido do leito, «com o capelo bem abafado

e botas bem grossas e bem atacadas» (o rei tinha grande sensibilidade ao frio), recebia, nos dias em que não havia missa cantada na capela do Paço — e a quinta-feira era um dêles — o seu confessor Frei Gil Lobo, da ordem de S. Francisco; o seu prègador, Frei João de S. Tomé, agostinho eloqùente, «famosíssimo doutor», como lhe chamara o papa Martinho V; o bispo-esmolér, D. Alvaro de Abreu, e os capelães. Era a hora das questões de consciência, das disputas teológicas, das dúvidas morais, da recolhida meditação dos filósofos e dos doutores da Igreja. D. Duarte, que tinha como regra de boa saúde «andar de pé e estar pouco sentado», ouvia-os passeando, embrulhado na sua samarra negra, entre os arquibancos da livraria ou do *scriptorium*. Uma ou duas horas depois, chegavam os fisicos, os cirurgiões, os boticários, — o ilustre mestre João Morsala, Abraão Guedelha, astrólogo e arquiatra, mestres Afonso e Rodrigo, mestre Ananias, boticário judeu, com a estrela vermelha de cinco pontas sôbre o ventre da loba. Com o mesmo escrúpulo com que tratava do espírito, o rei, cheio de preocupações nosofóbicas, oprimido sempre do sentimento ancioso da iminência de uma doença grave, tratava agora do corpo, medicava-se e fazia

medicar os infantes e a raínha, comentava Avicena, discutia os mestres cirurgiões de Bolonha, citava de cór o *Euchirídion* e os *Versos Doirados* de Pitágoras, retocava, aconselhado pelos seus capelos amarelos, o «regimento de D. Duarte para quem tiver o estômago com freima», ou, como diríamos hoje, um «regime de dispépticos», de sua invenção. Recebia ainda, se lhe ficava tempo, o védor, o mordomo-mór, os contadores, — e ouvia missa rezada. A hora decorrida entre o oficio divino, que acabava às 11, e o jantar, ou «comer», que principiava ao meio dia, ocupava-a o monarca, às terças e quintas-feiras, em dar despacho nos «feitos de justiça», um despacho lento, laborioso, meditado, dificil, em que se reconhecia já a influência do espírito jurídico da Renascença, e se adivinhava a *mental strain* que caracterizou, com o seu cortejo de insónia, de depressão, de sentimento de fadiga, de estados dolorosos de consciência, a rialeza infeliz de D. Duarte. O jantar dêste príncipe, segundo o regime do senescal de França, por êle adoptado, compunha-se (diz o livro da Cartuxa de Évora, fls. 203, v.) de «vianda assada de carneiro, ou carnes assadas de pêna, pouca potagem, pouco pão, pouco sal, pouca salsa». Era o mesmo espírito de so-

briedade da idade-média, que já ditara as leis de Afonso III de Portugal (1258) — «em a cozinha de El-Rei não adubem senão de duas carnes» — e as de Filipe o *Ousado* de França (1279) — «*quod nullus possit dare in suo convivio cum potagio praeter duo fercula cum quodam interferculo*». D. Duarte «bebia pouco», apenas água, ou vinho destemperado com água, a despeito das instâncias dos médicos, que lhe aconselhavam vinho puro e uma *vita sexualis* mais intensa. No fim das refeições, conforme a indicação de Mossêm Morsala, comia sempre «uma fatia de pão torrado, sem beber». Vinham, em seguida, as horas de repouso da sesta. A-pesar do seu conselho aos doentes — «guardem-se de dormir de dia!» — D. Duarte, sôbre tudo no verão, passava uma hora pelo sono. Depois, brincava com os infantes, ouvia a raínha tocar manicórdio, espotrejava cavalos «em osso e albardão», recebia os jubeteiros, os alfaiates, os ourives. Das 3 horas às 8, consagrava-se inteiramente ao despacho dos «feitos da fazenda», com os védores Pero Gonçalves e Fernão Vasques, com o tezoureiro Fernão Gil, com os escrivães Pero Afonso, Paio Roís e Alvareanes. A's 8, ceava: «vianda assada, pouca, e uma torrada de pão». Sôbre a ceia, ouvia os agravos dos bèstei-

ros» e fechava-se com o escrivão da puridade, Nuno Martins da Silveira. A's 10, tomava a onça de açúcar destemperado com água fria, recolhia-se à câmara da raínha, e deitava-se, «cobrindo bem a cabeça com uma toalha». Metódico, pontual, rigoroso, formalista, um pouco frio, com todas as virtudes e todos os defeitos da mãe inglesa, D. Duarte não se afastava um minuto do horário estabelecido, e pouco o variava no resto da semana. Nos dias de missa cantada, não recebia de manhã o bispo-esmoler, nem o confessor, nem o prègador, nem os capelães; aos sábados, entre a missa e o jantar, e nos dias de jejum às horas das refeições, dava audiência pública.

E aqui está como passava o seu tempo um monarca português do século XV. «*Le plus difficile en histoire* — disse-o Melchior de Voguë — *c'est de faire vivre les hommes*».

HISTORIA DE UMA ORELHA

Quando há dias fui, à hora do chá, a casa de *Miss* Maud Baldwin, a encantadora inglesa que, com tanta vivacidade, desmente a afirmação de Carlyle de que «os ingleses são um povo de mudos», encontrei-a alegre, afogueada, radiante, um cháile antigo de Paisley sobre os ombros nús, contando à irmã que tinha acabado de chegar de França o seu afilhado de guerra.

— Inglês? — perguntei eu, beijando-lhe a mão.

— Português! Então você não me acha digna de ter um afilhado português?

— Oficial?

— Soldado. João Maria, batalhão do 17, de Beja. Quer vê-lo? Tenho-o aqui.

— Na algibeira?

— Que tolice! Lá dentro, com os criados.

Miss Maud levantou-se, tocou a campaí-

nha, compoz os cabelos ao espêlho da sua *coiffeuse* Império, verde-amêndoa e oiro, e ordenou, quando a touca branca da *servant-maid* assomou à porta:

— O meu afilhado que venha cá.

Daí a pouco, um rapagão alto, desembaraçado, trigueiro, a pele curtida do vento e do sol, musculoso como os sobreiros dos montados alentejanos, entrou sem constrangimento na sala, pisando os tapetes com as suas largas botas inglesas de *tony*, baças e quadradas, onde parecia adivinhar-se ainda a lama das terras húmidas da Flandres. Olhámo-lo todos com simpatia, com afecto e com respeito. Todos nós compreendemos, diante dêsse belo rapaz em cuja farda negra de terra e de pólvora floria o traço de lã azul de um ano de trincheiras, que era ao seu sacrificio glorioso, e ao de sessenta mil «serranos» como êle, que Portugal devia hoje a honra excepcional de ocupar o logar dos vencedores na grande assembleia que vai ditar a paz ao mundo. Ele encarava-nos, sorrindo, rolando o boné nas mãos, deixando-se admirar no orgulho ingénuo de um porqueiro da charneca que marchava com o aprumo de um *gentleman* e que se gabava de ter beijado lindas raparigas em França. Só quando se voltou, num movimento de cabeça mais rá-

pido, para responder a *Miss* Maud, eu notei que lhe faltava uma orelha — a esquerda — reduzida, sob a pastada lanzuda e fulva dos cabelos, a um côto arroxeado de cicatriz.

— Estiveste no combate de 9 de abril?

— Estive, sim senhor.

— Foste ferido?

— Não senhor, não fui.

— Então, que fizeste da tua orelha?

— Foi um boche que ma comeu, faz agora oito mêses.

— Um boche?

As senhoras aproximaram-se, curiosas. *Miss* Maud, que servia o chá, fez assentar o seu afilhado de guerra numa poltrona, ao pé de nós. O soldado ia tomar chá também, — mais cómodamente, decerto, do que o tomava ao som do canhão, em Armentières, nas trincheiras inglesas. Todos quizeram saber a história da orelha. João Maria, em cujos olhos se adivinhava a melancolia cinzenta do vôo das cegonhas na crosta de oiro dos grandes poentes do Alentejo, não teve remédio senão contar em que circunstâncias lhe tinham arrancado êsse pedaço de carne que — segundo as suas próprias expressões — «fazia tanta falta na cara de um homem».

Diante das trincheiras que ocupava na Flandres o batalhão do 17, de Beja, ficara en-

cravado na «terra de ninguêm», para alêm da rêde de arame farpado, um tracto verde e viçoso de horta. Todas as manhãs, quando o sol doirava a terra molhada de orvalho, íam-se os olhos dos soldados, fartos de bolacha e de *corned-beef,* na verdura fresca daquelas couves, daquelas alfaces, daquelas nabiças ressumantes e inacessíveis que desabrochavam, e cresciam, e tufavam ao abandono debaixo do varejo das balas, como se a mão de Deus as estivesse criando para um festim silencioso de lagartas e de caracois. João Maria olhava, como os outros, a veiza fresca que vicejava no *no man's land;* aguava-se-lhe a bôca; cresciam-lhe ganas de deitar uma saca às costas, de galgar o talude, e de ir, na cara dos alemães, trigueiro e impassível como um deus de bronze, buscar uma alforjada de hortaliça para o rancho do seu batalhão. Mas as ordens eram expressas; quando uma cabeça se levantava nas trincheiras portuguesas, as metralhadoras boches crepitavam; e os heróicos alentejanos do 17, condenados à imobilidade, como toupeiras, no seu buraco de terra, — resignavam-se a vêr pelos periscópios as couves tronchudas e magnificas daquele rincão flamengo, que não eram de ninguêm, e que entretanto (coisa curiosa!) ninguêm se atrevia a colher. Um dia, porêm,

a fuzilaria alemã foi mais viva do que de costume; choveram as granadas de mão; a rêde de arame farpado voou estoirada, em farrapos, e foi preciso escalar homens para nessa mesma noite, pela sombra, de rastos, irem concertá-la. Pediram cinco; ofereceram-se vinte. Um dêles foi João Maria. Por desdêm do perigo? Por ostentação de valente? Por fanfarronada de alentejano? Era a glória, que lhe resplandecia diante dos olhos? Deus do céo! — não; era alguma coisa de menos elevado, de menos sublime, mas de mais terreno e de mais saboroso: eram as couves. Quando a noite caíu, João Maria e os seus quatro companheiros, embrulhados por causa do frio em pelicos e safões de pastor, como os zagais de barro de Machado de Castro, saíram rastejando, espapando-se com a terra, compozeram como Deus quiz a rêde de ferro, e, acabado o serviço, se haviam de voltar para a trincheira, avançaram, às apalpadelas, a caminho da horta. Ia tudo às mil maravilhas, e já uma abada de couves frescas ramalhava no saco, quando duas sombras se lhe levantaram pela frente, e depois outras duas, enormes, recortando o casco ponteagudo na noite azulada. Eram boches, que vinham também à hortaliça. Não podiam, nem uns nem outros, disparar um

tiro, soltar um grito de alarme. Estavam metidos entre dois fogos; ao menor rumor, a metralha chovia sôbre êles, de ambos os lados. Tiveram que liquidar o caso lutando corpo a corpo, em silêncio, na escuridão. João Maria atirou-se ao alemão mais espadaúdo; abraçaram-se ambos, resfolegando; abateram os dois na terra; rolaram, qual de baixo, qual de cima, ao sôco, ao pontapé, à dentada. O alentejano ía dominar o outro, fincar-lhe um joelho na arca do peito, — quando, de repente, o boche, hirsuto, pingando baba e lama, lhe deitou os dentes a uma orelha, e a aferrou, e a sacudiu, e a cortou cerce, como um cão. O bravo rapaz sentiu o sangue quente aos borbotões na cara; retesou-se; deu um salto à rectaguarda; conseguiu, num relance, abrir a navalha, — e cravando-a até aos cabos no ventre do alemão, como quem mata um porco, revolveu, retalhou, rasgou. Quando voltou para a trincheira vinha com uma orelha de menos, — mas trazia no saco o rancho do batalhão.

— E soube-te bem? — perguntou *Miss* Maud, sorrindo.

— Tão bem, minha madrinha, que daí a três dias era capaz de dar a outra orelha por outro saco de couves!

A MORTE DE SANTA ISABEL

De que morreu Santa Isabel?

Conhecemos, pela estátua pintada e doirada jacente sôbre a arca tumular de Santa Clara, pela tábua de Colónia (que é do século XIV, mas não deve ser um retrato directo), e pelas declarações do inquisidor Gaspar Borges de Figueiredo e dos médicos na primeira exumação (1677), os caracteres somáticos da Rainha: franzina, delicada, aspecto doentio, olhos verdes, estrabismo convergente, tipo de dólico-loira acusando a influência dos arqui-avós alemães. Para o estudo da sua vida e da sua morte, o único documento contemporâneo é a *Lenda*, escrita imediatamente depois do falecimento de Isabel de Aragão. Vejamos o que a *Lenda* nos diz acêrca da última doença da Raínha, e tentemos interpretar, sob o ponto de vista médico, as vagas indicações fornecidas, há qui-

nhentos e oitenta e quatro anos, pelo seu biógrafo anónimo.

Santa Isabel, na intenção de evitar a guerra iminente com Castela, partiu de Coimbra para Extremoz, onde se encontrava o filho, Afonso IV. Chegou a esta vila no fim de junho de 1336, e adoeceu logo. De quê? «Ouve destemperamento per rezom de huma levadiga que lhe sahio em no braço», —informa a *Lenda*. Quer dizer: sintómas gerais, perturbações gastro-intestinais, febre, atribuídos pelas pessoas que a rodeavam a uma causa local, determinada lesão que lhe apareceu não se sabe em que região do braço. Que lesão era essa, a que chamavam no tempo «levadiga»? Encontra-se a palavra num documento proveniente do cartório da Colegiada de Guimarães, de data pouco posterior à da morte da Raínha (1348), que diz: «... veo a pestelencia, e a mortandade de door de levadigas por todo o mundo tam grande, que nom ficou viva a dizima dos homees, e molheres». Acêrca da mesma peste grande, refere o *Livro da Noa*, de Santa Cruz de Coimbra: «... por São Miguel de Setembro se começou esta pestilencia, foi grande mortandade pelo mundo assy que egualmente morrerom as duas partes das gentes; e as demais doenças erão de levaçõens, que tinhão

nas verilhas, e sob os braços». Dôr de levadigas, ou doença de levações, era, portanto, a peste; e levação, ou levadiga, o bubão característico desta infecção, ou, genéricamente, o que está de acôrdo com a própria etimologia, qualquer abcesso, fleimão, ou tumor não pestoso. Faltam todas as indicações sôbre a natureza e qualidade do tumor que afligia Isabel de Aragão; sabe-se apenas que andava ligado, e que dêle saía sangue: «o pano com que ligavão as mésinhas que poinha a Rainha, andava em pano sangue, que saira daquela levadiga». Vejamos a evolução da doença. Na segunda-feira, 1 de julho, Santa Isabel não pôde já levantar-se: «não saío da cama ao Paço, ouvir missa segundo soia». E' natural que a febre tivesse aumentado, porque sobreveio delírio: «E jazendo esta Rainha Dona Beatriz sendo ácerca da cama, a Rainha Dona Isabel disse à Rainha D. Beatriz: Filha Senhora, dade logo a essa Dona que ahi vae. E a Rainha: que Dona he? E ela disse: essa que por ahi vae dessas vestiduras brancas. E a Rainha, nem as outras, nom vião cousa do que ela dizia.» Não se sabe como Isabel de Aragão passou os dias 2 e 3, terça e quarta. Na quinta-feira, 4, estava relativamente bem, não inspirando cuidados aos próprios médicos: «nom cuidarom

os fizicos que por aquela dor sua morte acerca fosse». Levantou-se «de gram manhãa»; confessou-se; saíu da câmara «sem ajuda de outrem, mui esforçada»; «veio em giolhos até ao altar», e comungou. A' noite, quiz levantar-se outra vez; teve uma vertigem que a obrigou a amparar-se ao leito; e, em seguida, uma síncope: «E estando El-Rey ante a porta da camara, a Rainha caiose da cama e onconstou-se a ela, e começou de esmorecer. Aqueles que em a camara estavão derom vozes a El-Rey. Tornou á camara, e El-Rey tomandoa per as mãos, e beijandoas, acordou a Rainha daquel esmorecer, e veo a falar com El-Rey em como esmorecera.» Disse ainda algumas palavras, — «*Maria, mater gratiae, mater misericordiae*»: depois, «foi enfraquecendo no dizer e falar, que a não podião entender», e, nessa mesma noite, 4 de julho, morreu. Eis tudo quanto, de fonte coetânea, se sabe acêrca da última doença e da morte de Isabel de Aragão. Será possível, com êstes elementos, formular um diagnóstico retrospectivo?

A idea da peste, e, por conseguinte, de uma adenopatia pestosa supurada da axila, idea naturalmente sugerida pela designação de «levadiga» dada ao tumor do braço da Raínha, parece-me que deve ser posta de lado.

A peste só doze anos mais tarde (1348) voltou a grassar com intensidade em Portugal. Além disso, o pouco que se sabe da evolução da doença de Santa Isabel contraría essa hipótese. O estado da Raínha, no próprio dia da sua morte, era aparentemente tão satisfatório, que os fisicos estavam longe de suspeitar um desenlace fatal. De resto, êsses fisicos — mestre Pedro, depois bispo da Guarda, mestre Tomé, reitor de S. Julião, homens superiores do seu tempo, e, sôbre tudo, o médico árabe de D. Afonso IV, que com êle estava em Extremoz — deviam conhecer bem a peste, e não lhes passariam desapercebidos os sintomas da grande pandemia medieva, se a ela tivesse sucumbido Santa Isabel. Também não julgo provável a hipótese de uma pústula maligna, a que se inclina, na sua admirável obra sôbre *Isabel de Aragão,* o eminente professor dr. António de Vasconcelos. Em primeiro logar, no caso da Raínha trata-se de uma lesão no braço; e os locais predilectos da inoculação carbunculosa são as partes descobertas, a face, o pescôço, as mãos. Isabel de Aragão, embrulhada no seu hábito de donata de Santa Clara, e viajando dentro de umas andas fechadas, poderia ainda ser inoculada nas mãos, ou na face; mas não era de crêr que o tivesse sido na polpa dos

braços, rigorosa e monacalmente cobertos De resto, nem a pústula maligna corresponde ao que, no século XIV, se chamava «levadiga», que é própriamente o abcesso, o bubão, nem se explicaria, perante o aparatoso sindroma do carbúnculo, a tranqùilidade e o optimismo dos médicos. O caso da Raínha deve, quanto a mim, limitar-se a um acidente local de natureza inflamatória, um furúnculo, um abcesso, um fleimão que determinou sintomas gerais graves num organismo enfraquecido pela idade e pela doença. Santa Isabel contava, ao tempo da sua morte, 62 anos; e, onze anos antes, já ela declarava que, a-pesar de ter vestido o hábito, a falta de saúde não lhe permitia a observância da regra e da ordem «por que somos em tal idade, e em tal estado, e avemos taes enfermidades, que nom poderiamos soster nem comprir aquelo» (Declaração de Santa Isabel, in *Monarch. Lusit.*, VI, 383). Não me parece improvável, perante as suas tendências sincopais, que a Raínha fôsse uma cardíaca, mais ou menos compensada; nem seria também para estranhar, em Isabel de Aragão, a existência da diabete, dada a acumulação da hereditariedade em todas as famílias dinásticas, o fundo nevropático das estirpes de Aragão, de Courtenay, de Hoenstauffen e de

Sabóia, e as estreitas relações, já, de resto, muito estudadas, entre a diabete e as nevropatias (Langiewiez, Griesinger, Lockart-Clark, Pavy, Féré, etc.). A's condições de mínima resistência do seu organismo, empobrecido por causas hereditárias, por doenças adquiridas, e pelas práticas abstinentes de uma vida quási monástica, vieram ainda juntar-se, naquele momento, o abalo moral produzido pela iminência da guerra, e a fadiga excessiva de uma jornada de Coimbra a Extremoz, pela charneca, debaixo dos calores ardentes de junho, nas terríveis andas portuguesas ou nas selas galegas ouropeladas de Afonso III. Um sôpro bastava para apagar a pequena châma daquela vida. Santa Isabel deve ter sucumbido, segundo todas as probabilidades, ou a uma síncope cardíaca produzida no decurso dos sintomas gerais de um fleimão axilar, ou a acidentes infecciosos ou adinâmicos consecutivos a um dêsses fleimões gangrenosos, tão vulgares nos diabéticos.

AS NOIVAS DE MATUSALÊM

Há mêses, em S. Carlos, no intervalo de um concêrto em que apenas se tocou Beethoven, fui visitar no seu camarote M.me X, que veste como uma boneca, raciocina como uma criança e fuma como um homem. Estava com ela uma das suas melhores amigas que, por ser a mais recente, eu não conhecia ainda. M.me X. teve a gentileza de nos apresentar, — com a expressão vagamente desdenhosa que já observei em muitas mulheres quando apresentam uma amiga mais interessante do que elas. Era uma loira esplêndida, com os perigosos trinta anos de Balzac e uns ombros olímpicos capazes de conduzir os quatorze filhos de Niobe. Admirei-a com a profunda convicção com que todos os portugueses admiram a mulher dos outros, e confesso que lhe beijei as mãos muito menos por cortezia do que pelo desejo de sentir, de

aspirar a pele morna daqueles graciosos dedos, que me davam a impressão de um pequeno molusco côr de rosa sôbre cujo dorso tivesse caído uma pérola. Percebi que M.me X. lhe chamara Viscondessa de qualquer coisa, e achei que lhe ficava bem o título. Conversámos. Falou-se da nona sinfonia; discutiu-se música alemã; disse-se mal de toda a gente que estava nos camarotes; e, a propósito da mulher do decrépito general Lencastre, que devia ter trinta e dois anos e recortava na penumbra de uma friza o seu perfil triste de marfim doirado, não pude deixar de observar, com a maior naturalidade do mundo:

— Já reparou, Viscondessa, na rapidez com que envelhecem as mulheres novas que se casam com velhos?

A encantadora criatura sorriu, e eu, animado por aquele sorriso, fiz toda a espécie de considerações acêrca da singular particularidade, que possúem os maridos velhos e decrépitos, de envelhecer rápidamente as mulheres novas com quem se casam, como se a senilidade fôsse uma doença contagiosa susceptível de transmitir-se pela intimidade conjugal. Não era uma *blague* de ocasião; era um facto já muitas vezes observado por mim, e que se repetia com a fatalidade de uma lei

biológica. Algumas raparigas que eu conhecera em solteiras, de uma frescura, de uma alegria, de uma graça de flores, fui encontrá-las mais tarde, poucos anos, às vezes poucos mêses depois do seu casamento com sexagenários e septuagenários, completamente mudadas, umas vèlhinhas precoces, estioladas, ressequidas, tristes, curvadas como pequenas múmias, e — coisa curiosa! — com uma acentuada tendência para adquirir as mesmas atitudes, a mesma expressão, a mesma fisionomia dos maridos. Estava provado já, desde os reis bíblicos até à decrepitude de Goëthe e aos conselhos de Boerhave ao burgrave de Amsterdam, que o contacto com a gente nova, remoça; não admira, portanto, que o contacto com a gente velha, envelheça. Um organismo moço que se condena a hábitos senís, cujo ritmo de vida tem de ajustar-se ao ritmo lento da existência de um velho, sofre necessáriamente o influxo de desarmonias profundas que hão de traduzir-se no abaixamento do seu tónus vital. Todas as suas energias adormecem; todos os seus tecidos se estiolam, como polpas de flôr ao sol; a braditrofia instala-se com o seu cortêjo de intoxicações, e essas semi-esposas, essas pobres noivas de Matusalêm, velhices precoces e, até certo ponto, velhices artificiais,

simulam aos trinta anos a expressão valetudinária dos setenta, e — suprema irrisão! — acabam por se parecer físicamente com os maridos, mercê de um singular mimetismo conjugal que é, para a mulher, o maior castigo dessas uniões de interêsse e de conveniência. Quando eu estava dizendo isto, M.me X. tocou-me significativamente com o pé, a porta do camarote abriu-se, entrou um velho, alto, calvo, distinto, de óculos de oiro e grande barba branca, e a Viscondessa, visívelmente contrafeita, apresentou-mo, baixando os olhos:

— Meu marido.

Não havia dúvida de que eu tinha feito uma *gaffe*. Ainda quiz, em voz baixa, confessar a essa linda mulher que ela era uma excepção, que perante ela a minha teoria dos maridos velhos abrira falência, que a sua mocidade de flôr era capaz de resistir ao hálito funesto de todos os patriarcas da Bíblia, — mas o concêrto recomeçou, o Visconde tossiu, M.me X. levou o lenço à boca para não se rir de nós três, e eu não tive remédio senão descer à plateia, instalar-me no meu *fauteuil*, e ouvir outra sinfonia de Beethoven, entre uma francesa, escandalosamente magra, decotada até aos joelhos, e um oficial de marinha, inverosímilmente gordo, que cabeceava com sono.

Passou-se tempo. Nunca mais me lembrei da admirável criatura que encontrara no camarote de M.me X. Ontem, à hora do chá, numa tarde de ligeira névoa que me fez pensar em Paris, uma *limousine*, scintilante de metais, parou à porta da Marques, e uma mulher loira, toda vestida de veludo preto, um *béret* e uma gola enorme de lontra a envolver-lhe o pescôço, apeou-se, viu-me, e caminhou para mim num ar decidido e risonho:

— Obrigada, meu amigo! Quanto lhe agradeço!

Era a Viscondessa. Olhei-a, surpreendido. Ela continuou, apertando-me a mão entre as suas:

— Sabe? Divorciei-me. Você tinha razão. Eu estava envelhecendo tanto!

UMA PAIXÃO

Os papéis do meu amigo João Monfalim, morto há pouco tempo no *Waldsanatorium* de Davos, foram remetidos à família pelo honrado dr. Jessen. Li-os, a noite passada. Num diário referente aos últimos sete mêses da sua vida, encontrei esta vibrante página de amor, que impressionou a minha sensibilidade e que, até certo ponto, explica a recente crise de doença do meu pobre amigo:

«Nove da noite. Volto a casa depois de a ter sentido palpitar, estremecer, como uma pequenina ave moribunda, entre os meus braços. E' ainda o seu perfume que me envolve, que caminha comigo, que me infiltra, que me penetra, que se espalha em redor de mim como uma atmosfera de volúpia e de mistério. Sinto-a, respiro-a, vejo-a. A sua voz canta-me aos ouvidos, os seus beijos latejam-me na bôca, passam-me diante dos

olhos, em faùlhas, em scentelhas, em clarões, o âmbar doirado da sua pele, a onda fulva dos seus cabelos, as jóias diabólicas das suas mãos. Procuro repelí-la, afastá-la do espírito, mas a sua figura adorada volta, multiplica-se, desdobra-se, transfigura-se, revive em cada mulher que passa, em cada bôca que sorrí, em cada sombra que estremece, — é ela sempre, é eternamente ela que eu vejo, que eu sinto, que eu adivinho, que eu recordo numa obsessão, como se na existência inteira, no mundo inteiro, não respirasse, não sorrisse, não beijasse, não vivesse senão ela. Deixo-me caír, extenuado, no Maple do meu gabinete de trabalho, e espero que a serenidade volte para reconstituir, para analisar as minhas emoções. Começaram a embranquecer-me os cabelos; a febre da paixão não tem já segredos para mim: e, entretanto, nunca imaginei que a sensualidade pudesse ser tão profunda, nunca supuz que no sentimento brutal da posse, gérmen confuso de toda a crueldade humana, coubesse tanta delicadeza, tanta comoção e tanta ternura. Instante de amor, vertigem de infinito, como eu abranjo agora a tua imensidade! Tudo me parece pálido e inexpressivo—afectos, ambições, ódios, grandezas — perante a fôrça dominadora daquele corpo frágil, daquelas mãos tranqùilas, daque-

les olhos enormes de criança, em cuja sombra quási rôxa dormem todos os êxtases, todos os esplendores, todas as melancolias, todas as perversidades! E porquê? O que há nela, afinal, de absorvente e de perturbador, — que encanto ou que mistério a tornam, a um tempo, infernal e divina? Pelos meus nervos corre ainda muito vivo o arrepio sagrado das suas carícias, para que eu possa analisá-la serenamente. Há na sua beleza clarões, instantes fugitivos de espiritualidade que as palavras, pobre argila espêssa e pesada, são impotentes para expressar e para traduzir. Emquanto escrevo, procuro, como Hoffmann, com o meu lápis nervoso, desenhar-lhe o perfil, surpreender a linha do seu corpo, a ondulação dos seus movimentos, os ritmos da sua marcha, — e acumulo, inútilmente, traços sôbre traços, sombras sôbre sombras. Fecho os olhos para a vêr melhor, — e a sua cabeça inolvidável aparece-me, como um Botticelli ou um Filippino Lippi, envolvida na onda inquieta dos cabelos, coroando um pescôço alto de cisne côr de rosa; acompanho a linha florentina das suas espáduas, modeladas em pequeninas fossetas de sombra doirada e macia; sigo os seus braços olímpicos, feitos para enlaçar, para apertar, para cingir, braços onde há graças de

vôo, delicadezas de arbusto, curvas flexíveis de metal; recomponho, uma a uma, as suas feições; a tristeza profunda das suas grandes pálpebras descidas e sulcadas de veias azúis; o seu nariz de deúsa, recto, imperativo, de uma impassíbilidade grega, arfando imperceptívelmente as narinas rosadas como conchas; a sua bôca expressiva até ao exagêro, quási ao mesmo tempo irónica, desdenhosa, voluptuosa, apaixonada, cruel; vejo, numa vaga névoa de rendas, o seu busto magnífico, o seu tôrso onduloso de oréada, de dríada perdida espreguiçando-se entre as espumas mitológicas de Capréa; desço aos seus pés fortes, aduncos, nervosos, flexuosos, pés grandes vinte vezes mais delicados, mais expressivos, mais subtís, mais nobres do que todos os pés pequenos, — e uma impressão de harmonia suprema, de equilíbrio perfeito, de graça musical domina, ao evocá-la, todos os meus sentidos, imobilisa-me num deslumbramento, como se a estátua gloriosamente núa de Giúlia Farnésia surgisse na penumbra côr de rosa dos meus olhos fechados. Quem é ela? O que há, no fundo do seu pensamento instável e da sua alma ignorada? Que sentimento de curiosidade intelectual, de perversidade ingénua a trouxe desvairadamente, repentinamente para

mim? Donde veio esta mulher, que encheu de súbito a minha existência, como uma fatalidade? Que abominável destino a conduziu? Que divina loucura resplandece no seu olhar? Uma página do livro de Jeanne Marni, *Comment elles se donnent*, passa no meu espírito perturbado. O brilho das pérolas, que lhe afogavam o pescôço, parece ofuscar-me ainda. Tenho a impressão de que as suas mãos, como garras, me dilaceram. Vejo-a no fundo da carruagem, embrulhada na sua capa de sêda negra, estendendo-me uns dedos pálidos onde faiscam jóias, e a frase grandiosa de Meyerbeer aparece-me, como uma profecia funesta: — «*Femme, tu prolonges l'art, mais tu raccourcis la vie!*» Que consciente obra de destruição e de morte te fez surgir no meu caminho? Flôr de veneno e de encanto, porque me sorriste tu, porque me mataste tu?»

Não sei, de todo em todo, quem foi a «flôr de veneno e de encanto» que inspirou esta página. Conseguí apenas averiguar que se chamava Maria Júlia. Dois mêses depois de a ter escrito, João Monfalim morria nos braços do dr. Jessen, repetindo o verso célebre de Millevoye: — «*Femme pour qui je meurs, vous à qui je pardonne...*»

HUMOUR

Uma destas noites, quando eu conversava, no grande salão do *Avenida Palace*, com o meu amigo Joe Seymours, a ondulação de um vestido branco passou ao fundo, junto das vidraças da sala de leitura, e eu confesso que, por um momento, a minha atenção desviou-se das considerações interessantes que, acêrca de pavões e do câmbio sôbre Londres, me estava fazendo êsse inglês ruivo pendurado num grande cachimbo de barro, — para seguir, com a mais portuguesa das curiosidades, um vulto branco de mulher que se escoava, como uma pequena névoa luminosa, entre as *brise-bise* de renda. Joe Seymours sorriu. Evidentemente, não gostou de que eu trocasse por uma fútilidade as suas sólidas palavras, e disse-me, sorvendo o seu forte tabaco de Espanha:

— Portugueses não teem espírito prático.

Ri, naturalmente, da observação do meu

amigo inglês, já feita há muito tempo por toda a gente, e quando lhe perguntei se, porventura, nunca o tinha distraído o movimento de uma sáia ou a luz de um cabelo de mulher, as pálpebras enrrugaram-se-lhe numa expressão de benevolência, os seus pequenos olhos brilharam, e Joe explicou, sêco, nítido, exacto:

—Ingleses não se preocupam com as mulheres. Ingleses preocupam-se com a sua mulher. Ingleses teem espírito prático.

O criado serviu *whisky flip*. Uma luz macia, doirada, flutuava na sala, escorria pelos Maples, flamejava nos metais. Conversámos. Foi então que Joe Seymours, falando do caracter utilitarista do anglo-saxão, me contou, com êsse incomparável *humour* que é, como o *fair play*, uma das características do espírito inglês, e que Taine definiu «*une jovialité violente enfouie sous un monceau de tristesse*», certa anecdota que teria dado uma scintilante página a Dikens ou a Thackeray, a Fielding ou a Wendel Holmes.

Morreu em Paris um belo dia, sem herdeiros forçados, um milionário americano. Era um velho gigantesco, extravagante, que fôra sócio de Géo Perkins, e que o demi-monde de *Chez Maxim's* conhecia pelo «homem dos olhos amarelos». Aberto o testa-

mento, verificou-se que deixava toda a sua fortuna, em partes iguais, aos seus três parceiros de *bridge*, — um espanhol, Don Juan Carrillo, secretário da embaixada de Espanha, um francês, Mr. Naudin, de uma empresa construtora de automóveis, e um inglês rígido, fleumático, curiosíssimo, Mr. Donaldson, que tinha estado muito tempo na Jamáica e que fazia criação de andorinhas azúis, — com a condição expressa de que, antes do saimento fúnebre, cada um dos três legatários depositaria no seu caixão cinco libras. Que eram cinco libras para os herdeiros de uma fortuna tão considerável? A' hora própria, correctamente enfiados em sôbre-casacas pretas, os três homens entraram na câmara-ardente para cumprir, com escrupulosa pontualidade, aquela singular disposição testamentária. O espanhol foi o primeiro. Avançou, grandioso, subiu os degráus da éça, cofiou reflexivamente a sua môsca à Filipe IV, mostrou aos assistentes cinco libras em oiro, e depositou-as, com solenidade, junto da cabeça do defunto. Seguiu-se o francês. Mr. Naudin, um elegante que usava espantosos coletes de veludo como o príncipe de Kaunitz, olhou em volta, tirou da algibeira uma caneta e um livro de cheques, escreveu com a maior naturalidade do mundo

— «cinco libras ao portador» — assinou, dobrou, e meteu no caixão aquele cheque a pagar na Eternidade. Chegou então a vez de Mr. Donaldson, o terceiro legatário do «homem dos olhos amarelos». Todas as atenções se fixaram nêle. Em movimentos automáticos, aquele inglês magro e formalista, que a si próprio se considerava o mais prático de todos os homens, aproximou-se, tirou do caixão as libras de Don Juan Carrillo e o cheque de Mr. Naudin, guardou-os na algibeira, abriu o seu livro de cheques, e hirto, solene, maquinal, escreveu: — «Quinze libras ao portador». Assinou, mostrou a ordem de pagamento aos circunstantes, e meteu-a nas mãos do defunto. *All rigth!* Momentos depois, o caixão soldava-se. Mr. Donaldson, sem ter deixado de cumprir as disposições do testamento, — ganhara dez libras.

— Inglês deve fazer dinheiro de tudo, excepto da sua consciência, — comentou Joe Seymours.

Entretanto, a ondulação do vestido branco, que eu adivinhara através das vidraças da sala de leitura, vinha caminhando para nós. Era a riquíssima *Miss* Molly, — loira, rosada, transparente, espiritual como o retrato célebre de John Opie — a quem Joe beijou a mão.

— *Good nigth!*

— *Good nigth!*

Joe Seymours olhou-a emquanto ela se afastava na atmosfera luminosa da sala, e, como me visse sorrir, disse-me, sorvendo o seu cachimbo:

— Inglês não se casa senão com uma mulher por quem se apaixone.

E concluíu, impassível:

— Mas nunca se apaixona senão por uma mulher que tenha dinheiro.

A PAZ

Não resta a menor dúvida. O meu amigo Horácio Pontes, o helenista admirável em cuja calva socrática resplandecia a alma da velha Grécia, o meu falecido camarada Pontes — ressuscitou. Vi-o ontem, vestido de uma gabardine impermeável, um côco cinzento no alto da cabeça, descer o Chiado e abrir-me os braços. Fiquei assombrado. Eu não podia, sem cometer uma grave inconveniência, perguntar-lhe se estava vivo. Pareceu-me também de mau gôsto, tratando-se de um homem que ressuscitou, informar-me da sua saúde. Limitei-me a abraçá-lo com efusão, para me certificar de que a imagem de Horácio Pontes era rial e palpável, e exclamei, para dizer alguma coisa:

— Então o que há da paz?

— Corre tudo às mil maravilhas. Estamos já a caminho da outra guerra.

— Qual guerra?

Horácio olhou-me, numa expressão entre irónica e profunda, e passeando diante da Havanesa a sua bengala *pomme d'or*, com a solenidade com que Demósthenes arrastava o seu báculo no Pnyx, quiz ter a gentileza de me elucidar:

— O meu amigo sabe que a história se repete rítmicamente por ciclos de acontecimentos. Os homens e os factos são sempre os mesmos; só os scenários mudam. E' daí que provêm o valor da história como lição. Os acontecimentos do passado esclarecem e comentam os factos do presente. A história é um oráculo. Consulto-a várias vezes, com o mesmo supersticioso terror com que um grego entrava no templo branco de Delphos. Foi o que fiz agora, a propósito dos sucessivos armistícios e da próxima paz wilsoniana. Sabe você o que a história me disse? Que às lutas da Grande Guerra iam suceder-se fatalmente, necessáriamente, as guerras da Grande Paz. Ora eu me explico melhor. Há uma página da epopeia grega que não recordo nunca sem sentir retinir, clangorar aos ouvidos, como uma fanfarra de cobre, os versos sonoros de Eschylo. São as guerras médicas. O imperialismo persa, o pan-mèdismo do v século, na sua marcha de infiltração e

de conquista para o ocidente — o caminho do sol — apossou-se das cidades gregas da Asia-Menor, disputou a Athenas a influência no mar Egêu e ameaçou a Europa. Quem dominava então na Pérsia era a dinastia dos Aqueménidas, espécie de Hohenzollern médos dispondo de um poder militar considerável, de exércitos em que se contavam por milhões as unidades humanas—*psiammokosiogárgara,* como dizia, sorrindo, Aristóphanes — e por milhares as unidades paquidérmicas, colossais elefantes de batalha, que não eram outra coisa senão os *tanks* animais blindados da guerra primitiva. Esses exércitos bárbaros massacraram populações, destruíram e incendiaram cidades, encheram de indignação e de terror o mundo grego, e teriam, decerto, irrompido pela Europa e modificado profundamente os seus destinos históricos, se duas grandes potências militares aliadas, uma poderosa no mar — Athenas e as suas cólónias —, outra poderosa em terra — Sparta e a confederação dórica —, não lhes tivessem oposto, em nome da liberdade e da civilização, a barreira de bronze das suas armas. O *Marne* de então chamou-se Marathona. Uma outra grande batalha — Salamina — restituiu a Athenas a supremacia dos mares. As vitórias de Micália e de Plateia acabaram de ferir

no coração o imperialismo persa, — e os fortes espartanos galeados de cobre, e os elegantes atenienses coroados de violetas — *iostephanous* — conseguiram, pela sua acção coalisada, salvar a Europa, destruir o militarismo aqueménida, impôr o respeito pelas pequenas nações e assegurar o triunfo das democracias. Fez-se a paz, que não foi de Wilson, — mas que foi de Címon. E depois, que sucedeu? Que viu o mundo grego, cheio de assombro, quando julgava ter conquistado definitivamente o direito de depôr as armas e de gosar tranqùilamente uma paz doirada, dionisíaca e fecunda? Viu rebentar de novo a guerra, — e, desta vez, entre Athenas e Sparta, entre os próprios aliados, incapazes de entender-se na partilha das vantagens que lhes tinham resultado da vitória comum. Os problemas da supremacia dos mares, da expansão colonial de Athenas, do seu desarmamento, das suas zonas de influência comercial, tiveram de ser resolvidos pelo ferro, pelo fogo e pelo sangue, usando-se dos mesmos processos bárbaros que a alma helénica, possuída do sentimento imortal da justiça e da humanidade, condenara no militarismo persa. A guerra do Peloponeso, essa guerra inter-aliados, essa guerra-da-paz, a que Seignobos chamou «luta do elefante e da

baleia», durou 27 anos, foi uma triste epopeia de negociantes e de novos-ricos, e constitúe a expressão de uma fatalidade histórica, que tem inexorávelmente de repetir-se sempre que um grupo de nações animadas de espíritos diversos e de interêsses contraditórios, se coalisa para combater um inimigo poderoso, e o vence pelo esforço guerreiro. Estamos em vésperas de assinar a paz. Pois, meu amigo, você verá que, uma vez destruído o imperialismo germânico, uma nova guerra vai rebentar entre algumas das nações que se aliaram para destruí-lo, — e não será, decerto, uma surprêsa para ninguêm, vêr a confederação alemã entrar na luta, colocando-se decisivamente ao lado de um dos grupos beligerantes. A questão da liberdade dos mares é a scentelha destinada a atear a nova conflagração. Como conseqùência, uma inversão de hegemonias está prestes a produzir-se no mundo. Registe o que eu lhe digo e espere os acontecimentos. Ontem, era a Europa que tinha colónias na América; àmanhã será a América que terá colónias na Europa. Eis o que me afirmou o oráculo de Delphos, quando, entre ciprestes rôxos e loureiros sagrados, ao sol da Hélade branca, subi as escadas do seu templo.

Horácio Pontes calou-se. Principiava a

animar-se o Chiado. Junto de nós passou uma linda mulher, coberta de peles — como todas as feras. Quando eu ia responder às singulares afirmações que ouvira, o meu falecido amigo levantou os braços, saùdou-me como o faria um grego elegante da decadência — *Kaire kai erroso!* —, e desapareceu no clarão do poente.

FREI BONIFÁCIO

Bonifácio Mendes, casado, de 48 anos, curto de entendimento, tronchudo de carnes como o escudeiro Sancho, vivia por volta de 1780 na Azueira, era de sua profissão almocreve, e fazia a recovagem entre Tôrres Vedras e a côrte. Um dia, assentado no albardão mourisco da burra, pensou com Deus e comsigo que, se cortasse a direito pela tapada de Mafra, encurtaria caminho. Obtida licença do guardião do convento e do intendente do paço, Bonifácio Mendes, inundado de beatitude e de sol, um barrete verde de orelhas enfiado na cabeça, as pernas tortas apresilhadas numas polainas de saragoça de varas, abriu a cancela, tornou a montar na cavalgadura, e, ao chouto dançado das esquilas de cobre, na sesta mais ardente de todo aquele agosto pagão, lá meteu, risonho e pacífico, pelas brenhas da tapada rial. Não

andou muito tempo que não visse, acocorados em volta de uma toalha branca, numa viçosa e copada sombra, três frades merendando.

— Salve-os Deus, meus padres!

Os arrábidos, afogueados da merenda, com o chiote remangado a mostrar a polpa gadelhuda dos braços, olharam o almocreve, cuidaram um instante que o próprio Sileno, obeso e coroado de pâmpanos, vinha assistir à bacanal daquela tarde doirada, saltaram, deitaram mão ao cabresto da azêmola, rodearam o homem, botaram-no do albardão abaixo, meteram-lhe nas mãos uma tarrada espumante de vinho novo, e não largaram mais o pobre recoveiro da Azueira, que ria como uma páscoa, emquanto o não viram perdido de bêbado, a rebolar-se na relva, abraçado à burra, qual de baixo, qual de cima. Mas ia caíndo a noite, os frades tinham de recolher para vésperas, e foi preciso decidir o que havia de fazer-se ao almocreve, se deixá-lo a roncar de borco na terra, com os chocalhos ao pescôço e os ceirões de esparto às costas, se albergá-lo por caridade no convento. Venceu o alvitre mais cristão, e emquanto um dos arrábidos conduzia a alimária, os outros dois levaram em charola o Bonifácio Mendes e deitaram-no em cima de

uma manta num dos escanos da portaria. Três franciscanos juntos — já o dizia Frei Apolinário da Conceição — são a imagem do mesmo diabo. Noite andada, depois de matinas — de que haviam os frades de se lembrar? — foram-se ao almocreve que dormia no melhor do seu sono, raparam-lhe a cara, abriram-lhe o cercílio com todo o escrúpulo da regra na tonsura franciscana, despiram-no, descalçaram-no, ataram-lhe umas sandálias, enfiaram-lhe umas bragas de estôpa, um hábito de capucho, puzeram-lhe à cinta umas camândulas e uma corda de nós, levaram-no para a cela de um padre velho que saíra a ares, deitaram-no nas cortiças do catre, fecharam-lhe a porta, e combinaram os três vir acordá-lo na manhã seguinte, antes do refeitório, para vêr o que faria o triste patego da Azueira quando se visse transformado em Frei Bonifácio. Se bem foi dito, melhor foi feito. Ao outro dia, na volta do côro, depois da hora de prima, os três frades entraram na cela do recoveiro, ferrado ainda no sono, cantaram-lhe uma antífona aos ouvidos em vozes atroadoras, sacudiram-no, varejaram-no, borrifaram-no, — e acabaram por acordar aquela formidável massa de estupidez e de vinho que roncava dentro de um chiote de S. Francisco. Bonifácio Men-

des assentou-se de repelão, encarou os frades, esfregou os olhos, palpou-se e sentiu a estamenha do hábito, deitou as mãos à cabeça e encontrou-a rapada à navalha, saltou da cama e viu os pés nús abroxados em sandálias de frade, desatou a berrar aqui-del-rei, a chamar como um possesso pela mulher e pela burra, a escabujar em tão fortes gritos, que os padres temeram que o escândalo chegasse ao guardião e ao mestre de noviços.

— Mas Vossa Paternidade que tem? — perguntavam-lhe os arrábidos, rodeando-o.

— Qual Paternidade, nem qual diabo! Eu sou o recoveiro da Azueira, vou para Loures e quero a minha burra!

— Então Vossa Paternidade não vê que é o reverendo vigário do mosteiro?

— E' que me trocaram emquanto eu dormia! Que eu ontem era almocreve, a minha mulher é Ana Lourença, e quero já para aqui a cavalgadura que me furtaram!

Dois leigos da cozinha, industriados pelos três frades, assomaram à porta com um tacho de assôrda cheirosa, uma infusa de vinho e uma escudela de pêcegos de Alcobaça. Tão respeitosamente se curvaram diante dèle, com tanta veneração o serviram, com tanta gravidade lhe entregaram um papel

dobrado e empastado de obreias, dizendo-lhe que era uma carta de Sua Majestade, que o bom do almocreve principiou a tomar a parte a sério, a sentir-se bem no hábito, a achar aquilo uma santa vida regalada de mimos, a aceitar quási sem esforço a idea de que se metera frade, a ter inclusivamente dúvidas sôbre se o recoveiro estremenho que êle conhecera era outro ou era êle próprio, — e o seu estado de consciência tornou-se de tal modo confuso que, quando um dos arrábidos, perdido de riso, lhe entregou um breviário para o côro, Bonifácio Mendes não poude conter-se que não dissesse:

— Vossas mercês deixem-me ir primeiro à Azueira perguntar à minha mulher quem eu sou. Ela conhece-me melhor do que as pulgas da minha cama. Se eu não fôr quem cuido, bem está; agora se ela disser que sou eu, — com o perdão de Vossas Reverências, já cá não volto.

Veio da estrebaria do convento a burra do almocreve, que os frades tinham mandado caiar de branco, amantada e arreada de atafais velhos, e Bonifácio Mendes, com um alforje de franciscano e as avarcas de bezerro às costas, lá foi, na raçada do sol, a caminho da Azueira, entre os frouxos de riso dos três padres. Logo que chegou, por chafur-

deiros e barrocas, ao quinteiro viçoso da casa onde morava, e viu Ana Lourença, descalça, carnaçuda, com o seu còlete de serafina encarnada e a sua saia curta de estamenha, apanhando da terra a bosta dos bois, deitou-se abaixo da cavalgadura e atirou-se aos beijos à mulher. Foi o fim do mundo. A Lourença, que tinha o coração ao pé da bôca e era mulher de boas contas em virtude, assim que se viu agarrada por um frade, regaçou de um estadulho, foi-se a êle, deu-lhe tanta pancada que lhe esmocou a cabeça, e se lho não tiram das mãos ainda o acabava com uma foice roçadoura, porque não houve convencê-la de que era o marido.

— E' que não sou eu, — concluiu resignadamente o recoveiro, deitando a alforjada às costas e arrepiando caminho para o convento.

Bonifácio Mendes chegou a Mafra pela noite, convencido de que era, de facto, o reverendo vigário da casa, apresentou-se ao prelado, que o recebeu, primeiro com indignação, depois com caridade, — e, treze mêses andados, o pobre almocreve tomava, perante os frades compungidos, o hábito da província da Arrábida, em cuja mortalha veio a morrer, trinta anos depois, em cheiro de santidade.

INDICE

A «blague» de Gil Pompeia 7
O elogio dos quarenta anos 13
Como elas andam 19
O primeiro marido 25
A Catedral de Amiens 31
Uma mulher fatal 37
Ilha dos Amores 43
O paradoxo do Doutor Marcondes 49
A mulher e o cão 55
Os «vicentes» 61
Dois capacetes 67
Frank Craig 73
A arte de ser feliz 79
Augusto Rosa 85
As ideas de Fausto Aranha 91
O rato e o vitral 99
Os bárbaros 105
Madre Ana Dorotéa 111
Um pintor brasileiro 117
Psicologia da ingratidão 123
A batalha de Lavantie 129
O Bispo do Porto 135
Degenerados 141
O Paço de Mourousós 147
Uma rainha 153
O pintor do Alentejo 161
Frei Colherão 169
As quintas-feiras de El-Rei 175
História duma orelha 181
A morte de Santa Isabel 187
As noivas de Matusalêm 195
Uma paixão 201
Humour 207
A Paz 213
Frei Bonifácio 219

Raphael Bordallo Pinheiro

DESENHOS ESCOLHIDOS

POR

Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro

COM UM ESTUDO DE

Manoel de Sousa Pinto

Êste esplêndido volume, um dos mais importantes da bibliografia artística portuguesa, forma um luxuoso álbum impresso em magnifico papel *couché* e contendo a reprodução de noventa das melhores páginas, litografias e desenhos, alguns ineditos, do grande mestre, carinhosamente seleccionado por seu filho MANUEL GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO.

Precede-o um largo estudo biográfico e crítico de MANOEL DE SOUSA PINTO, sôbre **Bordallo e a Caricatura,** ilustrado com mais de setenta curiosissimas reproduções e dividido nos seguintes capítulos: I. *O Fundador da dinastia.* — II. *Primeiras afirmações.* — III. *Do «Calcanhar de Aquiles» ao «Binóculo».* — IV. *Das «Bodas da aldeia» à «Lanterna mágica».* — V. *Bordallo no Brasil.* — VI. *«O António Maria» e o «Album das Glórias».* — VII. *Dos «Pontos nos ii» à «Paródia».*

1 volume de 264 páginas, in-8.º grande, com 162 gravuras

PEDIDOS DESTA OBRA:

Em PORTUGAL (Lisboa)
Sociedade Editora Portugal-Brasil L.da
Rua Garrett, 58 e 60
Rua do Ouro, 132 a 138

No BRASIL (Rio de Janeiro)
Companhia Editora Americana

Livraria Francisco Alves

PORTUGAL-BRASIL L.DA

SOCIEDADE EDITORA

58, Rua Garrett, 60 — LISBOA — 132, Rua do Ouro, 138

A. Corrêa d'Oliveira
Parabolas, enc. ..... 1$00
O Pinheiro Exilado $50
Tentações de S. Frei Gil, enc. ..... 1$20
Ara, enc. ..... 1$00

Affonso Lopes Vieira
Animaes nossos amigos, ilustrações de Raul Lino 1$20
O Pão e as Rosas $80

Alberto Telles
Camillo Castelo Branco na Cadeia da Rel. do Porto $80

Augusto Fuschini
A Architectura religiosa na idade media ..... 1$50

Candido de Figueiredo
Prosas Modernas $50

Carlos Malheiro Dias
A Verdade Nua ..... 1$00

Coelho de Carvalho
A Eneida de Vergilio ..... 1$00

Conde de Monsaraz
Obras do Conde de Monsaraz: *Catharina d'Athayde — O Grande Marquez — Lenda do Jesuitismo*, 2 vol., broch ..... 1$60
Enc. ..... 2$40

Conde de Sabugosa
Embrechados, br ..... 1$00
Cart. ..... 1$20
Gente d'Algo ..... 2$00

Consiglieri Pedroso
Contos Popul. Portuguezes 1$50

Eduardo de Aguilar
Tragedias de Roma ..... 1$50

Eduardo Schwalbach
A Historia da Carochinha $60

Egas Moniz
A Vida Sexual ..... 2$00

Emmanuel Lassarre
Os delinquentes Passionaes e o Criminalista Impallomeni ..... 1$00

João de Castro
Jornadas pelo Minho $60

João Chagas
Bom Humôr ..... 1$00

João do Rio
A Mulher e os Espelhos ... 1$00

Julio de Castilho
Fastos Portuguezes $80

Julio Dantas
Espadas e Rosas ..... 1$00

Justino de Montalvão
França de Dôr e de Gloria $80

Manoel de Sousa Pinto
Castelo do Amôr ..... 1$00

Urbano Rodrigues
A Duqueza de Baeta ..... 1$50
Coração $70

Theatro:

Augusto de Castro
Amôr á Antiga, 4 actos ... $60

Carlos de Moura Cabral
Comedia Intima, 1 acto ... $20

H. Lopes de Mendonça
Nò Cégo, 3 actos $40

Julio Dantas
Carlota Joaquina, 1 acto ... $40

Marcelino Mesquita
Almas Doentes, 2 actos ... $40

Urbano Rodrigues
A Pone — A Ultima Aventura — Maria da Graça. $80

Vasco Mendonça Alves
Promessa, 4 actos $60

No prélo:

Augusto de Castro
Conversar (Sobre Amores, Ironias, Viagens).

Camara Lima
Beco do Fala-Só.

Carlos Malheiro Dias
A Esperança e a Morte.

Celso Vieira
O Semeador.

Iracema
Cartas de Mulher.

João do Rio
Rosario de Illusões.

Justino de Montalvão
Na Luz d'Oiro do Brasil.
A Mulher da Mascara.

Manoel da Silva Gaio
De Roma e suas conquistas

Paulo de Gardenia
Leticia.

Samuel Maia
Sexo Forte.